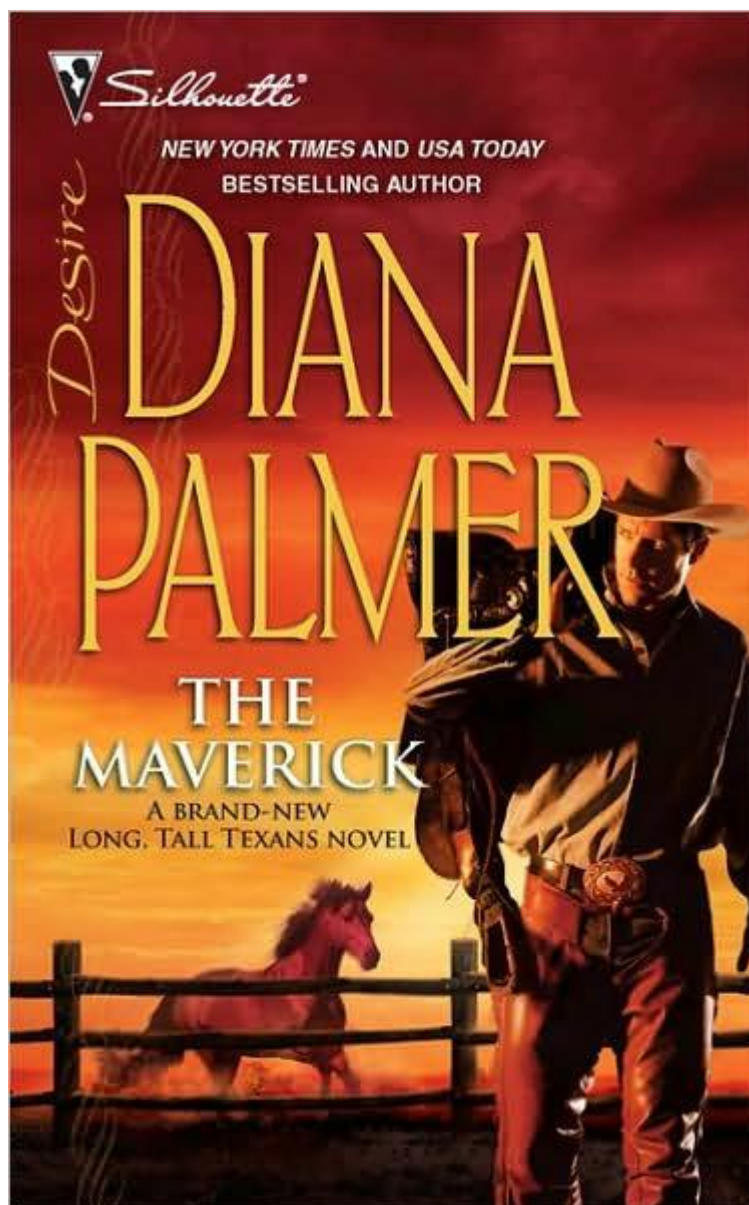


O REBELDE

— Harley Fowler e Alice Mayfield Jones —

Diana Palmer

Homens do Texas, 42



Sempre no meio de confusão, seja ela durante o rodeio ou nos bailes do município de Jacobsville, Harley Fowler emerge são e salvo. Até que ele encontra um furacão de primeira classe, a investigadora Alice Jones, que está tentando resolver um assassinato envolvendo a única família sobre a qual Harley não quer falar — a dele mesmo. De repente ele está no meio do caos — e tudo o que Harley consegue pensar é em proteger Alice. Mas a mulher teimosa não aprecia seus esforços. O que um rebelde convicto deve fazer? Será sedução a saída?



Capítulo 1

Harley Fowler olhava para a sua lista de tarefas com tanta atenção que acabou trombando com uma jovem morena enquanto entrava na loja de ferragens de Jacobsville, Texas. Ele olhou para cima, chocado, quando ela caiu sobre a porta, o encarando.

— Eu já ouvi falar de homens que se afundam no trabalho, mas isso é demais — ela disse com um olhar zombeteiro. Ela passou a mão pelo cabelo curto, sentindo uma fisgada no lugar onde batera na porta. Olhos azuis profundos penetraram os dele, de um tom mais claro. Ela notou que ele tinha cabelo castanho claro e estava usando um boné de beisebol que lhe caía muito bem. Ele era muito sexy.

— Eu não estou afundado no trabalho — ele disse brusco — Estou tentando voltar ao trabalho, e listas de compras estão me afastando dele.

— O que não explica você sair por aí agredindo mulheres com portas. Explica? — ela zombou.

Os olhos dele brilharam.

— Eu não agredi você com uma porta. Você veio na minha direção.

— Não fui. Você estava olhando para esse pedaço de papel com tanta atenção que não veria um trem se aproximando — ela esticou os olhos para ver a lista — Tesoura para podar? Dois rastelos novos? — ela torceu os lábios, mas os olhos sorriam — Você obviamente é o jardineiro de alguém — ela disse indicando os sapatos enlameados e o boné de beisebol.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Eu não sou um jardineiro — ele disse indignado — Eu sou um caubói.

— Não é!

— Com licença?

— Você não tem um cavalo, não está usando um chapéu de caubói e não tem nenhuma chapela — ela olhou para os pés dele — Você nem está usando botas de caubói!

Ele a encarou.

— Você escapou da terapia intensiva?

— Eu não estava na terapia — ela disse orgulhosamente — As minhas peculiaridades são tão únicas que eles não poderiam me classificar nem com a última edição do DSM-IV, muito menos tentar me analisar!

Ela estava se referindo a um volume clássico de psicologia que era usado para diagnosticar doenças mentais. Ele obviamente não tinha idéia do que ela estava falando.

— Então você sabe cantar?

Ele a olhou chocado.

— Por que eu saberia cantar?

— Caubóis cantam. Eu li em um livro.

— Você sabe ler? — ele perguntou com falsa surpresa.

— Por que você achou que eu não sabia? — ela perguntou.

Ele indicou a placa que ficava na porta da loja e que dizia claramente, em letras enormes, PUXE. Ela estava tentando empurrá-la.

Ela soltou a porta e abaixou a cabeça.

— Eu vi — ela disse defensiva — Eu só queria saber se você estava prestando atenção — ela inclinou a cabeça na direção dele — Você tem uma corda?

— Por quê? — ele perguntou — Você está pretendendo se amarrar?

Ela suspirou com exagerada paciência.

— Caubóis carregam cordas.
— Por que motivo?
— Para que eles possam amarrar o gado!
— Não se acham muitas cabeças de gado andando por lojas de ferragens — ele murmurou parecendo mais confiante.
— E se você achasse? — ela insistiu — O que faria para tirar uma cava da loja?
— Touro. Nós criamos touros purosangue Santa Gertrudes na fazenda do senhor Parks — ele corrigiu.
— E vocês não tem nenhuma vaca? — ela fez uma careta — Então vocês não criam novilhos.
O rosto dele corou.
— Nós criamos novilhos. Nós temos vacas. Nós apenas não as levamos até lojas de ferragens e as enlouquecemos!
— Bem, perdoe-me! — ela disse em tom de desculpas — Eu nunca disse que você levava.
— Chapéus de caubói, cordas e vacas — ele murmurou. Ele abriu a porta — Você vai entrar ou ficar aqui? Eu tenho trabalho a fazer.
— Fazer o quê? Bater na cabeça de mulheres suspeitas com portas? — ela perguntou divertida.
Ele deslizou os olhos impacientemente desde as roupas limpas até a bolsa que ela segurava.
— Você vai entrar na loja? — ele disse com forçada paciência, mantendo a porta aberta.
— De fato, sim — ela respondeu se aproximando — Eu preciso de algumas fitas métricas, super bonder, fósforos, giz, alfinetes, barbantes coloridos e fita adesiva.
— Não diga — ele zombou — Você é uma empreiteira.
— Oh, ela é algo um pouco menos convencional que isso, Harley — o chefe de polícia Cash Grier disse enquanto subia os degraus da loja — Como vai, Jones? — ele perguntou.
— Estou cavando alguns buracos, Grier — ela respondeu com um sorriso — Quer alguns?
Ele ergueu as mãos.
— Nós não temos muito trabalho com homicídios por aqui. Eu gostaria de manter assim — ele franziu a testa — Você está um pouco longe do seu território, certo?
— Estou. Eu fui convocada pelo seu xerife, Hayes Carson. Ele precisa de mim. Eu estou analisando a cena do crime em Bexar County, mas não trouxe muito equipamento. Espero que a loja de ferragens tenha todos. A viagem até San Antonio é longa quando você está em um caso.
— Em um caso? — Harley perguntou confuso.
— Sim, em um caso — ela disse — Ao contrário de você, alguns de nós são profissionais que tem empregos de verdade.
— Você o conhece? — Cash perguntou a ela.
Ela lançou um olhar estudado na direção de Harley.
— Na verdade não. Ele subiu os degraus com pressa e me bateu com a porta. Ele diz que é um caubói — ela acrescentou em tom confidencial — Mas só entre nós, tenho certeza de que ele está mentindo. Ele não tem um cavalo ou uma corda, não esta usando botas e chapéu de caubói, diz que não sabe cantar, e ele acha que touros andam por aí em lojas de ferragens.
Harley a encarou com as emoções mais confusas que já sentira em anos.
Cash reprimiu uma gargalhada.

— Bem, na verdade ele é um caubói — Cash o defendeu — Ele é Harley Fowler, o capataz de Cy Parks.

— Imagine só! — ela exclamou — Que golpe para a imagem do Texas se algum turista aparecer e presenciar esse homem vestido assim! — ela indicou a figura de Harley com uma mão — Eles não podem nos chamar de a capital mundial dos caubóis se tivermos pessoas cuidando do gado com roupas de beisebol! Nós seremos massacrados!

Cash tentava não rir. Harley parecia querer explodir a qualquer momento.

— É melhor um caubói sem um cavalo do que uma empregada com uma atitude como a sua! — Harley devolveu, os olhos brilhando — Estou impressionado por alguém aqui contratar uma pessoa como você para fazer compras.

Ela lançou-lhe um olhar superior.

— Eu não compro coisas. Mas poderia se quisesse.

— Ela realmente não compra coisas — Cash disse — Harley, essa é Alice Mayfield Jones — ele apresentou — Ela é investigadora do escritório médico de Bexar County.

— Ela trabalha com pessoas mortas? — Harley exclamou e deu um passo para trás.

— Corpos mortos — Alice devolveu, notando o nojo dele — E eu sou muito boa no que faço. Pergunte a ele — ela acrescentou, indicando Cash.

— Ela tem uma reputação — Cash admitiu. Os olhos escuros brilharam — E um apelido.

— Você falou com Marc Brannon — ela acusou.

— Você o ajudou a resolver um caso, quando ele ainda era um Texas Ranger — ele apontou.

— Agora eles estão com esse cara novo, transferido de Houston — ela disse em um suspiro — Ele é duro na queda. Nenhum senso de humor — ela lançou-lhe um olhar zombeteiro — Assim como você era, quando ainda trabalhava em San Antonio, Grier — ela recordou — Um profissional solitário com um mau comportamento.

— Oh, eu mudei — ele deu um risinho — Uma esposa e uma filha podem mudar o pior dos seres humanos.

Ela sorriu.

— De verdade? Se eu tiver tempo, adorarei conhecer essa garotinha de quem todos falam. Ela é tão bonita quanto a mãe?

Ele concordou.

— Oh, sim. Cada milímetro.

Harley ajeitou a gola da camisa.

— Vocês poderiam parar de falar sobre crianças, por favor? — ele murmurou — Vou começar a espirrar.

— Alérgico a coisas pequenas? — Alice chiou.

— Alérgico ao assunto casamento — ele enfatizou com um olhar significativo.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Desculpe, mas você achou que eu ia pedi-lo em casamento? — ela perguntou divertida — Você não é feio, eu acho, mas tenho um padrão muito alto para possíveis noivos. Francamente — ela acrescentou com um tom zombeteiro — Se você estivesse a venda em uma loja de noivos, eu posso assegurar que não compraria você.

Ele a olhou como se duvidasse do que estava ouvindo. Cash Grier precisou virar-se. Seu rosto estava ficando roxo.

A porta da loja se abriu, e um homem alto e taciturno, de cabelos escuros saiu. Ele franziu a testa.

— Jones? O que diabos você está fazendo aqui? Eles requisitaram o Longfellow!

Ela o encarou.

— Longfellow entrou no banheiro das mulheres e se recusou a sair — ela disse orgulhosamente — Então eles me mandaram. E por que você está interessado no caso do xerife Hayes? Você é um agente do governo.

Kilraven colocou o dedo sobre os lábios e olhou ao redor para certificar-se de que ninguém ouvira.

— Eu sou um policial, trabalhando na força policial da cidade — ele disse brusco.

Alice ergueu as mãos defensivamente.

— Desculpe! É tão difícil guardar todos esses segredos!

Kilraven olhou para o chefe e voltou a encarar Alice.

— Que segredos?

— Bem, tem o caubói sem um cavalo aqui — ela apontou para Harley — E o homicídio no rio Little Carmichael...

Os olhos de Kilraven se arregalaram.

— No rio? Eu pensei que fosse na cidade. Ninguém me disse!

— Eu acabei de dizer — Alice disse — Mas é um segredo. Eu não deveria contar a ninguém.

— Eu estou ao serviço da lei local — Kilraven insistiu — Você pode me contar. Quem é ele?

Alice lançou-lhe um olhar obscuro e apoiou a mão no quadril.

— Eu só olhei para ele por dois minutos antes de perceber que precisava de mais equipamentos investigativos. Ele é um homem e está morto. Ele não tem identidade, está pelado, e até mesmo a própria mãe não reconheceria o seu rosto.

— Mandíbula... — Kilraven começou.

— Para isso, você precisa de dentes identificáveis — Alice disse docemente.

Harley ficou pálido.

Ela olhou para ele.

— Você é sensível? — ela perguntou esperançosa — Uma vez eu examinei um cara que havia sido morto porque a namorada o pegou com uma prostituta. Depois que ela o matou, cortou o seu... Aonde você vai?

Harley estava correndo para o interior da loja.

— Banheiro, eu imagino — Grier deu um risinho para Kilraven, que gargalhou.

— Ele trabalha com gado e é sensível? — Alice perguntou deliciada — Eu aposto que ele é uma fonte de diversão na época dos rodeios!

— Isso não foi legal — Kilraven chiou — Todo mundo tem um ponto fraco, Jones. Até mesmo você.

— Eu não tenho pontos fracos — ela assegurou.

— Também não tem vida social — Grier murmurou — Eu soube que você tentou fazer uma autópsia em um peru durante uma investigação de assassinato na Carolina do Norte.

— Isso foi uma brincadeira — ela disse, o rosto endurecido.

Os dois homens gargalharam.

— Eu tenho que voltar ao trabalho — ela disse ficando séria — Esse é um caso estranho. Ninguém sabe quem esse cara é ou de onde ele vem, e a tentativa de deixá-lo identificável foi muito boa. Mesmo com DNA, quando eu conseguir uma autorização do estado — e não prendam a respiração durante o processo — Não sei se conseguirei identificá-lo. Se ele não tem antecedentes criminais, não constará em nenhum arquivo.

— Pelo menos isso não acontece muito — Kilraven disse baixo.

Jones sorriu para ele.

— Quando você voltará para San Antonio? — ela perguntou — Você solucionou o caso Pendleton e ajudou a prender os bandidos.

— Apenas alguns não são presos — ele disse. Em seguida afastou-se dela e do chefe — Eu voltarei à patrulha.

— A mulher de Brady fez sopa de batatas e pão de milho para o almoço. Não perca.

— Pode deixar, chefe.

Alice observou o policial atraente.

Ele é uma beleza. Mas ele não está procurando uma pretendente por aqui? —ela perguntou a Cash.

Ele inclinou-se na direção dela.

— Winnie Sinclair trabalha no 911. A fofoca é de que ele está caído por ela. É por isso que ele está procurando desculpas para não voltar.

Alice ficou preocupada.

— E ele está escondendo um passado que quase ninguém conhece. Ele está fingindo que nunca aconteceu.

— Talvez ele precise.

Ela concordou.

— Foi ruim. Um dos piores casos em que eu já trabalhei. Pobre homem — ela franziu a testa — Eles nunca solucionaram o crime. O bandido ainda está solto por aí, aprontando mais coisas. Kilraven e seu irmão, Jon Blackhawk, devem ter ficado loucos imaginando quem poderia ser. Talvez alguém que até já esteja preso.

— O pai deles era um agente do FBI de San Antonio, antes de morrer de cirrose por conta dos assassinatos. Blackhawk ainda é um agente — Cal respondeu pensativo — Pode ter sido um caso em que qualquer um dos três tenha trabalhado.

— Pode — ela concordou — Isso deve perseguir os irmãos. A culpa deve ser terrível, mas eles não querem se arriscar novamente envolvendo mais alguém. Eles evitam mulheres. Especialmente Kilraven.

— Ele não quer passar por isso novamente — Cash disse.

— Essa tal Sinclair, como ela se sente em relação a Kilraven?

Cash sorriu amigavelmente.

— Eu não sou fofoqueiro.

— Chato.

Ele riu.

— Ela é louca por ele. Mas é muito jovem.

— A idade não importa — Alice disse com um olhar franco — Pelo menos, algumas vezes — ela abriu a porta — Vejo você por aí, Grier.

— Você também, Jones.

Ela entrou na loja de ferragens. E lá estava Harley, pálido e enjoado. Ele a encarou.

Ela ergueu as mãos.

— Eu nem ao menos fui gráfica — ela disse na defensiva — E só Deus sabe como você consegue trabalhar em uma fazenda com esse estômago.

— Eu comi alguma coisa que não fez bem — ele disse friamente.

— Nesse caso, você não deve ter muitos amigos...

O atendente deu uma gargalhada.

— Eu não como pessoas! — Harley murmurou.

— Eu espero que não — ela respondeu — Quero dizer, ser canibal é muito pior do que ser jardineiro.

— Eu não sou um jardineiro!

Alice deu um sorriso doce para o atendente.

— Você tem giz e fita métrica? — ela pediu — Eu também preciso de baterias duplas para minha câmera digital e um sabonete líquido antibactericida.

O atendente ficou atônito.

Harley deu um risinho. Conhecia esse homem muito bem. Alice não.

— Ei, John, essa é uma investigadora de crimes honesta e muito esperta — ele disse ao jovem — Ela trabalha no centro médico em San Antonio!

Alice sentiu o estômago remexer ao notar o brilho nos olhos do atendente. O rosto todo tornou-se iluminado.

— É mesmo? Puxa, eu assisto todos os programas do CSI — ele exclamou — Eu sei tudo sobre exames de DNA. Eu até sei como identificar há quanto tempo alguém está morto apenas pelos insetos que pousam nele...!

— Tenha um bom dia, senhorita Jones — Harley disse a Alice, zombando do exuberante monólogo do atendente.

Ela o encarou.

— Muito obrigada.

Ele tocou a aba do boné.

— Vejo você, John — ele disse ao rapaz. Harley pegou as suas sacolas, sorriu com puro prazer e saiu pela porta.

O atendente acenou distraído na direção dele, sem tirar os olhos de Alice.

— De qualquer modo, sobre os insetos... — ele começou entusiasmado.

Alice o seguiu pela loja enquanto ele pegava os produtos, gemendo baixo enquanto ele falava. Ela nunca ignorava as pessoas que lhe diziam como fazer o seu trabalho, graças a proliferação dos programas de TV. Ela tentava explicar que a maioria das leis não eram tão fáceis, nem tão justas, e que resultados de laboratório não saiam em uma hora, mesmo em um departamento como o dela, da Universidade do Texas, que tinha uma reputação nacional por excelência. Mas o sabidão ali não estava prestando atenção. Resignou-se a ouvir e forçou um sorriso. Não seria bom fazer inimigos ali, não quando podia fazer negócios com ele mais tarde. Ela daria uma boa lição naquele caubói sujo.

A cena do crime estava repleta de oficiais. Alice gemeu ao se inclinar sobre o pobre corpo e começar a tirar medidas. Ela já havia pedido que um dos policiais do departamento de polícia de Jacobsville isolasse a área. Mas aquilo não impedia a aproximação das pessoas.

— Parem com isso — Alice murmurou para dois homens vestidos com uniformes de assistentes de xerife. Eles pararam com um pé no ar ao ouvir o tom da voz dela — Nada de ficar narchando na minha cena do crime! Aquela faixa amarela é para *afastar* as pessoas.

— Desculpe — um deles murmurou envergonhado, e os dois voltaram ao outro lado da faixa. Alice afastou uma mecha de cabelo molhado e murmurou sozinha. Era quase natal, mas o tempo estava louco e estava calor. Já havia tirado a jaqueta de lã e colocado um casaco do laboratório, mas suas meias eram de lã e ela estava fervendo. Sem mencionar que esse corpo já estava ali há pelo menos um dia e estava fedendo. Ela cobria o nariz com um lenço umedecido, mas não ajudava muito.

Pela centésima vez, perguntou-se por que havia escolhido essa profissão. Mas era satisfatório prender um assassino, o que já acontecera muitas vezes. Não que isso substituísse uma família. Mas a maioria dos homens que ela conhecia se sentiam

ameaçados por sua profissão. Algumas vezes ela tentava esconder. Mas inevitavelmente apareciam filmes ou programas de TV que mencionavam algum detalhe retórico e Alice logo corrigia a informação. Algumas vezes os detalhes eram vívidos, como o caubói vingativo da loja de ferragens.

Então surgiam os sorrisos forçados. As desculpas. E assim por diante. Geralmente isso acontecia antes do final do primeiro encontro. Ou pelo menos no segundo.

— Eu aposto que sou a única virgem de vinte e seis anos em todo o maldito estado do Texas — ela falou sozinha.

— Com licença? — um dos agentes, uma mulher, exclamou chocada.

— Puxa, você acabou de me olhar como se eu tivesse chifres e rabo — ela murmurou enquanto trabalhava — Eu sei que sou um anacronismo.

— Não foi o que eu quis dizer — a agente disse sorrindo — Existem muitas mulheres da nossa idade que pensam assim. Eu não quero uma possível gravidez e um homem que troca de mulher como troca de roupa. E você acha mesmo que eles dirão que tem uma doença ou algo do tipo?

Alice fez uma careta.

— Eu gosto de você.

Ela deu um risinho.

— Obrigada. Eu acho que isso é sensibilidade — ela abaixou a voz — Viu o Kilraven? — ela perguntou chamando a atenção de Alice para a chegada de mais um policial — mesmo ele sendo um agente do governo disfarçado — Dizem que o irmão dele, John Blackhawk, nunca teve uma mulher. E nós achamos que somos puritanas!

Alice riu.

— Foi o que eu ouvi falar. Homem sensível!

— Muito — a agente recolhia cada pedaço de papel, cada cinza de cigarro que ela podia encontrar com luvas, guardando-as para análise — E quanto aos trapos velhos, Jones? Eu devo colocá-los na mala, também? Veja essa pequena mancha.

Alice a observou e franziu a testa. Era velho, mas havia o rastro de algo ali, algo mais novo do que o tecido.

— Sim — ela disse — Eu acho que está aqui há algum tempo, mas são evidências novas. Cuidado para não tocar o material.

— É sangue, não é? — ela concordou.

— Você é boa — Alice disse.

— Eu sou de Dallas — ela disse — Eu cansei dos crimes de cidade grande. As coisas são um pouco menos conturbadas aqui. De fato, esse é o meu primeiro caso desde que eu me aliei ao departamento do xerife Carson.

— É uma grande mudança — Alice disse — Eu sai de San Antonio, que não é o lugar mais silencioso do mundo nos finais de semana.

Kilraven ultrapassou a faixa de ilosamento e aproximou-se do corpo.

— O que você acha que está fazendo? — Alice exclamou — Kilraven...!

— Olhe — ele disse, os olhos cinzentos pousados na grama ao lado do corpo do homem, que estava quebrada e fincada na lama — Tem alguma coisa branca.

Alice seguiu o olhar dele. Não havia notado aquilo. Estava na sombra. Mas quando ela ficou em pé, a luz do sol o tocou. Papel. Um pequeno pedaço de papel, praticamente colado na mão do homem. Ela o tocou com a mão coberta pela luva e afastou a grama. Havia uma inclinação profunda no solo suave e molhado, próxima à mão dele, talvez uma pegada.

— Eu preciso da minha câmera — ela disse erguendo a mão. A agente tirou a máquina na bolsa e entregou para Alice, que fotografou o achado e o ligou à cena do crime. Então, devolveu a câmera e afastou a mão com um lápis, até conseguir

ver o papel. Ela procurou por um par de pinças em seu kit, e as retirou cuidadosamente do plástico.

— É um pedaço pequeno de papel — ela disse franzindo a testa — E graças a Deus não choveu.

— Amém — Kilraven concordou observando a folha na mão dela.

— Bons olhos — ela acrescentou com um sorriso.

Ele sorriu de volta.

— Sangue Lakota — ele deu um risinho — Rastrear está nos meus genes. Meu tataravô fazia parte do Pequeno Grande Chifre.

— Eu não perguntarei de que lado — ela disse em um sussurro alto.

— Não precisa ser tímida. Ele andava com a banda do Crazy Horse — O cavalo louco.

— Ei, eu li sobre isso — a agente disse — Os homens do Curse eram perseguidos.

— Um dos integrantes dos Cheyenne disse que um oficial branco foi morto no rio — ele disse — Ele disse que o oficial foi carregado pelos homens, mas depois eles pareceram recuar e não lutar com tanta força. Eles encontraram o irmão de Custer, Tom, e dois oficiais de outras unidades, incluindo o cunhado de Custer, assim como Custer. Isso pode significar que a linha de comando pode ter mudado várias vezes. Faz sentido se você pensar no assunto. Se houvesse uma obrigação, Custer a teria assumido. Vários historiadores acreditam que a unidade de Custer chegou ao rio antes dos Cheyenne. Se Custer foi assassinado logo, ele foi carregado até a cordilheira — um recruta que eles haviam deixado no rio.

— Eu nunca li que Custer foi morto no começo da batalha — a agente exclamou.

— Eu só vi a teoria em um livro — um guerreiro indiano foi entrevistado, e ele disse que Custer foi morto no começo da batalha — ele murmurou — O lado “Indiano” da história não recebeu muita atenção até recentemente. Eles disseram que não haviam sobrevivido testemunhas. Bobeira! Várias tribos sobreviveram! As pessoas apenas não achavam que a história deles valia a pena. Não o massacre — ele acrescentou antes que a agente pudesse falar — Massacres acontecem quando você mata pessoas inocentes. Os homens de Custer tinham armas.

A agente sorriu.

— Já pensou em lecionar história?

— Lecionar é uma profissão muito perigosa. É por isso que eu entrei para a força policial — Kilraven deu um risinho.

— Boas notícias para a força policial — Alice disse — Você tem uma boa visão.

— Você fala por si própria — ele respondeu — Você é a melhor.

— Puxa! Você ouviu isso? Anote — Alice disse à agente — Da próxima vez que eu ouvir um grito por não fazer bem o meu trabalho, ligarei para Kilraven.

— Isso ajudaria? — ele perguntou.

Ela riu.

— Eles ainda têm medo de você em San Antonio — ela disse — Um dos velhos patrulheiros, Jacobs, fica pálido quando mencionam o seu nome. Eu suponho que vocês dois tiveram um pequeno desentendimento?

— Eu joguei ele sobre uma banca de frutas no supermercado local. O negócio estava uma bagunça. Você sabia que amoras deixam manchas escuras na pele? — ele acrescentou sociavelmente.

— Eu sou uma especialista em retórica — Alice recordou — Posso saber por que você o jogou em uma banca de frutas?

— Nós estávamos trabalhando em um assalto e ele começou a fazer esses comentários com um dos oficiais que estava ao meu lado. O oficial em questão não sabia fazer nada sem se meter em confusão — ele deu um risinho — Incrível como as atitudes mudam com um pouco de gentileza e conversa.

— Ei, Kilraven, o que você está fazendo na cena do crime? — Cash perguntou do outro lado da faixa.

— Não brigue com ele — Alice respondeu — Ele acabou de encontrar uma evidência crucial. Você deveria lhe dar um prêmio!

Os oficiais presentes assoviaram.

— Eu deveria ganhar um prêmio! — ele murmurou enquanto se juntava ao chefe — Eu nunca tiro folgas ou férias!

— Porque você não tem uma vida social, Kilraven — um dos policiais brincou.

Alice ficou em pé, observando os uniformes que circulavam a cena do crime. Reconheceu pelo menos dois carros de outra jurisdição. Havia até um carro federal ali! Não era incomum em um distrito pequeno como Jacobs todos os oficiais livres aparecerem para presenciar um evento como esse. Não era todo dia que você encontrava uma vítima de assassinato na sua área. Mas um carro federal para um assassinato local?

Enquanto ela observava, Garon Grier e Jon Blackhawk do FBI de San Antonio saíram do BuCar — o termo do FBI para o carro da repartição — e caminharam até Alice.

— O que você descobriu? — Grier perguntou.

Ela torceu os lábios, olhando do director assistente do FBI, Grier, para o agente especial, Jon Blackhawk. Que contraste! Grier era loiro e Blackhawk tinha o cabelo escuro comprido preso em um rabo de cavalo. Os dois eram altos e bonitos. Garon Grier, assim como o irmão Cash, era casado. Jon Blackhawk era solteiro e disponível. Alice desejou ser o tipo dele. Ele era tão bonito quanto o irmão Kilraven.

— Eu encontrei algumas evidências, com a ajuda do agente. O seu irmão — ela disse a Jon — Encontrei isso — Ela ergueu o pedaço de papel que estava em uma sacola de plástico — Não toque — ela alertou quando os homens ergueram as mãos — Eu não irei abrir até chegar ao laboratório. Eu não arriscarei perder qualquer evidência desse caso.

Blackhawk pegou um bloco e começou a tomar notas.

— Onde estava? — ele perguntou.

— Colado nos dedos do homem, fora de vista. Por que você está aqui? — ela perguntou — Esse é um problema local.

Blackhawk ficou com receio.

— Não inteiramente — ele disse.

Kilraven juntou-se a eles. Ele e Blackhawk trocaram olhares preocupados.

— Ok. Alguma coisa está acontecendo e eu não posso saber. Está tudo bem — ela ergueu uma mão — Estou acostumada a ser excluída. Mantida no escuro e alimentada com...

— Pode parar — Garon disse a ela. Suavizou a expressão com um sorriso — Nós tivemos uma pista. Nada substancial. Simplesmente algo que nos interessa nesse caso.

— E vocês não podem me dizer qual é a pista?

— Encontramos um carro no rio — Cash disse baixo — Com placa de San Antonio.

— Talvez o dele? — Alice indicou o corpo.

— Talvez. Estamos examinando a placa agora — Cash disse.

— Você acha que ele veio até aqui com o próprio carro, ou alguém o trouxe em uma carreta? — Alice murmurou.

Os homens riram.

— Você é boa, Alice — Garon murmurou.

— Claro que sim! — ela concordou — Você poderia — ela disse à agente feminina — pegar um emplastro de Paris que está no porta-malas da minha van? Pode ser uma pegada onde encontramos o papel! Obrigada.

Ela voltou ao trabalho com ímpeto enquanto os dois pares de irmãos observavam com intenso interesse.

Capítulo 2

Alice caiu na cama do hotel de Jacobsville depois de um satisfatório mergulho na banheira grande. Incrível, ela pensou, encontrar um item tão satisfatório em um hotel de uma pequena cidade do Texas. Soubera que alguns diretores de Hollywood frequentemente escolhiam o distrito Jacobs como locação e que o dono do hotel queria deixá-los contentes. Eram ótimas notícias para Alice.

Nunca ficara tão cansada. A cena do crime, encontrada por eles, estendia-se por meio quilômetro ao longo do rio. A vítima havia lutado pela vida. Havia marcas de arranhões e sangue por todo o luar. A teoria era de que ele viajara até Jacobsville no porta-malas do carro encontrado.

A pergunta era, por que alguém traria um homem até Jacobsville para matá-lo? Não fazia sentido.

Fechou os olhos, tentando afastar a mente do assassinato. As pessoas geralmente matavam por um milhão de motivos. Eles matavam deliberadamente por ciúmes, raiva ou ganância. Algumas vezes matavam acidentalmente. Com frequência, era um impulso que acabava com a morte, ou uma série de atos que empurravam uma pessoa ao fim. Com muita frequência, eram as drogas e o álcool que roubavam o controle das pessoas, e isso as guiava inexoravelmente ao assassinato.

Poucas pessoas entravam em uma discussão ou uma briga pretendendo matar alguém. Mas não se podia voltar no tempo quando uma vida expirava. Havia milhares de jovens na prisão que dariam tudo para remediar um incidente onde eles haviam feito uma escolha ruim. Famílias sofriam por essas escolhas, junto com os filhos. Frequentemente, era fácil esquecer o fato de que assassinos tinham família, muitas vezes decentes, famílias que agonizavam pelo que os seus entes amados haviam feito e pagavam o preço junto com eles.

Alice rolou na cama, sem conseguir dormir. Seu emprego lhe ocupava muito tempo. Junto com o médico-legista, e os oficiais investigativos, ela dava a última palavra sobre o ocorrido. Ela falava por eles, juntando o número suficiente de evidências para prender o suspeito. Era um ritual sagrado. Levava a sério o seu trabalho. Mas também precisava conviver com o resultado da falta de controle dos assassinos. Não era agradável ver um corpo morto. Alguns estavam em condições muito ruins. Carregava aquelas lembranças assim como a família da vítima certamente carregava.

Logo cedo, ela aprendera que não podia se envolver emocionalmente com as vítimas. Se ela começasse a chorar, não conseguiria parar, e não seria eficiente em sua linha de trabalho.

Ela descobriu um meio-termo em lidar com cenas do crime. Isso a fazia esquecer do seu redor, e ocasionalmente, também ajudava os detetives. Um repórter, um novato, lhe causara maus momentos por conta de sua atitude. Ela o convidara até o seu escritório para uma vista mais detalhada do mundo de uma investigadora.

O repórter havia chegado esperando que o defunto, sempre esteticamente exibido, estivesse situado nos moldes em que os programas de televisão costumavam mostrar.

Ao invés disso, Alice puxou o lençol de uma vítima que ficara na água por três dias.

Ela nunca mais viu o repórter. Policiais locais que contavam a história, sempre em meio a gargalhadas, disseram à ela que ele havia ligado a sua câmera no mesmo dia e declamado a sua ambição de entrar para a política.

Menos mau, ela pensou. A verdade era muito desagradável. A televisão não mostrava a realidade, porque não havia cheiro na tela. Podia recordar quantas vezes precisara de lenços e máscaras para trabalhar com uma vítima que estava em estado crítico.

Rolou na cama novamente. Não conseguia parar de pensar tempo suficiente para dormir. Ficava recordando os fatos que descobrira na cena do crime, tentando achar uma resposta. Por que alguém levaria uma pessoa para fora da cidade para matá-la? Talvez porque ele não soubesse que se tornaria um assassino. Talvez ele tivesse entrado no carro voluntariamente.

Fazia sentido, ela pensou. Mas não explicava o crime. O calor da paixão não estava relacionado. Era muito deliberado. O criminoso queria esconder as evidências. E conseguira.

Ela suspirou. Desejou ter se tornado uma detetive ao invés de uma especialista em assassinatos. Seria mais divertido solucionar crimes do que dissecar corpos. E possíveis encontros não a olhariam de uma distância segura com aquela expressão de desgosto, como o jardineiro na loja de ferragens.

Como era mesmo o nome dele? Grier havia dito Fowler. Harley Fowler, era isso. Não era um homem feio. Tinha um rosto familiar. Alice perguntou-se o motivo. Tinha certeza de nunca tê-lo visto antes. Recordaria-se de alguém tão desagradável.

Talvez ele lembrasse alguém que ela conhecia. Isso era possível. Fowler. Fowler. Não. Não soavam sinos. Teria que deixar a sua mente trabalhar nisso por alguns dias. Algumas vezes era tudo o que ela precisava para resolver quebra-cabeças — o trabalho do seu subconsciente. Riu sozinha. *Trabalho do subconsciente*, ela pensou, *ainda me salvará*.

Depois de horas de quase sono, ela levantou, vestiu-se e voltou à cena do crime. Estava quieto, agora, sem a presença de quase todos os uniformizados do distrito. O corpo estava na casa funerária, esperando pelo transporte até o centro médico legista de San Antonio. Alice levava as suas evidências até San Antonio, para o laboratório criminal, e as entregou para os colegas de trabalho, especificamente Longfellow.

Ela confidenciara o precioso pedaço de papel que podia conter informações preciosas a Longfellow. Havia algo escrito ali. O homem o apertara na mão enquanto estava sendo assassinado, e fizera aquilo para denunciar o assassino. Devia haver algo

ali que ele desejava preservar. Incrível. Queria saber o que era. Amanhã, prometeu a si mesma, a sua melhor especialista em evidências, Longfellow, já teria decifrado cada centímetro do papel, e encontraria respostas para Alice. Ela era uma das melhores profissionais com quem Alice já trabalhara.

Quando Alice dirigiu de volta para Jacobsville, teve certeza de que teria respostas do laboratório logo.

Incansável, olhou toda a cena do crime, aberta devido ao inverno. A polícia local estava vasculhando a área para descobrir alguém que tivesse visto algo incomum nos últimos dias, ou algum carro de fora da cidade próximo ao rio.

Alice percorreu o lugar, uma figura solitária com um suéter branco e jeans, enquanto os tênis tentavam desatolar-se. Estava mais frio hoje, o clima normal para dezembro no sul do Texas.

Algumas vezes podia pensar melhor quando estava sozinha na cena do crime. Hoje não era um desses dias. Estava ciente de sua solidão. Era pior agora, depois da morte do pai há um mês. Ele era o seu último parente ainda vivo. Ele era um banqueiro no Tennessee, onde ela fizera cursos sobre investigação. A sua família era de Floresville, próximo a San Antonio. Mas seus pais haviam se mudado para o Tennessee quando ela estava no último ano do ensino médio, e havia sido doloroso. Alice gostava de um garoto de sua sala, mas a mudança matou qualquer esperança de um relacionamento. Ela desabrochava tarde, preferindo ficar no laboratório de biologia do que pensando em namoros. As amebas no microscópio eram muito mais interessantes.

Alice saía de casa logo após a morte da mãe, no ano em que ela começou a faculdade. Sua mãe era um fio de alta tensão. Uma mulher feliz e bem sucedida que fazia qualquer coisa em casa, especialmente cozinhar. Era o contrário de Alice, sua única filha, que assistia intermináveis reapresentações da série *“Quincy”*, sobre um examinador médico, junto com os episódios arcaicos de *“Perry Mason”*. Antes mesmo de se tornar popular, Alice já sonhava ser uma investigadora.

Ela era muito boa em biologia. Seus professores de ciências a encorajavam, deliciados com o entusiasmo. Um deles a recomendara a um colega da Universidade do Texas, que a tornara uma especialista em ciências e a ajudara a conseguir uma bolsa como suplemento para a pequena quantia que seu pai lhe enviava. Havia sido um degrau difícil de subir, sem acrescentar os cursos extra-curriculares quando o tempo e o dinheiro permitiam; um deles de antropologia retórica na Universidade do Tennessee em Knoxville. Nesse meio tempo, ela começara a estagiar com outros técnicos especialistas, ganhando experiência.

Certa vez, ansiosa para terminar com as evidências, por causa de um possível encontro, ela escorregara e etiquetara de maneira errada evidências sanguíneas. Aquilo custara muito à instauração do processo. Havia sido uma experiência ruim para Alice, especialmente quando o suspeito foi inocentado e matou um garoto antes de ser preso. Alice sentiu-se responsável pela morte do menino. Nunca mais esquecerá como a morte havia sido rápida, e nunca mais escorregou novamente. Ganhou uma reputação por ser precisa e meticulosa com evidências. E nunca mais chegou cedo em casa. Alice sempre era a última pessoa a deixar o laboratório, ou a cena do crime, no fim do dia.

O barulho de um motor chamou a sua atenção. Virou-se enquanto um carro cheio de rapazes parava ao lado dela.

— Veja só, uma dama solitária! — um deles falou — Ela não é uma beleza?

— Claro que é! Ei, coisinha linda, gosta de homens mais novos? Nós podemos fazê-la feliz!

— Pode apostar! — outro garoto riu.

— Ei, senhorita, gostaria de fazer uma festinha? — um outro ronronou.

Alice o encarou.

— Não, eu não quero uma festinha. Vão dar uma volta! — ela voltou a observar o rio, esperando que eles pudessem desistir e ir embora.

— Puxa, isso não é jeito de tratar possíveis namorados! — um deles gritou — Venha aqui e acalme-se, senhorita. Nós queremos falar com você!

Mais risadas ecoaram de dentro do carro.

Santa paciência. Não estava com paciência para brincadeiras de garotos. Pegou o bloco e a caneta que carregava no bolso e caminhou até o seu carro. Escreveu o número da placa discretamente. Ligaria para a polícia e deixaria os policiais a ajudarem com isso. Mas quando pensou no assunto, hesitou. Devia haver um jeito melhor de lidar com os meninos sem precisar envolver a lei. Estava reagindo emocionalmente. Eles eram somente adolescentes, apesar de tudo. A inspiração surgiu ao aproximar-se do motorista.

Ela passou a mão pelo cabelo e aproximou-se do garoto louro. Ela inclinou-se.

— Eu gosto dos seus pneus — ela disse com um sorriso largo — Eles são muito bons. E grandes. E eles têm banda de rodagem. Eu *gosto* de bandas de rodagem — ela arqueou as sobrancelhas para ele — Você gosta de bandas de rodagem?

Ele a encarou. A expressão maldosa começou a sumir.

— Bandas de rodagem? — a voz dele soou estranha. Ele tentou novamente — Bandas de rodagem de pneus?

— Sim. Bandas de rodagem de pneus — ela mostrou a língua e sorriu novamente

— Eu gosto *muuuuito* de bandas de rodagem de pneus.

Ele tentava fingir que não falava com uma lunática.

— Puxa. Você gosta. Mesmo.

Ela estava se divertindo. Os outros garotos pareciam ainda mais confuses. Todos a encaravam. Ninguém estava rindo.

Ela franziu a testa.

— Não, vocês não gostam de bandas de rodagem de pneus. Vocês apenas querem me agradar. Ok. Se vocês não gostam de bandas de rodagem de pneus, poderão gostar do que eu tenho na caminhonete — ela disse abaixando a voz. Ela moveu a cabeça na direção do próprio veículo.

Ele limpou a garganta.

— Eu posso gostar do que você tem na van — ele galanteou.

Ela concordou, sorrindo, abrindo os olhos até quase saltá-los. Inclinou-se para a frente.

— Eu tenho corpos lá! — ela disse em um falso sussurro e manteve os olhos abertos — Corpos de verdade! Querem ver?

O motorista a encarou. Então exclamou em voz alta.

— Corpos... mortos... Oh, Bom Deus, não!

Ele afastou-se dela, pisou fundo no acelerador, e espirrou lama enquanto voltava para o asfalto e deixava um rastro de fumaça.

Ela balançou a cabeça.

— Foi algo que eu disse? — ela disse em um tom de falsa surpresa.

Então deu uma gargalhada. Precisava mesmo de férias, disse a si mesma.

Harley Fowler viu a van estacionada na beira da Estrada enquanto movia alguns novilhos de um pasto para outro. Com a ajuda de Bob, o velho cachorro de Cy Parks, colocou os novilhos na nova área e fechou o portão. Um carro cheio de garotos parou ao lado da van e começou a fazer barulho. Eles estavam obviamente perturbando a investigadora. Harley reconheceu a van.

Os olhos azuis se estreitaram e começaram a brilhar. Não gostava de uma gangue de garotos tentando intimidar uma mulher solitária. Pegou seu alforje e tocou o cinturão, retirando-o do alforje para acioná-lo. Amarrou o cavalo a uma das barras do portão e mandou Bob ficar. Harley caminhou na direção da van.

Não acreditava que precisaria usar a pistola. A ameaça seria mais eficiente. Mas se um dos garotos resolvesse se aproximar, o derrubaria com os pulsos. Aprendera muito com Eb Scott e os mercenários locais. Não precisava de uma arma para demonstrar sua autoridade. Mas a visão dela faria com que os garotos decidissem partir sem problema, o que era bom.

Aproximou-se do carro de Alice. Ela estava inclinada sobre a janela do lado do motorista. Não conseguia ouvir o que ela dizia, mas conseguiu ouvir o que o garoto disse antes de ligar o motor e derrapar pela estrada.

Alice estava falando como uma louca.

Harley a encarou confuso.

Alice sentiu que não estava mais sozinha, e virou-se. Ela piscou.

— Faz tempo que você está aí? — ela perguntou hesitante.

— Tempo suficiente para ver a gangue de adolescentes idiotas sumirem — ele respondeu — Oh, e ouvir você perguntando o motivo da partida deles — os olhos dele brilharam — Você fala sozinha com muita frequência?

Ela o observou curiosa, especialmente a pistola pendurada no cinturão.

— Você estava a caminho de um tiroteio e parou para dizer oi?

— Eu estava movendo os novilhos — ele respondeu — Eu ouvi os garotos lhe provocando e vim ver se você precisava de ajuda. Obviamente não.

— Você atiraria neles por mim? — ela perguntou.

Ele deu um risinho.

— Eu nunca precisei atirar em crianças — ele enfatizou.

— Você já atirou em outros tipos de pessoas?

— Uma ou duas — ele disse tranquilo, mas dessa vez não sorriu.

Ela sentiu arrepios ao longo da espinha. Se o seu meio de vida o deixava desconfortável, a aparência dele usando aquele cinturão lhe causava a mesma coisa. Ele a fazia recordar Cash Grier, por motivos que não conseguia descrever. Havia algo frio nesse homem. Tinha a auto-confiança de um homem que havia sido testado com fogo puro. Era incomum, em um homem moderno. A menos, ela pensou, que ele já tivesse estado no exército, ou em alguma unidade militar.

— Eu não atiro em mulheres — ele disse quando ela hesitou.

— Isso é bom — ela disse ausente — Eu não tenho curativos.

Ela aproximou-se. Ela parecia alterada. Ele franziu a testa.

— Você está bem?

Ela mexeu-se desconfortável.

— Acho que sim.

— Se importa em me dizer como conseguiu afastá-los tão rápido?

— Oh. Isso. Eu só perguntei se eles gostariam de ver corpos na minha van.

Ele piscou. Não devia ter ouvido direito.

— Você perguntou se...? — ele insistiu.

Ela suspirou.

— Eu acho que foi um pouco exagerado. Eu ia ligar para Hayes Carson e pedir a ajuda dele, mas seria um pouco exagerado.

Ele não sorriu.

— Deixe-me dizer algo. Uma simples ligação, e se eles seguirem com isso, pode se tornar um pequeno embaraço, e se eles ainda continuarem com isso, pode tornar-se uma pequena agressão, mesmo que drogas e álcool não estejam envolvidos. Garotos precisam de limites, especialmente nessa idade. Você devia ter ligado e pedido que Hayes Carson viesse até aqui para assustar os meninos.

— Bem, você não é a voz da experiência!

— Eu deveria ser — ele respondeu — Quando tinha dezesseis anos, um garoto mais velho perseguia uma garota da nossa classe repetidamente e zombou de mim quando eu fiz uma objeção. Algumas semanas depois, depois que ela tentara e não conseguira que ninguém fizesse nada sobre o assunto, ele a estuprou.

Ela deixou escapar um suspiro.

— Material pesado.

— Sim, e o professor que achou que eu estava sendo exagerado foi punido por falta de responsabilidade — ele acrescentou friamente.

— Nós vivemos em tempos difíceis — ela disse.

— Com certeza.

Ela olhou na direção em que o carro partira.

— Eu ainda tenho o número da placa — ela murmurou.

— Entregue ao Hayes e diga o que aconteceu — ele a encorajou — Mesmo se você não fizer a acusação, ele ficará de olho neles. Só por precaução.

Ela observou o rosto dele.

— Você gostava da menina.

— Sim. Ela era doce e educada. Ela...

Ela aproximou-se.

— Ela...

— Ela se matou — ele disse asperamente — Era muito religiosa. Não podia viver com o que havia acontecido, especialmente depois que precisou testemunhar e todos ficaram sabendo.

— Eles mantêm sigilo sobre esses arquivos... — ela começou.

— Fala sério — ele devolveu — Aconteceu em uma pequena cidade ao lado de San Antonio, pouco maior do que Jacobsville. Eu estava morando lá temporariamente com um casal de idosos e ia para a escola quando isso aconteceu. As pessoas que estavam no tribunal eram todas da região. Eles a conheciam.

— Oh — ela disse suavemente — Eu sinto muito.

Ele concordou.

— Quanto tempo o garoto pegou?

— Ele era menor de idade — ele disse sombriamente — Tinha menos de dezoito anos quando aconteceu. Ficou na detenção até completar vinte e um e então saiu.

— Pena.

— Sim — ficou chocada ao perceber que a lembrança o perseguia e que queria livrar-se dela — Eu nunca soube mais nada sobre o assunto. Espero que ele não tenha aprontado novamente.

— Você acha que ele se arrependeu?

Ele riu friamente.

— Arrepende-se por ser preso, sim.

— Eu já vi esse tipo no tribunal — ela respondeu, os olhos escurecendo com a lembrança — Arrogante e convencido, desdenhoso de todos ao seu redor. Especialmente pessoas no poder.

— Corruptos poderosos — ele começou.

— Especialmente corruptos poderosos — ela terminou por ele — O senhor dos senhores — citou deliberadamente.

— Gente esperta — ele indicou o rio — Alguma evidência nova?

Ela balançou a cabeça.

— Eu gosto de vir aqui sozinha e pensar. Algumas vezes eu tenho idéias. Eu ainda não sei como ele morreu aqui, sendo que era de San Antonio. A não ser que ele tenha vindo voluntariamente com alguém e não sabia que ia ser assassinado.

— Ou ele veio até aqui para ver alguém — ele devolveu — E foi emboscado.

— Puxa — ela disse suavemente, virando-se para encará-lo — Você é bom.

Um leve rubor cobriu as bochechas dele.

— Obrigado.

— De verdade — ela disse quando viu a expressão dele — Não foi sarcasmo.

Ele relaxou um pouco.

— Nós tivemos um mau começo, e é minha culpa — Alice admitiu — Corpos me deixam nervosa. Eu fico bem depois que começo a documentar. É a primeira visão que me deprime. Você me encontrou em um mau momento, na loja de ferragens. Eu não queria envergonhá-lo.

— Nada me envergonha — ele disse simplesmente.

— Eu sinto muito mesmo assim.

Ele relaxou ainda mais.

Ela franziu a testa enquanto observava o rosto dele. Ele era muito bonito.

— Você parece tão familiar — ela disse — Não consigo entender por que. Eu nunca te vi antes.

— Dizem por aí que todos nós temos um “doppelganger” — um sócia — ele murmurou — Alguém que se parece muito com a gente.

— Talvez seja isso — ela concordou — San Antonio é uma cidade grande, com muitos moradores. Você deve parecer alguém que eu tenha visto.

— Provavelmente.

Ela olhou novamente para a cena do crime.

— Eu espero conseguir evidências para encontrar o culpado. Foi um assassinato muito brutal. Não gosto de pensar que existem pessoas desse tipo soltas na sociedade.

Ela a observava, admirando a bela aparência e a personalidade estranha. Ela era única. Ele gostava dela. Mas não admitiria isso.

— Como você se tornou uma investigadora? — ele perguntou — Foram aqueles programas sobre crimes na TV?

— Foi a série “*Quincy*” — ela confessou — Eu assistia as reapresentações na TV quando era criança. Isso me fascinava. Eu gostava dele também, mas era o trabalho que chamava a minha atenção. Ele era um advogado para as vítimas — os olhos dela se tornaram suaves — Eu me lembro da primeira vez que colhi evidências para solucionar um crime. Foi o meu primeiro caso de verdade. Os pais da vítima vieram e me abraçaram depois que o promotor me apresentou a eles. Foi a primeira vez que eu percebi como o meu trabalho era realmente importante — ela sorriu de maneira travessa — O acusado me xingou quando estava saindo algemado do tribunal. Eu sorri para ele. Me senti bem. Muito bem.

Ele riu. Era um som novo, e ela gostou.

— Isso me torna menos assustadora? — ela perguntou se aproximando.

— Sim, torna.

— Você acha que eu sou, digamos, normal?

— Ninguém é realmente normal. Mas eu sei o que você quer dizer — ele disse e sorriu para ela — Sim, eu acho que você é normal.

Ela ergueu a cabeça para ele e seus olhos brilharam.

— Você acreditaria se eu dissesse que homens maravilhosos de Hollywood me convidam para sair?

— De verdade? — ele zombou.

— Não, mas isso não parece excitante?

Ele riu novamente.

Ela aproximou-se mais um pouco.

— O que eu disse, sobre não lhe comprar se você estivesse em uma loja de noivos... Não foi verdade. Tem um anel muito bonito naquela joalheria de Jacobsville. Um anel de casamento para homem — ela disse sonhadora — Eu poderia comprar para você.

Ele torceu os lábios.

— Poderia?

— Sim. E eu notei que existe um ministro na igreja metodista. Você é metodista?

— Não realmente.

— Nem eu. Bem, tem uma juíza de paz no fórum. Ela casa as pessoas.

Ele só ouvia. Os olhos estavam muito abertos.

— Se você gostar do anel, e seu couber, nós podemos falar com a juíza. Eles também tem licenças.

Ele torceu os lábios novamente.

— Puxa — ele disse depois de um minuto — Eu conheci você ontem.

— Eu sei — ela piscou — O que isso tem a ver com se casar?

— Eu não conheço você.

— Oh. Tudo bem. Eu tenho vinte e seis anos. Ainda tenho a maioria dos meus dentes — ela os exibiu — Sou saudável e atlética, eu gosto de tricotar mas sei caçar também, e tenho armas. Eu não gosto de espinafre, mas adoro alho e cebola. Oh, e eu sou virgem — ela sorriu largamente.

Ele ficou sem ar. Então a encarou intensamente.

— É verdade — ela acrescentou quando ele não disse nada. Em seguida franziu a testa — Bem, eu não gosto de doenças e você não pode simplesmente olhar para um homem e dizer se ele tem uma — ela hesitou. Franziu a testa preocupada — Você não tem nenhuma...

— Não, eu não tenho nenhuma doença — ela disse brusco — Eu sou cauteloso com as mulheres.

— Que alívio! — ela disse com um suspiro alterado — Bem, isso cobre o básico — os olhos azuis sorriram para ele e ela bateu os longos cílios galanteadora — Então quando nós veremos o juiz de paz?

— Não hoje — ele respondeu — Eu tenho que lavar o Bob.

— Bob?

Ele mostrou o cão, que ainda estava sentado ao lado do portão. Ele assoviou. Bob veio correndo até ele, abanando o longo rabo e latindo. Ela sorriu como nunca fizera antes.

— Olá, Bob — Alice disse suavemente, e inclinou-se para oferecer a mão, que Bob cheirou. Então Alice tocou a cabeça do animal — Bom garoto.

— Garota — Harley corrigiu — Bob é uma garota.

Ela piscou.

— O senhor Parks disse que se Johnny Cash podia ter um garoto chamado Sue, nós podíamos ter uma garota chamada Bob.

— Ele tem personalidade — ela concordou. Tocou o focinho de Bob carinhosamente — Você é uma beleza, Bob — disse à cachorra.

— É mesmo. A melhor do ramo, e pode entrar em lugares que nós não conseguimos, montar no cavalo, puxar as rédeas.

— Você vem de uma família rancheira? — ela perguntou enquanto tocava a cachorra.

— Na verdade eu não sabia muito sobre gado quando vim trabalhar para o senhor Parks. Um dos empregados dele me treinou.

— Puxa. Homem gentil.

— Ele é. Perigoso, mas gentil.

Ela ergueu a cabeça ao ouvir o comentário e franziu a testa lentamente.

— Perigoso?

— Você sabe alguma coisa sobre Eb Scott e sua equipe?

— O mercenário — ela concordou — Todos nós sabemos sobre o campo de treinamento dele que fica por aqui. Uma dupla dos nossos oficiais usa o seu campo de tiro. Ele o deixou disponível para qualquer um a serviço da lei. Ele tem amigos no nosso departamento.

— Bem, ele, o senhor Parks e Micah Steele faziam parte de um grupo que ganhava a vida como mercenários.

— Eu me lembro agora — ela exclamou — Aconteceu um tiroteio com alguns dos homens do contrabandista Manuel Lopez há alguns anos!

— Sim. Eu estava ali.

Ela soltou o ar.

— Muito corajoso, lutar contra aqueles marginais. Eles tem pistolas automáticas.

— Eu percebi — isso foi dito com uma expressão que valia mais do que mil palavras.

Ela o encarou com respeito.

— Agora eu quero mesmo ver a juíza de paz. Estarei segura em qualquer lugar.

Ele riu.

— Eu não sou tão fácil. Você não me trouxe flores, ou me convidou para ir a um bom restaurante.

— Oh, querido.

— O quê?

— Eu não receberei o meu salário antes de sexta, e estou quebrada — ela disse com tristeza. Então fez uma careta — Bem, talvez na próxima semana? Ou cada um paga o seu...

Ele riu com prazer.

— Estou quebrado, também.

— Então, na próxima semana?

— Nós falaremos sobre isso.

Ela deu um risinho.

— Ok.

— É melhor você ir — ele disse erguendo uma mão e olhando para cima — Nós tomaremos um banho de chuva. Você pode ficar atolada quando começar a chover.

— Entendo. Até logo.

— Até logo.

Ela correu até a van. A vida estava melhorando, pensou contente.

Capítulo 3

Harley voltou ao rancho com Bob correndo ao lado de seu cavalo. Sentia-se feliz pela primeira vez em anos. Geralmente ele se envolvia com garotas que eram loucas por outros homens. Ele era o ombro amigo, o bom ouvinte. Mas Alice Jones parecia realmente gostar dele.

Claro, havia a profissão dela. Sentia-se gelado quando pensava naquelas mãos tocando um corpo. Havia uma barreira que ele precisaria ultrapassar. Talvez se concentrando em como ela era uma bela mulher.

Cy Parks estava fora da casa, observando um rebanho de novilhos no curral. Ele olhou para cima quando Harley desceu do cavalo.

— O que você acha, Harley? — ele perguntou indicando as várias cabeças de gado Santa Gertrudes.

— Bom — ele disse — Esses são os que você comprou no leilão que nós fomos em outubro? Puxa, eles cresceram!

Ele concordou.

— São. Eu os trouxe para mostrá-los para J. D. Langley. Ele está procurando por alguns novilhos para o seu próprio rebanho. Eu pensei em lhe vender alguns. Foi bom não tê-los devolvido.

Harley deu um risinho.

— Bom, para o comprador. Eu me lembro do lote que nós devolvemos. Eu precisei ajudar você a levá-los.

— Sim, eu lembro — Cy respondeu — Ele bateu em você e eu bati nele.

Harley evitou corar. Sentia-se bem saber que o senhor Parks gostava tanto dele a ponto de defendê-lo. Mal conseguia se lembrar de seu pai. Fazia anos que eles não tinham nenhum contato. Sentia-se engraçado ao recordar como mentira ao chefe sobre sua família, dizendo que sua mãe sabia marcar o gado e seu pai era um mecânico. Ele tinha ido morar com um casal de idosos depois de uma briga com seus pais. Eles tinham um pequeno rancho, mas apenas a esposa morava ali. Harley ficava na oficina mecânica do marido a maior parte do tempo. Ele não se interessava por gado naquela época. Agora, eles eram a sua vida e o senhor Parks tomara o lugar de seu pai, embora Harley nunca dissesse isso. Algum dia, pensou, contaria a verdade ao seu chefe. Mas não hoje.

— Teve algum problema para colocar o rebanho no novo pasto? — Cy perguntou.

— Nenhum. A investigadora estava no rio.

— Alice Jones?

— Sim. Ela disse que às vezes gosta de ficar sozinha na cena do crime. Consegue pensar — ele sorriu — Eu a ajudei com uma das hipóteses sobre o assassinato.

Parks olhou para ele e sorriu.

— Você tem uma cabeça boa, Harley.

Ele sorriu.

— Obrigado.

— Então qual foi a sua hipótese?

— Talvez a vítima tenha vindo até aqui para ver alguém e foi emboscada.

A expressão de Parks se tornou solene.

— É uma teoria interessante. Se ela não contar a Hayes Carson, você deve contar. Pode haver alguém local envolvido nisso.

— Isso não é um pensamento reconfortante.

— Eu sei — ele franziu a testa quando viu a arma e o cinturão que Harley estava usando — Nós tivemos um tiroteio e eu não fui convidado?

— Isso? — Harley tocou o cano da arma — Oh. Não! Alguns garotos estavam perturbando Alice. Eu a peguei e fui ajudá-la, mas ela já os havia colocado para correr.

— Ameaçando chamar os tiras, certo? — ele disse zombeteiro.

— Ela os convidou para ver corpos no seu carro — ele disse rindo — Eles deixaram marcas na estrada.

Ele riu também.

— Puxa! Parece que ela sabe se cuidar sozinha.

— Sim. Mas todos nós precisamos de uma ajuda às vezes — Harley disse.

Cy colocou a mão no ombro de Harley.

— Você foi a minha naquela noite em que nós tivemos o tiroteio com os contrabandistas. Você é um bom homem.

— Obrigado — Harley disse corando um pouco — Você nunca saberá como eu me senti, quando você disse isso, depois que nós chegamos em casa.

— Talvez eu saiba. Veja aquela caminhonete, certo? Eu acho que está com falha na ignição novamente, e você é o melhor mecânico que nós temos.

— Pode deixar. Apenas não diga isso ao Buddy — ele implorou — Ele deve ser o mecânico.

— Deve ser — Cy brincou — Mas eu acho que você sabe mais. Tente dizer a ele, de uma maneira gentil, que ele precisa checar os conectores novos.

— Você poderia dizer a ele — Harley começou.

— Não da maneira que você diz. Se eu disser ele vai se demitir — ele fez uma careta — Já perdi um mecânico no ano passado por isso. Não posso perder outro. Você diz.

Harley riu.

— Ok. Eu encontrarei uma maneira.

— Você sempre encontra. Não sei o que eu faria sem você, Harley. Você é um ótimo capataz — ele observou o jovem em silêncio — Eu nunca perguntei de onde você é. Você disse que conhecia o gado, mas não conhecia. Você aprendeu observando, até que eu te apresentei ao velho Cal e pedi que ele lhe ajudasse. Eu sempre respeitei o seu esforço, para conseguir aprender o negócio com o gado. Mas você ainda é tão misterioso quanto era no dia em que chegou.

— Às vezes é melhor olhar para a frente, e não para atrás — Harley respondeu.

Parks sorriu.

— Tudo bem. Vejo você mais tarde.

— Claro.

Ele caminhou na direção da casa onde a sua jovem esposa, Lisa, estava esperando com um garotinho e um neném em seus braços. De todas as pessoas que Harley nunca esperava um casamento, o senhor Parks estava no topo da lista. O rancheiro era um recluso, difícil de se lidar e, francamente, uma má companhia. Lisa o mudara. Agora, era impossível vê-lo de outro modo que não um homem de família. O casamento o amadurecera.

Harley pensou no que o senhor Parks havia dito, sobre ser misterioso. Talvez o senhor Parks achasse que ele estava fugindo da lei. Era uma verdadeira piada. Harley estava fugindo de sua família. Harley estava até o pescoço de pessoas que só se importavam com dinheiro e posição. Eles haviam brigado calorosamente durante um verão há anos atrás, quando Harley tinha dezesseis anos, sobre a posição de Harley na família e sua falta de interesse por vida social. Ele saía de casa.

Ele tinha um amigo que lhe apresentou os tios, donos de um pequeno rancho e de uma oficina mecânica em Floresville. Ele levava Harley até lá e eles o convidaram para morar com eles. Ele havia sido transferido para a escola local e recomeçara a sua vida. Seus pais haviam feito objeções, mas não tentaram forçá-lo a voltar. Ele se formou e entrou para o exército. Mas, logo após retornar ao Texas, ele foi visitar os pais e viu que nada havia mudado. Os pais esperavam que ele fizesse a sua parte ajudando a família a ganhar amigos e influenciar as pessoas certas. Harley havia partido naquela mesma noite, comprou uma velha caminhonete e tornou-se um vaqueiro procurando por trabalho.

Ele foi visitar o casal de idosos com quem vivera durante o último ano do ensino médio, mas a mulher havia morrido, o rancho havia sido vendido e o mecânico havia se mudado para Dallas. Desencorajado, Harley vagava por Jacobsville procurando um lugar para alugar quando viu um grupo de vaqueiros ao longo da estrada. Ele falou com eles e descobriu que Cy Parks estava contratando. O resto era história.

Ele sabia que as pessoas faziam perguntas sobre ele. Ele se mantinha em silêncio. Era bom e agradável ser aceitado pelo que era, as pessoas o olhavam por ele ser quem era ou pelo que sabia fazer, ao invés de olhar para o seu passado. Ele era feliz em Jacobsville.

Algumas vezes se perguntava se os seus pais sentiam sua falta. Lia sobre eles nas colunas sociais. Uma grande eleição política havia acontecido recentemente e um amigo de seu pai ganhara. Isso lhe chamara atenção. Mas ele não tentara entrar em contato. Anos haviam se passado desde que ele deixara San Antonio, mas ainda era muito cedo. Não, ele gostava de ser apenas Harley Fowler, o caubói. Não arriscaria o seu lugar arduamente conquistado em Jacobsville por nada.

Alice esperava por Hayes Carson em seu escritório, franzindo a testa ao olhar ao redor. Fotos de foragidos. Pilhas de trabalho. Um computador velho, uma impressora mais velha ainda. Uma máquina de escrever. Ela balançou a cabeça. Não havia uma única fotografia na sala, exceto pelo pai de Hayes, Dallas, que havia sido xerife antes dele. Nada pessoal.

Hayes entrou, lendo uma folha de papel.

— Você é realmente duro, não é? — Alice murmurou.

Ele ergueu a cabeça surpreso.

— Por que você diz isso?

— Esse é o escritório mais impessoal que eu já vi. Espere — ela ergueu uma mão — Eu retiro isso. O escritório de Jon Blackhawk é pior. Ele nem ao menos tem uma fotografia.

— Meu pai me mataria se eu a retirassem — ele deu um risinho, sentando atrás da mesa.

— Os agentes te disseram alguma coisa?

— Sim. Eles receberam uma denúncia sobre o caso. A queixa foi dada ontem por uma mulher que é secretária de um político de San Antonio. Ela não tem idéia de quem o pegou.

— Droga — ela suspirou e inclinou-se na cadeira — Bem, Longfellow está trabalhando naquele pedaço de papel que nós encontramos e poderemos descobrir algo através da pegada que eu analisei. Nós encontramos algumas marcas de tênis. O escritório do FBI está com o material. Eles rastrearão a companhia que o fez e tentarão descobrir onde ele foi vendido.

— Isso é uma maldita demora.

— Ei, eles resolveram crimes através de zípers de calças.

— Pois é.

Ela respirou fundo.

— Estranho, como o papel foi colocado na lama por baixo da mão dele.

— Alguém pisou nela — Hayes a lembrou.

— Não — os olhos dela se estreitaram — A vítima o escondeu na mão.

Hayes franziu a testa.

— Talvez a vítima tenha escondido deliberadamente?

Ela concordou.

— Talvez ele soubesse que ia morrer e quisesse deixar uma pista que nos levasse até o assassino.

Hayes deu um risinho.

— Jones, você assiste muitos programas de TV.

— Na verdade, o atendente da loja de ferragens disse que eu não assisto o suficiente — ela suspirou — Eu li um livro sobre entomologia judicial enquanto ele pegava os materiais que eu precisava.

— Perícia de insetos? — ele perguntou.

Ela concordou.

— Você pode dizer a hora da morte através da atividade de insetos. Eu já fiz cursos sobre isso. E já recebi um caso com a ajuda de um especialista em insetos — ela afastou uma mecha de cabelo — Mas o que é mesmo interessante, Carson, é o dente.

Ele franziu a testa.

— Dente?

Ela concordou.

— Dentição. Você pode descobrir muitas coisas através dos dentes, especialmente se houver mordidas em algum lugar. Por exemplo, existem as coroas de dentes Carabelli, que são mais freqüentes em povos da Europa. Existe também o pré-molar superior Asteca com uma coroa sobressalente que só é encontrada em Americanos Nativos. Você pode identificar os Asiáticos através dos dentes incisivos... Bem, de qualquer modo, os seus ancestrais, mesmo a história da sua vida, está nos seus dentes. Sua alimentação, sua idade...

— Se você já entrou em brigas de bar — ele interrompeu.

Ela riu.

— Já perdemos algum dente?

— Apenas um par — ele disse simplesmente — Eu fiquei muito tranquilo ao envelhecer.

— Você e Kilraven — ela acrescentou zombeteira.

Ele riu.

— Não aquele selvagem — ele corrigiu — Kilraven nunca se acalmará, e você pode me pegar como exemplo.

— Ele poderá se algum dia conseguir controlar seus demônios — ela franziu a testa pensativamente e estreitou os olhos — Muitos dos nossos oficiais daqui trabalham em San Antonio — ela pensava alto — Garon Grier, o assistente do SAC do escritório do FBI de San Antonio. Rick Marquez, que trabalha como detetive para o FBI de San Antonio. E também Kilraven.

— Você está tentando dizer algo? — ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Estou ligando cabos desconectados. Algumas vezes ajuda. Ok, aqui vai. Um cara vem de San Antonio até aqui e é emboscado. Ele está dirigindo o carro roubado de outra pessoa. Ele foi tão espancado que nem sua própria mãe poderia reconhecê-lo. Quem o matou não queria que ele fosse reconhecido.

— Podem existir milhares de razões para isso.

— Talvez. Escute. Eu estou fazendo associações padrões — ela ficou em pé, colocou as mãos na cintura, e começou a caminhar pela sala, dizendo o que lhe vinha à cabeça — De todos esses oficiais, Kilraven é o mais evidente em San Antonio nos últimos dias. Ele estava com o irmão, Jon, quando eles resolveram o seqüestro de Gracie Marsh, a meia-irmã de Jason Pendleton...

— A mulher de Pendleton, agora — ele corrigiu com um sorriso.

Ela acenou com a cabeça.

— Ele também estava relacionado ao resgate de Rodrigo Ramirez, o agente do DEA seqüestrado cuja esposa, Glory, era assistente do D.A. em San Antonio.

Hayes encostou-se na cadeira.

— Isso não foi publicado.

Ela concordou distraída.

— Rick Marquez também está muito em evidência — ele apontou. Então franziu a testa — Rick não estava tentando convencer Kilraven a reabrir aquele caso de assassinato que envolvia a sua família?

— Pois é — ela respondeu parando em frente à mesa — Kilraven recusou. Ele disse que isso apenas ressuscitaria a dor, e a mídia ficaria em cima. Ele e Jon se recusaram. Eles achavam que havia sido um crime ao acaso e que o bandido já estava bem longe.

— Mas isso não foi o fim.

— Não — ele disse — Marquez recusou-se a parar. Ele prometeu fazer o seu trabalho e não revelar uma palavra sobre isso a ninguém a não ser o detetive que ele trouxe para ajudá-lo com os arquivos — ela fez uma careta — Mas a investigação não chegou a lugar algum. Menos de uma semana trabalhando no projeto, e Marquez e seu detetive foram obrigados a interromper a investigação.

Hayes torceu os lábios.

— Isso não é interessante?

— Tem mais — ela disse — Marquez e o detective foram ao D.A. e prometeram conseguir evidências para reabrir o caso se eles fossem autorizados a continuar. O D.A. disse que precisava falar com algumas pessoas. Na semana seguinte, o detetive que estava trabalhando com Marquez foi afastado dos homicídios e mandado de volta à divisão uniformizada como sargento de patrulha. E Marquez foi educadamente informado de que devia manter o nariz fora do problema e não prosseguir com mais nada.

Hayes franziu a testa ainda mais profundamente.

— Parece que alguém não quer que esse caso seja reaberto — Se eu estou certo, alguém que tem muito poder no governo.

— E nós dois sabemos o que acontece com o abuso de poder — Hayes disse com uma sobranceira arqueada — Anos atrás, quando eu ainda era assistente do xerife, um dos meus companheiros — um novo recruta — decidiu investigar por conta própria os rumores sobre uma casa de prostituição implantada no hotel local. Como um cordeiro, ele foi ao conselho do distrito e disse tudo o que havia descoberto em um encontro aberto.

Alice fez uma careta, porque sabia pela sua experiência o que provavelmente havia acontecido depois.

— Pobre homem!

— Bem, depois disso ele foi demitido e deixou a cidade — Hayes disse — Eu fui chamado e me disseram para não me envolver no caso, se eu ainda quisesse continuar como assistente do xerife do distrito. Eu disse que nenhum oficial da lei devia ser demitido por fazer o seu trabalho.

— O que você fez? — ela perguntou porque conhecia Hayes. Ele não era o tipo de pessoa que abaixava a cabeça.

— Corri até o xerife e venci — ele disse simplesmente. Então deu um risinho — Os integrantes do conselho do distrito estavam abusando do poder. Eu descobri, juntei as evidências e chamei um repórter de San Antonio.

— Aquele repórter? — ela exclamou — Ele ganhou um prêmio pela história! Meu Deus, Hayes, o presidente do conselho foi para a cadeia! Mas era mais do que simplesmente corrupção...

— Ele e o cafetão do bordel tinham um envolvimento com distribuição de drogas — ele interrompeu — Ele vai a julgamento daqui a alguns meses. Eu pretendo assistir a audiência — ele sorriu — Eu adoro esses pequenos encontros informais.

— Puxa.

— Pessoas que ganham o seu próprio dinheiro através de meios desonestos geralmente não mudam — ele disse baixo — É uma característica básica de caráter que nenhuma reabilitação consegue mudar.

— Nós vivemos no meio de pessoas realmente repulsivas.

— Sim. É por isso que nós temos a lei. Eu devo acrescentar que os oficiais do nosso distrito são excepcionais.

Ela o encarou. Ele apenas sorriu.

— Qual é o próximo passo? — ela perguntou.

— Eu não farei nenhum até descobrir o que estava no papel. Será que a sua assistente não descobriu nada, mesmo que apenas o texto da mensagem?

— Pode ser — Alice pegou o celular e ligou para o seu escritório — Mas eu provavelmente atrasarei esse caso por causa de Kilraven. Talvez a vítima tenha se envolvido com as pessoas erradas e pagou por isso. Talvez ele tivesse dívida de drogas ou algo.

— Essa é sempre uma possibilidade — Hayes precisou concordar.

O telefone chamou várias vezes. E finalmente foi atendido.

— Laboratório criminal, Longfellow falando.

— Você sabia que tem o sobrenome de um famoso poeta? — Alice brincou.

A mulher era séria durante a maior parte do tempo, e não entendia brincadeiras.

— Sim. Eu sou uma prima distante do poeta, de fato. Você quer saber sobre o pedaço de papel? É muito cedo para qualquer análise do papel ou da tinta...

— A escrita, Longfellow, a escrita — Alice interrompeu.

— Como eu disse, é muito cedo para uma análise. Nós precisamos comparar primeiro, e depois precisaremos da ajuda de um especialista...

— Mas o que a mensagem *diz*? — Alice explodiu impaciente. Por Deus, a outra mulher era tão lenta algumas vezes.

— Oh, Isso. Só um minuto — houve uma pausa, barulho de papel, uma tossida. Longfellow retornou — Não diz nada.

— Você não consegue entender as letras? Está manchado pela água ou algo do tipo?

— Não tem letras.

— Então o que tem? — Alice disse com o pouco que lhe restava de paciência. Estava imaginando Longfellow no chão com ela por cima lhe dando umas pauladas...

— Eram números, Jones — veio a resposta seca — Apenas alguns números. Nada mais.

— Um endereço?

— Não exatamente.

— Fale os números.

— Apenas o último seis era visível. Os outros foram manchados pelo suor da mão do homem que apertou o papel com força. Aqui vai.

Ela leu a série de números.

— Quais estavam manchados? — Alice perguntou.

— Parece que os primeiros. É um número de telephone, o código de area e os primeiros números estão faltando. Nós seremos capazes de reconstruí-los no escritório do FBI, mas não imediatamente. Desculpe.

— Não, escute, você ajudou muito. Se eu controlasse os salários, você ganharia um aumento.

— Obrigada, Jones — veio a resposta envergonhada — É muito gentil você dizer isso.

— Não há de que. Ligue se você descobrir algo mais.

— Pode deixar.

Alice desligou. Ela olhou os números e franziu a testa.

— O que você descobriu? — Hayes perguntou.

— Eu não tenho certeza. Um número de telefone, talvez.

Ele aproximou-se e olhou o papel onde ela escrevera os números.

— Será isso o mistério? — ele perguntou anotando os números.

— Eu não sei. Se for, pode ser um número de San Antonio, mas nós precisamos do código de área para determinar isso, e está faltando.

— Mantenha aquele laboratório ocupado!

EEla o encarou.

— Como se nós acordássemos tarde, tivéssemos duas horas de almoço e começássemos a trabalhar na hora do almoço!

— Desculpe — ele disse sem graça.

Ela torceu os lábios e lançou-lhe um olhar divertido.

— Ei, os seus oficiais vivem nas docerias, ficam lendo revistas de esporte no escritório e jogam no computador, certo?

Ele a encarou.

Ela ergueu uma mão com a palma para cima.

— Bem vindo ao clube dos estereótipos.

— Quando ela vai descobrir mais sobre os números?

— Sua dúvida é tão grande quanto a minha. Alguém falou com a mulher que teve o carro roubado e perguntou se ela sabe quem pode tê-lo roubado? Ou a interrogou para obter informações e descobrir se ela o emprestou a alguém? — ela acrescentou astutamente.

— Não, ninguém falou com ela. Os federais que estão cuidando do caso quiseram esperar até conseguiram informações que possam coagi-la a dizer algo importante — ele disse.

— Como nós falamos, eles estão esperando que Jon Blackhawk levante da sua mesa e eles possam amordaçá-lo — ela disse com um sorriso — A primeira reação dele seria trazê-la até aqui e torturá-la.

— Ele é jovem e precipitado. Pelo menos é o que diz seu irmão.

— Kilraven ama o irmão — Alice respondeu — Mas ele conhece os seus defeitos.

— Eu não chamaria de defeito mergulhar de cabeça — Hayes apontou.

— É por isso que você levou um tiro, Hayes — ela disse.

— Qualquer um pode levar um tiro — ele disse.

— Sim, mas você já levou dois — ela recordou — A fofoca local é que você tem mais chance de ser nomeado rei de algum país pequeno do que de se casar. Ninguém aqui deseja se tornar viúva logo após o casamento.

— Eu estou mais calmo — ele murmurou defensivamente — E quem anda dizendo isso?

— Eu soube que Minette Raynor — ela respondeu sem encará-lo.

A mandíbula dele trincou.

— Eu não desejo me casar com a senhorita Raynor, nem agora nem nunca — ele devolve friamente — Ela ajudou a matar o meu irmão.

— Não, e você tem provas, mas faça o que bem entender — ela disse quando ele pareceu furioso o suficiente para duzer algo imperdoável — Agora, você tem alguma idéia de como nós podemos falar com a mulher antes que alguém a apague? Parece que quem matou aquele pobre homem no rio não hesitaria em lhe arrumar companhia. Eu apostaria a minha reputação que isso está ligado a alguém poderoso, e ele foi morto para despistar. Se a mulher tiver alguma informação, ela está na lista dos ameaçados.

— Bom argumento — Hayes precisou admitir — Você tem um plano?

Ela balançou a cabeça.

— Infelizmente não.

— Sobre o número, você pode recorrer aos operadores do 911 — ele disse — Eles lidam muito com tráfico de linhas. Eles podem reconhecê-lo.

— Isso é algo construtivo — ela disse com um sorriso — Mas essa não é a minha jurisdição, você sabe.

— O crime foi cometido no distrito. Essa é minha jurisdição. Estou lhe dando a autoridade de investigar.

— O seu próprio investigados não vai se sentir desprezado?

— Ele se sentiria se estivesse aqui — ele suspirou — Ele tirou alguns dias de férias e foi passar o natal em Wyoming. Ele disse que os perderia se não os tirasse até o final do ano. Eu não pude discordar e não tinha muito trabalho quando ele partiu — ele balançou a cabeça — Ele vai me bater quando voltar e descobrir que eu tinha um assassinato de verdade aqui e não o chamei para investigar.

— Do jeito que as coisas andam — ela disse lentamente — Ele ainda pode ajudar. Eu não acho que nós resolveremos esse caso logo.

— Ei, eu vi um assassinato como esse em um daqueles programas de televisão — ele disse com fingida animação — Eles encontram as evidências, conseguem resultados em duas horas e mandam o cara para a prisão antes do primeiro comercial!

Ela sorriu para ele e fez um gesto universal antes de pegar a bolsa, um pedaço de papel e sair do escritório.

Ela estava almoçando no Café da Barbara quando o objeto de seus sonhos mais recentes entrou, alto e bonito com roupas de caubói, junto com um casaco de pele de ovelha, botas pretas polidas e um chapéu Stetson que parecia o usado por Richard

Boone na série *"Have Gun – Will Travel"*¹ que ela costumava assistir. Estava puxado sobre seus olhos e ele parecia mais um selvagem do que um vaqueiro trabalhador.

Ele cumprimentou Alice enquanto pagava por seu almoço e sorriu para ela. Ela esbarrou na xícara de café e derramou por toda a mesa, o que tornou o sorriso dele ainda maior.

Barbara veio correndo com um pano.

— Não se preocupe, isso acontece o tempo todo — ela assegurou. Ela encarou Harley, fez uma careta e deu um risinho — Ah, o romance está no ar.

— Não está, não — Alice disse firme — Eu me ofereci para levá-lo ao cinema, mas estou quebrada, e ele também — ela acrescentou suavemente.

— Ahh — Barbara simpatizou.

— Eu não recebo até a próxima sexta — Alice disse, secando as manchas na calça comprida branca — E já estarei longe a essa altura.

— Eu recebo nessa sexta — Harley disse, colocando uma cadeira na mesa de Alice, junto com um prato com bife e fritas — Você vai comer salada? — ele perguntou surpreso com a pequena quantia de comida — Você nunca será capaz de fazer uma investigação de verdade com uma dieta como essa. Você precisa de proteínas — ele indicou a comida em seu próprio prato.

Alice gemeu. Ele não entendia. Ela passava tantas horas no laboratório que não suportava mais comer carne. Era uma piada no Texas, então ela decidiu manter a opinião para si mesma. Se dissesse algo como aquilo, haveria um tumulto no Café da Barbara.

Então ela apenas sorriu.

— Estranho ver você aqui — ela brincou.

Ele deu um risinho.

— Eu aposto que não foi uma surpresa — ele disse enquanto começava a cortar a carne.

— O que você quer dizer? — ela perguntou com falsa inocência.

— Eu estava conversando com Hayes Carson lá fora e ele sem querer mencionou que você perguntou onde eu almoçava — ele respondeu.

Ela ficou zangada.

— Bem, essa seria a última coisa que eu perguntaria a ele!

— Eu deveria mencionar que perguntei a ele onde *você* almoçava? — ele acrescentou com um brilho nos olhos claros.

A expressão irritada de Alice desapareceu. Ela suspirou.

— Verdade? — ela perguntou.

— Verdade. Mas não veja isso como uma proposta de casamento — ele disse — Eu quase nunca faço propostas à investigadores da cena do crime na hora do almoço.

— Investigadores da cena do crime? — um caubói de um dos ranchos próximos exclamou, andando na direção deles — Puxa, eu assisto esses programas o tempo todo. Você sabia que eles podem dizer a hora da morte apenas...

— Oh, querido, eu sinto muito! — Alice exclamou quando o caubói a encarou. Ela "acidentalmente" jogara um copo de chá gelado em cima dele — É um reflexo — ela tentou explicar enquanto Barbara se aproximava novamente — Toda vez que alguém fala sobre o meu trabalho, eu fico toda excitada e começo a atirar coisas! — ela pegou o prato de salada — É um reflexo inevitável, eu simplesmente não consigo parar...

— Sem problemas! — o caubói disse rapidamente começando a se afastar — Eu preciso voltar ao trabalho! Não se preocupe com isso!

¹ **Have Gun – Will Travel:** Série; mais conhecida no Brasil como *Paladino do Oeste*

Ele correu até a porta, deixando um rastro de chá gelado, junto com meia xícara de café e um pedaço de torta.

Harley tentava não rir, mas não conseguiu evitar. Barbara sorria quando pediu que uma de suas garçonetes arrumasse um pano e um rodo.

— Eu sinto muito — Alice disse a ela — De verdade.

Barbara lançou-lhe um olhar divertido.

— Você não gosta de falar sobre trabalho, certo?

— Não. Não gosto — ela confessou.

— Não se preocupe — Barbara disse quando o rodo e o pano foram entregados à ela — Eu vou me certificar de que a novidade circule. Antes do almoço de amanhã — ela acrescentou ainda rindo.

Capítulo 4

Depois disso, ninguém tentou falar sobre trabalho com Alice. O almoço foi agradável e amigável. Alice gostava de Harley. Ele tinha uma boa personalidade, e eles se davam bem, diferente de muitas pessoas. Ele era modesto e despretensioso, e não tentava monopolizar a conversa.

— Como está indo a investigação? — ele perguntou quando eles estavam na segunda rodada do café.

Ela deu de ombros.

— Lenta — ela respondeu — Nós temos um número parcial, possivelmente um número de telefone, um carro roubado cujo dono não sabe quem o roubou e uma pegada de tênis que esperamos que alguém possa identificar.

— Eu vi um programa no FBI que mostrava como eles fazem isso — Harley respondeu. Ele parou imediatamente ao perceber o que havia dito. O garfo pairou no ar, os olhos dele pousaram na xícara de Alice.

Ela riu.

— Não se preocupe. Eu controlarei os meus reflexos. Na verdade o laboratório faz um bom trabalho rastreando pegadas — ela acrescentou — O problema é que a maioria das pegadas é muito comum. Você consegue o nome da companhia que os fabricou, mas depois precisa ir até as lojas para obter informações sobre quem os comprou.

— E as pessoas que pagam em dinheiro e não tem registro de seus pagamentos?

— Eu nunca disse que as técnicas investigativas eram perfeitas — ela devolveu sorrindo — Nós usamos o que podemos.

Ele franziu a testa.

— Aqueles números... Não deve ser tão difícil isolar um número de telefone? Você pode estreitar as investigações com um programa de computador.

— Sim, mas existem muitas combinações possíveis, considerando que nós não temos o código de área — ela gemeu — Nós precisamos tentar cada um.

Ele torceu os lábios.

— O carro, então. Você tem certeza de que o dono não tinha nenhuma ligação com a vítima?

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Já considerou uma carreira a serviço da lei?

Ele riu.

— Já. Há muito tempo — ele fez uma careta como se a lembrança não fosse muito agradável.

— Nós estamos curiosos sobre o carro — ela disse — Mas eles não querem pressionar a dona. A verdade é que ela trabalha para um particularmente desagradável membro da comunidade política.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Quem?

Ela hesitou.

— Qual é. Eu sou um túmulo. Pergunte ao meu chefe.

— Ok. É o senador do Texas que mora em San Antonio — ela confessou.

Harley fez um movimento desajeitado e encostou-se na cadeira. Ele olhou através da janela sem na verdade enxergar nada.

— Você acha que o político pode estar envolvido de algum modo?

— Não posso afirmar isso — ela suspirou — Todos com influência nos círculos políticos tem empregados. Qualquer um pode se envolver com uma pessoa ruim e não saber.

— Eles não interrogar a dona do carro?

— Eu tenho certeza de que sim. Eles só estão esperando pela hora certa.

Ele brincou com a xícara de café.

— Então você vai ficar aqui por um tempo?

Ela fez uma careta.

— Mais alguns dias, apenas para ver se consigo mais pistas. Hayes Carson quer que eu veja o carro enquanto o laboratório está trabalhando, então eu acho que vou até San Antonio e volto quando terminar.

Ele apenas concordou, parecendo distraído.

Ela o estudou de uma maneira calculada.

— Então, quando nós vamos nos casar? — ela perguntou.

Ele lançou-lhe um olhar divertido.

— Não hoje. Eu preciso mover o gado.

— Meu horário é muito flexível — ela assegurou.

Ele sorriu.

— O meu não é.

— Rato.

— Puxa, isso é interessante, eu estava pensando em ratos. Preciso comprar ração para gato.

Ela piscou.

— Ração de gato. Para ratos?

— Nós temos gatos no celeiro para lidar com os ratos — ele explicou — Mas não temos um número bom de ratos para alimentar os bichanos, então compramos suplementos.

— Eu gosto de gatos — ela disse com um suspiro e sorriu — Talvez nós passamos adotar alguns quando nos casarmos — ela franziu a testa — Isso vai ser um problema?

— Os gatos?

— Não. Onde nós vamos morar? — ela insistiu — Meu emprego é em San Antonio e o meu é aqui. Já sei — ela disse repentinamente — Eu vou pedir transferência!

Ele riu. Ela o fazia sentir-se bem. Terminou o café.

— É melhor você conseguir o noivo primeiro — ele apontou.

— Ok. Que tipo de flor você gosta, e quando nós teremos o nosso primeiro encontro?

Ele torceu os lábios. Ela era extremamente otimista, mas por trás daquela personalidade, ele viu algo mais profundo e muito mais frágil. Ela era tímida. Ela estava escondendo a sua verdadeira personalidade com aquela máscara.

Ele encostou-se na cadeira, sentindo-se arrogante com o interesse que ela demonstrava por ele. Seus olhos se estreitaram e ele sorriu.

— Eu acho que nós podemos assistir um filme em San Antonio. Na sexta à noite.

— *Ooooooh* — ela exclamou com os olhos brilhando — Eu gosto de ficção científica.

— Eu também, e eles regravaram um filme de 1950. Eu não me importaria em vê-lo.

— Nem eu.

— Eu pego você no hotel às cinco. Nós jantaremos e iremos ao cinema depois. Está bem?

Ela concordou rapidamente.

— Eu devo ir em frente e comprar os anéis? — ela perguntou com uma expressão inocente.

Ele deu um risinho.

— Eu já disse que estou muito ocupado no momento para me casar.

Ela esticou os dedos.

— Droga!

— Mas nós podemos ver o filme.

— Eu gosto de filmes.

— Eu também.

Eles pagaram pelos respectivos jantares e saíram juntos, chamando atenção de vários clientes da lanchonete. Harley não andava com muitas garotas ultimamente, e ali estava aquela bela dama de San Antonio almoçando com ele. As especulações começaram a surgir.

— Eles nos casarão no fim da tarde — ele afirmou indicando as janelas, onde olhos curiosos os seguiam.

— Eu devo voltar e convidar todos para o casamento? — ela perguntou.

— Desligue o motor, cara — ele disse em uma imitação perfeita da tartaruga do mar de seu desenho preferido.

— Você é tão duro, Squirt! — ela devolveu.

Ele riu.

— Querida. Você também gosta de desenhos?

— Sou louca por eles — ela respondeu — Meu favorito agora é “*Wall-E*”, mas meu gosto muda de temporada em temporada. Eles melhoram a cada dia.

— Eu gostava de “*Wall-E*” também — ele concordou — História envenenada. Bela trilha sonora.

— A minha exata opinião. Isso é bom. Quando nós tivermos filhos, adoraremos levá-los ao cinema para ver os novos desenhos animados.

Ele tirou o chapéu e começou a abanar-se.

— Não mencione filhos ou eu vou desmaiar! — ele exclamou — Eu já estou vendo chamas de fogo considerando a idéia do casamento!

Ela o encarou.

— Mulheres vêm chamas de calor quando entram na menopausa — ela disse enfatizando a primeira palavra.

Ele arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Talvez eu seja uma mulher disfarçada — ele sussurrou travesso.

Ela empinou o nariz e analisou-lhe lentamente desde as botas de caubói até os cabelos castanhos.

— É um disfarce muito bom — ela precisou concordar. Ela grunhiu, do fundo da garganta, e sorriu — Depois do filmes nós podemos despir você e ver se o disfarce é mesmo bom.

— Nunca! — ele exclamou ofegante — Eu não sou esse tipo de homem! E se você continuar falando nisso, eu nunca me casarei com você. Um homem tem seus princípios. Você está bem na minha frente!

Alice estava quase chorando de tanto rir. Harley Fowler seguiu o olhar dela, virou-se, e lá estava Kilraven, de uniforme, o encarando.

— Eu li esse livro — Kilraven disse depois de um tempo — Sobre um escocês que se disfarçou de mulher por três dias depois que ele roubou um dinheiro Inglês destinado aos Lordes Escoceses da Congregação que iam depor Mary, a rainha da Escócia. A família que lhe deu abrigo recebeu uma recompensa com uma compensação que foi paga durante anos, mesmo depois da morte dele. Eles sabiam como pagar uma dívida — ele franziu a testa — Mas isso foi no século dezesesseis, e você não se parece com o lorde Bothwell.

— Eu espero que não — Harley disse — Ele morreu há quase quatrocentos anos!

Alice aproximou-se e bateu o quadril no dele.

— Não fale assim. Alguns dos meus melhores amigos são pessoas que estão mortas.

Harley e Kilraven gemeram.

— Foi uma brincadeira — Alice explodiu exasperada — Meu Deus, vocês não tem senso de humor?

— Ele não — Harley disse indicando Kilraven.

— Eu tenho — Kilraven devolve — Eu tenho um bom senso de humor — ele aproximou-se — E é melhor você confirmar porque eu estou armado.

— Você tem um ótimo senso de humor — Harley disse rapidamente, e sorriu.

— O que você está fazendo aqui? — Alice perguntou repentinamente — Eu achei que você estava de folga hoje.

Kilraven deu de ombros.

— Um dos nossos homens pegou uma gripe e eles precisaram de alguém no lugar. Não tenho muito o que fazer por aqui em uma folga, então me ofereci como voluntário — ele acrescentou.

— Existem as TVs — Alice disse.

Ele fez uma cara de zombaria.

— Eu não tenho uma televisão — ele disse melindroso — Eu leio livros.

— História Européia? — Harley perguntou recordando a menção de Bothwell.

— Na maior parte das vezes, história militar, mas história é história. Por exemplo — ele começou — Você sabia que os canibais colocavam cobras venenosas em vasos de barro e entregavam nos campos dos inimigos como um meio de ataque?

Harley tentou permanecer sério.

Alice nem tentou.

— Você está brincando!

— Não estou. Pode procurar.

— Eu teria me jogado no oceano! — Alice exclamou estremecendo.

— Assim como a maioria dos combatentes inimigos — Kilraven deu um risinho — Vê o que você aprende quando lê, ao invés de passar o dia inteiro na televisão?

— Como você pode não ter uma televisão? — Harley exclamou — Você não assiste os noticiários...

— Não me condene — Kilraven murmurou — Notícias de corporações, atos heróicos de indivíduos com problemas pessoais para o entretenimento das massas! Veja aquela vítima de assassinato que foi morta no verão, e a família do acusado ainda está sendo crucificada noite e dia mesmo não tendo nada a ver com isso. Você chama isso de noticiários? Eu chamo de pão e circo, assim como na Roma Antiga!

— Então como você sabe o que está acontecendo no mundo? — Alice perguntou.

— Eu tenho um computador com acesso a Internet — ele disse — É onde as notícias de verdade estão.

— Um revolucionário — Harley disse.

— Um anarquista — Alice corrigiu.

— Eu sou um honrado membro a service da lei — Kilraven devolveu. Ele olhou o relógio no pulso — E eu me atrasarei se não almoçar logo.

Harley olhou para o relógio e franziu a testa. Ele conhecia o modelo. Era um comum entre os mercenários.

— Blade ou Garrote? — ele perguntou citando as duas marcas famosas a Kilraven.

Kilraven ficou surpreso, mas se recuperou rapidamente.

— Blade — ele disse — Como você sabe?

— Micah Steele usava um idêntico.

Kilraven aproximou-se.

— Adivinhe de quem eu comprei? — ele perguntou sorrindo. E com um aceno, entrou na lanchonete.

— Sobre o que vocês estavam falando? — Alice perguntou curiosa.

— Segredo de estado — Harley devolveu — Eu preciso ir. Vejo você na sexta.

Ele virou-se, mas voltou-se repentinamente.

— Espere um minuto — ele pegou um pequeno pedaço de papel e uma caneta do bolso da calça e anotou um número. Ele dobrou o papel e entregou à ela — Esse é o número do meu celular. Se alguma coisa acontecer, e você não puder ir, pode me ligar.

— Posso ligar de qualquer maneira? — ela perguntou.

Ele piscou.

— Para quê?

— Para conversar. Você sabe, e se eu tiver algum problema pessoal profundo que não possa esperar até sexta?

Ele riu.

— Alice, são só dois dias — ele disse.

— Eu posso ser mordida por uma cobra ou algo do tipo.

Ele suspirou.

— Ok. Mas só quando for necessário. É difícil tirar o celular do bolso quando se está atolado na lama tentando puxar o gado.

Ela sorriu.

— Eu lembrarei disso — ela colocou o número no bolso — Eu adorei o almoço.

— Sim — ele disse sorrindo — Eu também.

Ela o observou afastar-se com afeição. Ele tinha mesmo um corpo sensual, muito masculino. Ficou suspirando até notar vários olhos a espiando de dentro da lanchonete. Com um sorriso zombeteiro na direção deles, ela caminhou rapidamente até a van.

A marca do tênis era tão comum que Alice tinha sérias dúvidas quanto a localizar o vendedor, muito menos o comprador. O carro seria uma pista muito melhor. Ela foi até o laboratório enquanto eles a processavam. Havia algumas evidências que prometiam respostas. Ela também pediu para o tenente Rick Marquez, do escritório de San Antonio, conseguir informações sobre a mulher que era dona do carro roubado.

Na manhã seguinte em Jacobsville, no caminho para o trabalho em San Antonio, Rick parou no hotel de Alice para lhe entregar as informações que havia conseguido.

— Ela é empregada do senador Fowler há dois anos — Rick disse sentado na beirada da cama enquanto ela se arrumava — Ela é muito religiosa. Ela vai à igreja nas quartas e domingos. Ela está envolvida em um programa de proteção para os desabrigados, e doa uma boa parte do salário para pessoas que considera mais necessitadas — ele balançou a cabeça — Você lê sobre essas pessoas, mas raramente as encontra na vida real. Ela não tem uma única mancha negra em seu currículo, a menos que você considere uma detenção no ensino médio por chegar atrasada três dias seguidos enquanto sua mãe estava doente.

— Puxa — Alice exclamou suavemente.

— E tem mais. Ela quase perdeu o trabalho por denunciar o senador de contratar trabalhadores ilegais e ameaçá-los de deportação se eles pedissem salários maiores.

— Que gracinha — Alice murmurou.

— Pelo que nós sabemos o senador é o pior patrão que pode existir. E sua mulher é tão arrogante quanto ele. Ela era juíza antes de começar o negócio com importação e exportação. Ela ganhou milhões. E financia boa parte das campanhas de reeleição do senador.

— Ele é honesto?

— Algum político é? — Marquez perguntou cinicamente — Ele faz parte de comitês muito poderosos no congresso, e já foi acusado de receber comissões de um oficial mexicano.

— Pelo quê?

— Ele foi subornado para diminuir um pouco a fiscalização na fronteira. A fofoca é que o senado tem alguns contatos com a ilegalidade, mais notavelmente o tráfico de drogas. Mas não existem provas. O último detetive que tentou investigar o senador foi transferido.

— Um homem vingativo.

— Muito.

— Eu não acho que o detetive irá falar comigo? — ela pensou alto.

— Ela — ela disse surpreendentemente — Nós dois estávamos tentando reabrir o caso da família de Kilraven, se você se lembra, quando nós fomos obrigados a parar. Ela voltou sua atenção para o senador e foi expulsa do esquadrão investigativo.

Ele fez uma careta.

— Ela é uma boa mulher. Tem um filho inválido para cuidar e um ex marido que é uma pedra no caminho, para ser justo.

— Nós soubemos que o caso havia sido interrompido. Você acha que o senador foi o responsável? — ela perguntou.

— Nós não sabemos. Ele tem um protegido que acabou de ser eleito senador do Texas, e esse protegido tem algumas ligações com pessoas que não são exatamente a nata da sociedade. Mas nós não nos atrevemos a mencionar isso em público — ele sorriu — Eu não suportaria ser colocado em uma moto e nomeado guarda de trânsito.

— Sua amiga não está fazendo isso? — ela perguntou.

— Não, ela usa carros de patrulha, mas é uma tenente, então precisa fazer muito trabalho no escritório — ele a observou — É verdade que você está tentando se casar com Harley?

Ela deu um risinho.

— Ainda é muito cedo. Ele é tímido, mas eu o sobrecarregarei com flores e chocolates até ele dizer sim.

— Boa sorte — ele disse com um risinho.

— Eu não precisarei. Nós vamos ao cinema na sexta.

— Mesmo? O que vocês irão assistir?

— A refilmagem daquele filme dos anos cinqüenta. Nós jantaremos primeiro.

— Você age rápido, Alice — ele disse com respeito. Então checkou o relógio — Eu preciso voltar ao trabalho.

Ela observou o relógio dele curiosamente.

— Você não tem uma lâmina ou algo do tipo no relógio, certo?

— Não exatamente — ele assegurou — Esses relógios custam mais do que eu ganho, e eles são quase exclusivos de mercenários.

— Mercenários? — ela franziu a testa.

— Soldados da fortuna. Eles trabalham pelo pagamento maior, embora a nossa equipe local tenha mais honra.

Mercenários. Agora ela entendia a frase de Harley sobre “segredos do estado”.

— Onde você viu um relógio assim? — ele perguntou.

Ela pareceu inocente.

— Eu ouvi Harley falar. Eu só perguntei para o que eles eram usados.

— Oh. Bem, isso pode salvar a sua vida em uma situação de risco — ele concordou distraído.

— Antes de você ir, será que pode me dar o nome e o endereço daquela detetive de San Antonio? — ela pediu.

Ele hesitou.

— Deixe que eu faça as perguntas, Alice — ele disse com um sorriso — Ela não quer que algum dos seus avanços seja descoberto. Ela ainda está trabalhando nele, sem permissão.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Assim como você, eu acredito. Kilraven sabe?

Ele balançou a cabeça. Então hesitou.

— Bem, eu acho que não. Ele e Jon Blackhawk não nos querem metendo o nariz. Eles estão receosos porque a mídia pode descobrir o caso e eles serão perseguidos — ele balançou a cabeça — É uma pena que as notícias não sejam mais boas como antes. Eles apenas as criam através de famílias que sofreram tragédias, transformando tudo em uma novela.

— É como a mídia trabalha — ela disse a ele — Se você quer notícias reais, compre um jornal local da semana.

Ele riu.

— Você está absolutamente certa. Cuide-se, Alice.

— Você também. Obrigada pela ajuda.

— Disponha — ele parou na porta e sorriu para ela — Se Harley não quiser, você pode tentar comigo — ele convidou — Eu sou jovem, bonito e tenho cabelo comprido — ele indicou o rabo de cavalo — Eu joguei futebol profissional quando estava no ensino médio e tenho uma voz adorável.

Ela deu um risinho.

— Eu ouvi falar da sua voz, Marquez. Eles não pediram, muito educadamente, que você ficasse longe do coral da igreja?

— Eu queria conhecer mulheres — ele disse — O coral estava cheio de solteiras. Mas eu sei cantar — ele acrescentou — Algumas pessoas não apreciam talento de verdade.

Ela não levou muito a sério.

— Eu colocarei você na lista.

— Faça isso — ele riu enquanto fechava a porta.

Alice voltou às suas anotações, espalhadas na mesa do hotel. Algo estava lhe perturbando sobre o papel na mão da vítima. Perguntava-se porque aquilo a incomodava.

Harley apareceu pontualmente para buscá-la na sexta. Ele não estava vestido socialmente, mas usava uma calça, camisa branca e uma jaqueta azul. Ele também não estava usando o chapéu.

— Você está bonito — ela disse sorrindo.

Os olhos dele deslizaram pelo belo suéter azul com bordados ao redor do pescoço e as calças pretas que ela estava usando. Ela jogou o casaco sobre um braço e pegou a bolsa.

— Obrigado — ele disse — Você também está muito bonita, Alice.

Ela aproximou-se dele.

— Opa. Só um minuto. Eu esqueci meu celular. Estava carregando.

Ela o desconectou e colocou no bolso. Ele tocou imediatamente. Ela fez uma careta.

— Só um minuto, certo? — ela pediu a Harley.

Ela atendeu o telefone. Ficou em silêncio. Fez uma careta.

— Hoje não — ela gemeu — Escute, eu tenho planos. Eu nunca falto, mas eu realmente tenho planos hoje. Clancy não pode me cobrir só hoje? Por favor? Por favor? Eu farei o mesmo por ela. Eu até trabalharei na véspera de Natal... Ok? Obrigada! — ela exclamou — Muito obrigada!

Ela desligou.

— Um caso? — ele perguntou curioso.

— Sim, mas eu troquei com outra investigadora — ela balançou a cabeça ao se aproximar dele na porta — Tudo está tão calmo ultimamente que eu acabei esquecendo como minha vida é agitada.

— Você precisa trabalhar na véspera de natal? — ele perguntou surpreso.

— Bem, geralmente eu sou voluntária — ela confessou — Eu não tenho uma vida social muito agitada. Além disso, eu acho que pais devem ficar com filhos nos finais de semana. Eu não tenho filhos, mas meus parceiros sim.

Ele parou na porta de sua caminhonete e a encarou.

— Eu gosto de crianças — ele disse.

— Eu também — ela respondeu séria, sem fazer piadas — Mas eu nunca tive a oportunidade de me tornar mãe.

— Você não precisa se casar para ter filhos — ele apontou.

Ela o olhou séria.

— Eu sou o produto de uma geração de ministros da igreja Batista — ela disse a ele — Meu pai foi o único de cinco irmãos que escolheu os negócios. Tente uma atitude moderna com uma mãe que lecionava aos domingos e com tios que passavam

a vida aconselhando as mulheres a não destruírem suas vidas com uma gravidez inesperada.

— Eu acho que seria difícil — ele disse.

Ela sorriu.

— Você cresceu com pais de mente aberta, não foi? — ela perguntou curiosa.

Ele fez uma careta. Ele a ajudou a entrar na caminhonete e sentou no seu lugar antes de responder.

— Meu pai é um agnóstico. Ele não acredita em nada a não ser o poder do dinheiro. Minha mãe é igual a ele. Eles queriam que eu me associasse com as pessoas certas e os ajudassem. Eu fiquei com os pais de um amigo por um tempo e acabei me apegando a eles — ele era um mecânico e eles tinham um pequeno sítio. Eu ajudava na oficina. Então eu fui convocado, voltei e tentei ajeitar as coisas com os meus pais, mas não foi possível. Eu fugi de casa, e fui direto para o exército.

— Você lutou na Bósnia? — ela perguntou.

Ele apertou o próprio cinto com violência.

— Eu fui um escrevente — ele disse com desgosto — Eu não estava no combate. Eu não tinha treinamento. Eu acabei fazendo trabalhos clérigos. Eu nunca vi o combate. Não no exército — ele acrescentou.

— Oh.

— Eu sai de casa, vim até aqui para me tornar um caubói sem saber diferenciar uma vaca de um touro. Os amigos com quem eu morei tinham um pequeno rancho, mas eu sempre ficava na cidade, trabalhando na oficina. Nós íamos para o rancho nos finais de semana, mas eu não me interessava muito pelo assunto. O senhor Parks me contratou mesmo assim. Ele sabia que eu não tinha experiência, mas ele me colocou para trabalhar com um veterano chamado Cal Lucas, e ele ensinou tudo o que eu sei sobre gado.

Ela sorriu.

— Você teve muita garra.

Ele riu.

— Acho que sim. Eu erreí muito, apesar de ser um bom mecânico. Então eu entrei para um grupo de mercenários e fui para a África com eles por uma semana em uma chamada missão de treinamento. Tudo o que nós fizemos foi conversar com alguns homens em um vilarejo a respeito de um carregamento estrangeiro. Mas antes que nós pudéssemos fazer algo, fomos descobertos por tropas do governo e mandados para casa — ele suspirou — Eu me gabei pelo que havia aprendido, pelo bom mercenário que eu era — ele a encarou enquanto dirigia até San Antonio, mas ela não o criticou. Muito pelo contrário. Ele relaxou um pouco — Então um barão do mundo do tráfico veio até a casa do senhor Parks com os seus homens e eu precisei encarar a realidade — uma pistola automática no meu rosto. O senhor Parks tirou duas facas das meias e atirou nos homens que estavam me segurando. Derrubou os dois em uma fração de segundo — ele balançou a cabeça, ainda encantado com a lembrança — Eu nunca vi nada como aquilo, nem antes nem depois. Eu achava que ele era um rancheiro. Mas ele era parceiro de Micah Steele e Eb Scott em missões. Ele me ouvia contar mentiras e gabar-me, mas nunca disse nada. Eu nunca saberia, se os contrabandistas não atacassem. Nós tivemos um tiroteio com eles depois daquilo.

— Nós ficamos sabendo disso em San Antonio — ela disse.

Ele concordou.

— O assunto circulou. O senhor Parks, Eb Scott e Micah Steele se uniram para destruir um centro de distribuição que ficava perto da propriedade do senhor Parks. Eu engoli meu orgulho e pedi para ir junto. Eles deixaram — ele suspirou — Eu

amadureci no espaço de uma hora. Eu vi homens atirarem e morrerem, tive a minha vida salva pelo senhor Parks. Depois disso, nunca mais me gabei. O senhor Parks disse que tinha orgulho de mim — ele corou um pouco — Se o meu pai fosse como ele, eu ainda estaria em casa. Ele é um homem de verdade, o senhor Parks. Eu nunca conheci um melhor.

— Ele gosta de você também.

Ele riu com prazer.

— Gosta. Ele me ofereceu alguns acres de terra e algumas cabeças de gado, se eu gostasse de começar o meu próprio rebanho. Estou pensando no assunto. Eu adoro o rancho. Acho que estou ficando bom no trabalho.

— Então nós moraríamos em um sítio — ela torceu os lábios zombeteira — Eu poderia ajudar com o trabalho. Nossos filhos não devem achar a mãe deles uma preguiçosa, não é? — ela perguntou rindo.

Harley olhou a de canto e sorriu. Ela era mesmo divertida. Talvez pudesse levá-la ao rancho algum dia e apresentá-la ao senhor Parks. Tinha certeza de que ele iria gostar dela.

Capítulo 5

O restaurant ao qual Harley levou Alice era muito bom, com garçons uniformizados e candelabros.

— Oh, Harley, isso não era necessário — ela disse rápido, corando um pouco — Um hambúrguer estaria de bom tamanho!

Ele sorriu.

— Todos nós recebemos um bônus de natal do senhor Parks — ele explicou — Eu não bebo, não fumo, nem jogo, então posso pagar alguns luxos de vez em quando.

— Você não tem nenhum vício? Puxa. Agora é que eu acho mesmo que nós devemos tornar as coisas mais sérias — ela o olhou sedutoramente — Eu também não bebo, fumo ou jogo — ela acrescentou esperançosa.

Ele concordou.

— Nós seremos conhecidos como o casal mais puritano de Jacobsville.

— Kilraven é puritano também — ela apontou.

— Sim, mas ele não ficará por muito mais tempo em Jacobsville. Nós ouvimos falar que ele será transferido. Afinal de contas, ele é um federal.

Ela observou o menu.

— Eu aposto que ele poderia se tornar um destruidor de corações com um pouco de prática.

— Ele vai partir o coração de Winnie Sinclair ao partir — Harley disse repetindo a mais recente fofoca da cidade — Ela está mesmo interessada nele. Mas ele acha que ela é muito jovem.

— Mas ele tem uns trinta anos — ela apontou.

— Sim, mas Winnie tem a mesma idade da esposa de seu irmão — ele respondeu — Boone Sinclair também achava que Keely Welsh era muito nova para ele.

— Mas no final ele desistiu. Você sabe que os irmãos Ballenger se casaram com mulheres jovens. E eles são felizes até hoje.

— Sim, eles são.

O garçom se aproximou e anotou o pedido deles. Alice pediu um coquetel de camarão, salada e café. Harley a observou curiosamente.

— Você não está com fome? — ele perguntou.

Ela riu.

— Eu disse a você que adoro saladas — ela confessou — Eu as como todo dia — ela mostrou o corpo saudável e magro — Eu acho que é assim que eu mantenho a forma.

— Eu posso comer o quanto quiser. Eu sempre perco tudo — ele respondeu — Trabalhar com o gado é um serviço muito puxado.

Ela sorriu.

— Eu acredito — ela sorriu para o garçom enquanto ele colocava o café nas xícaras de porcelana — Por que você quis se tornar um caubói? — ela perguntou.

— Eu adorava os filmes de velho oeste — ele disse simplesmente — Gary Cooper, John Wayne e Randolph Scott. Eu sonhava viver em uma fazenda de gado com animais ao redor. Eu nem me importo em lavar Bob quando ele se suja, ou o cão do Puppy.

— Qual o nome do cãozinho do Puppy? — ela perguntou.

— Cãozinho do Puppy.

Ela o olhou de uma maneira estranha.

— Quem é o primeiro, o que está no segundo, e eu não sei quem é o terceiro?

— Eu não dou a mínima para isso — ele terminou com a frase da famosa comédia Abbott e Costello. Então riu — Não, não é isso. O nome dele é mesmo cão do Puppy. Tinha um cara da cidade, Tom Walker. Ele tinha um cão chamado Moose que salvou a sua filha de uma cobra venenosa. Moose teve uma ninhada de filhotes. Moose já morreu, mas o cãozinho do Puppy, que era um dos seus filhotes, foi viver com Lisa Monroe, antes de ela se casar com o meu chefe. Ela o chamava de o cãozinho do Puppy. Com uma cachorra chamada Bob, meu chefe não podia discordar — ele acrescentou com um riso.

— Entendo.

— Você gosta de animais?

— Eu os amo — ela disse — Mas não posso ter animais no apartamento em que vivo. Eu tinha gatos, cachorros e até mesmo um papagaio quando morava em casa.

— Você tem família?

Ela balançou a cabeça.

— Eu só tinha o meu pai, mas ele morreu há alguns meses. Eu tenho tios, mas eles não são próximos.

— Você amava os seus pais?

Ela sorriu calorosamente.

— Muito. Meu pai era um banqueiro. Nós íamos pescar nos finais de semana. Minha mãe era dona de casa e nunca quis comandar uma corporação ou ser uma profissional. Ela queria apenas uma casa cheia de crianças, mas eu fui a única filha que ela conseguiu ter. E ela me mimou muito. O papai tentava detê-la — ela bebeu o café — Eu sinto falta dos dois. Eu queria ter irmãos ou irmãs — ela o encarou — Você tem irmãos?

— Eu tinha uma irmã — ele disse baixo.

— Tinha?

Ele concordou. Em seguida bebeu o café.

— Ela morreu quando tinha sete anos.

Ela hesitou. Aquela parecia ser uma lembrança ruim.

— Como?

Ele sorriu tristemente.

— Meu pai a atropelou enquanto saía da garagem, estava atrasado para um encontro.

Ela fez uma careta.

— Pobre homem.

Ele inclinou a cabeça e a encarou.

— Por que você diz isso?

— Nós fizemos uma autópsia em uma garotinha, há dois anos — ela começou — Seu pai estava histérico. Disse que a televisão caiu em cima dela — ela abaixou os olhos — Nós não podemos ouvir somente a palavra de uma pessoa, mesmo que acreditemos nela. Nós fizemos testes para checar a explicação e ter certeza de que era plausível. Bem, nós empurramos uma televisão do mesmo tamanho da que estava no apartamento do pai. Com certeza, os danos foram catastróficos — ela balançou a cabeça — O pobre homem ficou louco. Ele realmente perdeu a vontade de viver. Sua esposa havia morrido. A criança era tudo o que ele tinha. Ele se trancou no banheiro e deu um tiro na própria cabeça — ela fez um som áspero — Não é o melhor tipo de autópsia.

Ele franziu a testa.

— Desculpe — ela disse piscando — Eu falo demais. Eu sei que é nauseante, e nós estamos em um restaurante e tudo, e eu joguei um copo de chá em um homem essa semana por fazer a mesma coisa comigo...

— Eu estava pensando no pai — ele disse sorrindo para aliviar a tensão — Eu tinha dezesseis anos quando aconteceu. Eu sofri por ela, claro, mas minha vida era beisebol, garotas, jogos e hamburguers. Eu nunca pensei como meu pai havia se sentido. Ele pareceu continuar com a vida depois. Assim como minha mãe.

— A maioria das pessoas parece esquecer a dor. Mas não.

Ele ficou mais pensativo que nunca.

— Minha mãe era ... advogada — ele disse depois de hesitar — Ela era muito correta e séria. Depois que a minha irmã morreu, ela mudou. Festas, os amigos certos, a melhor casa, a mobília mais cara... ela chegou ao fundo do poço.

— Você não percebeu?

Ele fez uma careta.

— Foi quando eu fugi de casa e fui morar com o mecânico e sua esposa — ele confessou — Era o meu último ano no colégio. Eu me formei logo depois, entrei para o exército e servi por dois anos. Quando eu saí, fui para casa. Mas só fiquei por algumas semanas. Meus pais eram totais estranhos. Eu nem mais os conhecia.

— Isso é triste. Você tem algum contato com eles?

Ele balançou a cabeça.

— Eu apenas fugi. Eles nunca procuraram por mim.

Ela tocou a mão dele impulsivamente. Os dedos dele viraram e prenderam os dela. Os olhos claros procuraram os dela, um pouco mais escuros.

— Eu nunca achei que investigadores tivessem sentimentos — ele disse — Eu pensei que você precisava ter muito sangue frio para esse trabalho.

Ela sorriu.

— Eu sou única — ela disse — A consciência do assassinado. A vela pela alma do enfermo. Eu faço o meu trabalho para os assassinos não se safarem, para que eles não escapem da justiça. Eu penso no meu trabalho como o Santo Gral — ela disse solenemente — Eu escondo meus sentimentos. Mas eu os tenho. É duro ver uma vida acabada. Qualquer vida. Mas especialmente a de uma criança.

Os olhos dele brilharam de afeição.

— Alice, você é única.

— Oh, eu espero que sim — ela disse depois de um minute — Porque se houver outra eu posso perder o emprego. Não existem muitas pessoas que dedicam vinte e

quatro horas do dia ao trabalho — ela hesitou e sorriu em seguida — Bem, não o tempo todo, obviamente. Apenas ocasionalmente, eu saio para jantar com homens bonitos e charmosos.

Ele riu.

— Obrigado.

— É verdade. Eu não sei mentir muito bem.

O garçom veio servir mais café e anotou a sobremesa. Quando eles estavam comendo, Alice franziu a testa pensativa.

— Isso me incomoda.

— O quê? — ele perguntou.

— O carro. Por que um homem roubaria o carro de uma mulher correta e religiosa e seria assassinado em seguida?

— Ele não sabia que seria assassinado.

Ela cortou um pedaço do bolo e o encarou.

— E se ele tivesse antecedentes criminais? E se ele estivesse envolvido com ela e quisesse mudar, começar de novo? E se ele tivesse algo na consciência e quisesse resolver? — ela o encarou — E alguém envolvido soubesse e quisesse detê-lo?

— Isso acontece muito — ele apontou.

Ela concordou.

— Sim, acontece. Nós ainda não sabemos quem dirigia o carro, e a história contada pela mulher é um pouco estranha — ela colocou o garfo no prato — Eu quero falar com ela. Mas não sei como. Ela trabalha para um político perigoso. Os federais recuaram. Eu não seria muito esperta se decidisse interrogar um empregado do senador sem provas.

Ele a observou.

— Talvez eu descubra um modo. Eu tenho alguns contatos nos círculos políticos. Talvez eu possa ajudar.

Ela riu.

— Você conhece o senador do Estados Unidos? — ela brincou.

Ele torceu os lábios.

— Talvez eu conheça alguém que tenha uma ligação com algum — ele corrigiu.

— Seria muito se eu conseguisse chegar antes dos federais. Eu acho que ela diria mais a mim do que a um homem desconhecido.

— Espere até amanhã. Eu pensarei em algo.

Ela sorriu.

— Você é um amor.

Ele deu um risinho.

— Você também.

Ela corou.

— Obrigada.

Eles trocaram um olhar longo e cheio de sentimento, interrompido apenas pela chegada do garçom que perguntou se eles queriam mais alguma coisa e entregou a conta. O coração de Alice batia com força enquanto eles saíam do restaurante.

Harley caminhou com ela até a porta do hotel.

— Eu me diverti muito — ele disse a ela — Como não acontecia há anos.

Ela o encarou sorrindo.

— Eu também. Eu assusto os homens. Por causa do trabalho. Eu trabalho com pessoas que não estão respirando.

— Não importa — ele disse.

Ela sentia a mesma tensão que era visível no corpo alto e musculoso. Ele aproximou-se um passo. Ela também.

Ele inclinou-se e tocou suavemente a boca dela com a sua. Quando ela não fez objeção, os braços dele deslizaram ao redor dela e ele a puxou para mais perto. Ele sorriu enquanto aumentava a pressão dos lábios e sentia o tremor do corpo dela antes que ela relaxasse e correspondesse.

O corpo dele já estava rígido de desejo, mas era muito cedo para um interlúdio caloroso. Ele não queria apressá-la. Ela era a mulher mais fascinante que ele já conhecera. Precisava ir devagar.

Ele afastou-se depois de um minuto e segurou os braços dela.

— Talvez nós possamos assistir outro filme na próxima semana? — ele perguntou.

Ela iluminou-se.

— Outro filme?

Ele riu suavemente.

— Sim.

— Eu adoraria.

— Vamos a outro restaurante. Tentaremos vários até encontrarmos um do nosso gosto — ele brincou.

— Que idéia adorável! Nós podemos fazer críticas e colocá-las na internet também.

Ele torceu os lábios.

— Que idéia tentadora.

— Críticas boas — ela disse com um sorriso maquiavélico.

— Desmancha-prazeres.

Ele piscou para ela, e ela corou.

— Não esqueça — ela disse — De encontrar um modo para que eu consiga falar com a mulher, certo?

— Certo — ele disse — Boa noite.

— Boa noite.

Ela ficou parada, suspirando, enquanto ele caminhava até a caminhonete. Mas quando ele entrou e ligou o motor, não dirigiu. Ela percebeu tardiamente que ele estava esperando ela entrar e trancar a porta. Sorriu e acenou. Gostava do senso de proteção que via nele. Podia não ser uma atitude moderna, mas a fazia sentir-se querida. E ela dormiu como por encanto.

Na manhã seguinte, ele ligou para ela antes que ela saísse do hotel.

— Nós fomos convidados para uma festa hoje — ele disse — Uma arrecadação de fundos para o senador.

— Fomos? Mas nós não podemos contribuir para esse tipo de coisa! Podemos? — ela acrescentou.

— Não precisamos. Mas estamos representando um contribuinte que está fora do país — ele acrescentou com um risinho — Você tem um belo vestido de festa?

— Eu tenho, mas está em San Antonio, no meu apartamento.

— Não se preocupe. Você pode buscá-lo e eu lhe pego às seis.

— Fantástico! Eu visterei algo bonito e não arrotarei as músicas como naqueles programas de televisão — ela prometeu.

— Oh, que bom saber — ele brincou — Preciso voltar ao trabalho. Eu disse ao senhor Parks que precisava ir a San Antonio essa tarde, então ele me deu uma folga de meio dia. Eu não disse porque precisava da folga, mas acho que ele suspeita de algo.

— Não diga isso a mais ninguém, certo? — ela pediu — Se Jon Blackhawk ou Kilraven descobrirem eu estou frita.

— Não direi a ninguém.

— Vejo você mais tarde. Devo-lhe uma, Harley.

— Sim — ele disse suavemente — Deve mesmo, não é? Eu ligarei mais tarde para pegar o seu endereço.

— Ok.

Ela riu e desligou.

O senador morava em uma mansão. Tinha dois andares, com colunas e uma varanda maior que o apartamento de Alice. Luzes estavam acesas em todos os cômodos, e através da noite chuvosa, a casa parecia bonita e acolhedora.

Carros luxuosos estavam estacionados ao longo do pátio. A caminhonete de Harley não era da mesma classe, mas ele não se sentia intimidado. Ele estacionou na rua e ajudou Alice a descer do veículo. Ele estava vestindo roupa de noite, com uma gravata listrada preta e sapatos bem polidos. Ele parecia elegante. Alice usava um vestido de festa preto comum com o seu melhor casaco, um preto com a gola de pele. Ela também carregava a sua melhor bolsa e usava sapatos de salto que ela mesmo engraxara, esperando cobrir as manchas. Com seu salário, mesmo não sendo tão ruim, não podia se dar a muitos luxos.

Eles foram recepcionados pelo mordomo. Harley entregou um convite a ele e o homem hesitou, mas não disse nada.

Quando eles estavam dentro da casa, Alice encarou Harley preocupada.

— Está tudo bem — ele assegurou, sorrindo enquanto segurava a mão dela protetoramente — Sem problemas.

— Deus — ela disse olhando ao redor e observando as pessoas — Tem uma estrela de cinema logo ali — ela disse baixo — Eu reconheci pelo menos duas modelos e um cantor de música country, e também o homem que ganhou o campeonato de golfe...

— Eles são apenas pessoas, Alice — ele disse gentil.

Ela o encarou.

— Apenas pessoas? Você está brincando, certo? — ela virou-se rápido e trombou com alguém. Ela olhou para cima para se desculpar e quase desmaiou — Desculpe — ela gaguejou.

Um astro do cinema sorriu para ela.

— Sem problemas. Não é difícil trombar com alguém por aqui. Que multidão, não é?

— S-sim — ela sorriu concordando.

Ele sorriu, cumprimentou Harley, e empurrou sua acompanhante, uma bela loira, na direção da mesa do buffet.

Harley segurou a mão de Alice.

— Boba — ele brincou suavemente — Você é uma caçadora de famosos.

— Eu sou, admito — ela concordo — Eu nunca estive em um lugar assim antes. Eu não tenho contato com a alta sociedade no meu trabalho. Você parece estar mais

confortável — ela acrescentou — Para um homem que passa o tempo com cavalos e bois.

— Não é uma analogia ruim — ele disse baixo — Você não acha que um boi não seria um estímulo por aqui?

— Harley! — ela riu.

— Estou brincando — ele olhou ao redor da sala. Depois de um minuto, ele cumprimentou alguém — Vamos perguntar à aquela mulher se ela conhece a sua empregada.

— Oj.

— Qual é o nome dela? — ele sussurrou.

Ela pensou por um minuto.

— Dolores.

Ele passou o braço pelo ombro dela e a empurrou. Ela sentiu o calor dele com grande prazer. Ela sentia-se bem nessa festa, com toda essa elegância. Seu pai era um bancário, e ele não era pobre, mas isso era maior do que qualquer sonho. Taças de cristal, tapetes persas, quadros de pintores famosos originais... Aquilo era um Renoir?!

— Olá — Harley disse para uma das garçonetes que servia o ponche — Dolores ainda trabalha aqui?

A garçonete o encarou por um minuto, mas sem reconhecê-lo.

— Dolores? Sim. Ela está na cozinha, fazendo canapés. Você parece familiar. Eu conheço você?

— Meu rosto é muito comum — ele disse sorrindo — Minha esposa e eu conhecemos Dolores, nós vamos a mesma igreja. Eu prometi ao ministro que lhe daria um recado se a visse — ele acrescentou.

— Mais um daquela igreja — a mulher gemeu mexendo os olhos — Honestamente, ela só fala sobre isso, como se não existisse mais nada no mundo a não ser a igreja.

— A religião morre, assim como a civilização — Alice disse baixo. Lembrava daquilo desde o seu tempo de faculdade.

— Tanto faz — a mulher respondeu entediada.

— Na cozinha? Obrigada — Harley disse a mulher.

— Não a complique — veio a resposta rápida — Ela é um saco, algumas vezes, mas ela lava louça rápido. Se o senador ou sua mulher notar que vocês dois estão atrapalhando o trabalho, ela será demitida.

— Nós não faremos isso — Harley prometeu. Os lábios dele formaram uma linha fina enquanto eles se afastavam da mulher.

— Certamente o senador não a demitiria somente por falar conosco? — Alice perguntou alto.

— Isso não me surpreenderia — Harley disse — Nós teremos que ser discretos.

Alice seguiu os passos dele. Perguntou-se por que ele estava tão irritado. Talvez o comentário da mulher ofendesse o seu senso de justiça.

A cozinha estava cheia. Alice não lembrou de perguntar como Harley conhecia o caminho. Mulheres estavam inclinadas sobre mesas, preparando pratos, cortando comida, fazendo canapés. Duas mulheres estavam na pia enorme, lavando pratos.

— Eles não tem uma lava-louças? — Alice perguntou enquanto eles entravam no cômodo.

— Você não pode colocar cristal Waterford e porcelana Lenox na lava-louças — ele comentou simplesmente.

Ela o encarou com fascinação. Ele parecia não notar que possuía um conhecimento que não fazia parte do mundo de um caubói.

— Como nós saberemos qual delas é ela? — ele perguntou a Alice.

Alice observou as duas mulheres. Uma era uma adolescente, usando um brinco no nariz e cabelo arrepiado. A outra estava vestida de maneira conservadora, e o cabelo estava preso em um coque. Ela sorriu, indicando a mulher mais velha. Ela estava com um avental branco ao redor da cintura.

— A mulher disse que ela estava lavando louça — ela sussurrou — E que ia à igreja.

Ele deu um risinho, seguindo a dica dela.

Eles passaram através dos curiosos, sorrindo.

— Olá, Dolores — Alice chamou a mulher.

A mulher mais velha se virou, as mãos pingando água e detergente, e encarou os visitantes com os olhos arregalados.

— Desculpe, mas eu conheço vocês? — ela perguntou.

— Acho que você nunca nos viu assim, certo? Nós somos da sua igreja — ele disse à ela — Seu ministro mandou um recado para você.

Ela piscou.

— Meu ministro...?

— Nós podemos conversar por um minuto? — Alice perguntou fervorosamente.

A mulher suspeitou. Seus olhos se estreitaram. Ela hesitou e Alice pensou, *“estragamos tudo”*. Mas em seguida, Dolores concordou.

— Claro. Nós podemos conversar. Liz, eu vou fazer a minha pausa agora, certo? Serão apenas dez minutos.

— Ok — Liz respondeu com apenas um olhar na direção das pessoas elegantes que conversavam como Dolores — Não demore. Você sabe como ele é — ela disse rápido.

Quando eles saíram, Dolores virou-se e os encarou por um longo tempo.

— Eu conheço todas as pessoas da minha igreja. Vocês não a freqüentam — Dolores disse com um brilho no olhar — Quem são vocês e o que vocês querem?

Alice a observou.

— Eu trabalho... Para a polícia — ela improvisou — Nós encontramos seu carro. E o homem que o estava dirigindo.

A mulher hesitou.

— Eu disse à polícia que o carro havia sido roubado — ela começou em voz baixa.

Alice se aproximou, para que ninguém escutasse a conversa.

— Ele foi espancado até a morte, a própria mãe não o reconheceria — ela disse em um tom fúnebre — Seu carro foi jogado no rio. Alguém não queria que ele fosse encontrado. Ninguém — ela acrescentou suavemente — Devia morrer assim. E seu assassino não pode sair impune.

Dolores ficou pálida. Ela encostou-se na parede. Seus olhos se fecharam.

— É minha culpa. Ele disse que queria recomeçar. Ele queria casar comigo. Ele disse que precisava fazer uma coisa primeiro, tirar algo da consciência. Ele pediu o carro emprestado, mas disse que se algo acontecesse, se ele não ligasse na manhã seguinte, era para eu falar que o carro havia sido roubado para não arrumar problemas. Ele disse que era testemunha de um crime e que eles poderiam matá-lo se ele falasse.

— Você sabe qual crime? — Alice perguntou à ela.

Ela balançou a cabeça.

— Ele não disse nada. Nada. Disse que era a única maneira de me proteger.

— O nome dele — Alice persistiu — Você sabe pelo menos o nome dele?

Dolores olhou na direção da porta fazendo uma careta.

— Eu não sei — ela sussurrou — Ele disse que era um codinome.

— Então diga o codinome. Ajude-me a encontrar o assassino.

Ela respirou fundo.

— Jack. Jack Bailey — ela disse — Ele disse que já havia estado na prisão. Ele disse que estava arrependido. Eu o fiz ir à igreja, ser uma pessoa decente. Ele estava recomeçando... — a voz dela falhou — A culpa é minha.

— Você estava ajudando ele — Alice corrigiu — Você lhe deu esperança.

— Ele está morto.

— Sim. Mas existem coisas piores que morrer. Desde quando você o conhecia? — Alice perguntou.

— Alguns meses. Nós saímos juntos. Ele não tinha carro. Eu dirigia...

— Onde ele morava?

Dolores olhou na direção da porta novamente.

— Eu não sei. Ele sempre me encontrava no shopping. O shopping da rua Weston.

— Você sabe de alguma coisa que possa ajudar a identificá-lo? — Alice perguntou.

Ela piscou, os pensamentos voando.

— Ele disse que alguma coisa havia acontecido, que havia sido um acidente, mas que pessoas haviam morrido. Ele estava arrependido. Ele disse que era hora de dizer a verdade, não importava o quanto isso custasse...

— Dolores!

Ela pulou. Uma figura alta e imponente apareceu na porta.

— Volte já! Você não é paga para conversar.

Harley estremeceu, pois conhecia aquela voz.

— Sim, senhor! — Dolores gemeu correndo de volta para a cozinha — Desculpe. Eu estava no meu intervalo...!

Ela passou correndo pelo homem elegante. Ele fechou a porta e veio na direção de Harley e Alice, e parecia querer confusão.

— Por que vocês estão interrompendo os meus empregados enquanto eu tenho convidados importantes? Quem diabos são vocês e como vocês entraram aqui? — ele exigiu a resposta.

Harley moveu-se, os olhos claros brilhando para o homem mais velho.

— Eu tinha um convite — ele disse suavemente.

O homem parou abruptamente. Ele inclinou a cabeça, como se a voz lhe fosse mais familiar que o rosto.

— Quem... é você? — ele perguntou roucamente.

— Somente um fantasma, visitando velhos amigos — ele disse, e havia gelo em sua voz.

O homem deu um passo para a frente. Quando ele saiu na luz, Alice notou que ele, também, tinha olhos azuis, e cabelo prateado.

— H-Harley? — ele perguntou em um tom hesitante.

Harley segurou a mão de Alice. Ela notou que os dedos dele estavam frios como gelo.

— Desculpe atrapalhar você, senador — Harley disse formalmente — Alice e eu conhecemos um pastor que também é amigo de Dolores. Ele pediu que nós falássemos com ela sobre uma família que precisa de ajuda. Por favor, nos desculpe.

Ele conduziu Alice ao redor do homem, que os observou afastar-se.

Harley parou ao lado de Alice e disse algo no ouvido dela antes de voltar para perto de Alice e eles voltarem à festa. O senador se moveu na direção deles antes que eles chegassem na sala, observou-os com uma expressão dolorosa e tentou falar.

Era tarde. Harley já se aproximava da porta de entrada com Alice. No caminho, um homem alto, de cabelos e olhos escuros franziu a testa ao passar por eles.

Harley notou que o senador parou próximo ao homem e começou a falar com ele.

Eles voltaram ao carro sem interrupções e sem trocarem uma palavra.

Harley ajudou Alice a subir na caminhonete, entrou e ligou o motor.

— Ele conhece você — ela murmurou.

— Aparentemente — ele concordou — Coloque o cinto de segurança.

— Claro — ela o colocou no lugar, esperando que ele acrescentasse algo, explicasse o que havia acontecido. Mas ele não fez nada.

— Pelo menos você descobriu alguma coisa — ele disse.

— Sim — ela concordou — Descobri. Obrigada, Harley. Muito obrigada.

— O prazer foi meu — ele a encarou — Eu disse à Dolores o que nós dissemos ao senador, para que as histórias combinassem. Isso pode salvar o emprego dela.

— Espero que sim — ela disse — Ela parece mesmo ser uma boa pessoa.

— Sim.

Ele não disse mais do que duas palavras no caminho até o apartamento dela. Ele estacionou na frente do prédio.

— Você voltará para Jacobsville? — ele perguntou.

— Pela manhã — ela disse — Eu ainda tenho algumas investigações a fazer lá.

— Almoço, segunda, na Barbara? — ele convidou.

Ela sorriu.

— Eu adoraria.

Ele sorriu de volta.

— Sim. Eu também. Sinto muito por não termos ficado. A comida parecia muito boa.

— Eu não estava com muita fome — ela mentiu.

— Você é um docinho. Eu a levaria para jantar, mas minha cabeça não está funcionando muito bem — ele a puxou para perto e inclinou-se para beijá-la. Sua boca era dura e um pouco rude — Obrigado por não fazer perguntas.

— Sem problemas — ela gaguejou, porque havia perdido a noção das coisas com o beijo trocado pelos dois.

— Vejo você na segunda.

Ele voltou à caminhonete e foi embora. Dessa vez, ele não esperou que ela entrasse e trancasse a porta, uma indicação de como ele estava infeliz.

Capítulo 6

Harley dirigiu de volta ao rancho e parou o carro em frente ao alojamento. Haviam passado oito anos desde a última vez em que ele viu o senador. Não sabia que ia ser um choque ficar frente a frente com ele. Isso reabriu velhas feridas.

— Ei!

Ele olhou na direção da porta o alojamento. Charlie Dawes o encarava.

— Você entrará ou dormirá aí mesmo? — o caubói disse com uma risada.

— Acho que eu vou entrar — ele respondeu.

— Puxa! — Charlie exclamou quando viu as roupas do amigo — Eu pensei que você só fosse dar uma volta.

— Eu levei Alice a uma festa, mas nós saímos cedo. Nenhum de nós estava animado — ele disse.

— Alice. Aquela garota?

Harley sorriu.

Bem — ele disse ao homem — Eu acho que sim.

Alice voltou a Jacobsville no domingo tarde. Ela entrara em contato com Rick Marquez e pediu que ele fizesse uma investigação para ela em San Antonio, pediu que ele fizesse uma pesquisa sobre um homem de codinome Jack Bailey e também se ele estava hospedado em algum hotel perto do shopping da rua Weston. Ele podia ter sido visto na companhia de uma mulher de cabelos escuros dirigindo um sedan azul da Ford. Não era muita coisa, mas ele podia descobrir algo.

Enquanto isso, Alice voltaria à cena do crime mais uma vez, esperando que os detetives do CSI pudessem ter esquecido alguma coisa, alguma informação que pudesse resolver o caso.

Ela vestia jeans, tênis, uma camiseta com a logomarca do CSI e vasculhava a área quando o seu celular tocou. Ela murmurou algo enquanto o tirava do bolso e checava o número. Ela franziu a testa. Estranho, não reconhecia aquele número, mas ele parecia estar em sua mente.

— Jones — ela disse.

— Olá, Jones. É Kilraven. Você descobriu alguma coisa sobre a vítima durante o fim de semana?

Ela suspirou, a mente ainda pousada no que procurava.

— Somente que ele tinha um codinome, que estava tentando limpar a consciência, que não tinha um carro e que tinha problemas com a justiça. Oh, e que ele morava em algum lugar próximo ao shopping da rua Weston em San Antonio.

— Bom Deus! — ele exclamou — Você descobriu tudo isso em um fim de semana?

Ela riu com prazer.

— Bem, Harley ajudou. Nós entramos na arrecadação de fundos de um senador e falamos com uma empregada que estava saindo com o... oh, droga! — ela exclamou — Escute, o seu irmão vai me fritar se você disser que eu falei isso. Os federais não queriam que ninguém se aproximasse da mulher!

— Relaxe. Jon queria falar com ela sozinho, mas seu escritório negou o pedido. Eles estavam com medo de que algum oficial de cabeça frouxa fosse até lá e a assustasse. Conte a ele o que você me disse, e eu garanto que ninguém dirá uma palavra sobre isso. Bom trabalho, Alice.

— Obrigada — ela disse — O nome da mulher é Dolores. Ela é uma mulher boa. Ela se sente culpada pelo assassinato dele. Ela não fez uma única reclamação sobre o carro e ele está destruído. Ela disse que emprestou o carro a ele, mas ele falou que era para ela afirmar que ele havia sido roubado se ele não entrasse em contato com ela. Ele sabia que podia morrer.

— Ele disse que queria limpar algo da consciência — ele recordou.

— Sim. Ele disse que algo havia acontecido, mas que havia sido um acidente e inocentes haviam morrido. Isso ajuda?

— Não muito — ele suspirou — Encontrou mais algum pedaço de papel na mão da vítima?

— Não. Eu espero uma resposta do laboratório. Eles estão trabalhando duro. Por que será que os feriados e finais de semana são um prato cheio para os suicídios? — ela perguntou — São feriados. As pessoas deviam ficar contentes.

— Infelizmente, como nós sabemos, elas não ficam. Isso somente enfatiza o que elas perderam, já que os feriados são momentos para as famílias ficarem juntas.

— Acredito que sim.

— Nós soubemos que você está saindo com Harley Fowler — ele disse depois de um minutia com um tom divertido na voz — É sério?

— Não muito — ela disse rapidamente — Eu pedi para ele casar comigo duas vezes em um mesmo dia, mas isso não pode ser chamado de sério, não é?

— Apenas se ele disser sim — ele devolveu.

— Ele ainda não disse, mas é muito cedo. E eu sou persistente.

— Bem, boa sorte.

— Eu não preciso de sorte. Eu sou maravilhosa, tenho boas maneiras, sei cozinhar ovos, lavar carros e... Alô? Alô!

Ele havia desligado em meio a gargalhadas. Ela desligou o telefone.

— Eu não queria falar mesmo com você — ela disse ao telefone — Estou tentando trabalhar aqui.

Ela caminhou ao longo do rio novamente, os olhos pousados nas pedras e arbustos que cresciam na beira da água. Deixou a mente divagar, tentando pensar em hipóteses. Algumas vezes, tinha boas idéias.

O homem tinha um passado. Ele estava envolvido em algum tipo de acidente que causara várias mortes. Ele queria tirar algo da consciência. Então ele emprestara o carro da namorada e dirigira até Jacobsville. Para ver quem? A cidade não era muito grande, mas era enorme se você pensasse por quem um homem com antecedentes criminais estava procurando. Quem podia ser? Alguém que trabalhasse com a justiça local? Ou ele estava apenas passando por Jacobsville a caminho do lugar?

Não, ela descartou a possibilidade imediatamente. Ele havia sido assassinado aqui, então alguém o abordara ou o encontrara aqui, para falar sobre o passado.

O problema era que ela não tinha uma única pista sobre o envolvimento do rapaz com qualquer pessoa. Esperava que Rick Marquez pudesse ter uma resposta.

Mas pelo menos ela sabia mais do que há alguns dias, assim como a justiça. Ainda perguntava qual seria o interesse de Jon Blackhawk do FBI de San Antonio. Por que os federais estavam envolvidos? Será que eles estavam trabalhando em algum caso secreto e não queriam que os outros ficassem sabendo?

Talvez eles estivessem trabalhando em um caso parecido, ela pensou, e tentavam encontrar uma conexão. Eles nunca diriam à ela, claro, mas ela era uma profissional treinada e essa não era a sua primeira investigação.

E se o homem tivesse confessado algo ao ministro da igreja de Dolores?

Ela ofegou. Era como um raio de luz. Claro! O ministro podia saber alguma coisa e contar à ela, a menos que ele tivesse feito um voto de silêncio, como os padres católicos. Eles não podiam divulgar nada ouvido no confessionário. Mas valia a pena tentar!

Ela procurou o número de Harley e ligou para ele. O telefone tocou duas vezes enquanto ela batia o pé impacientemente. Talvez ele estivesse atolado na lama ou...

— Alô?

— Harley! — ela exclamou.

— Quem mais poderia ser se é o celular de Harley? — veio a resposta divertida.

— Eu espero que você — ela disse — Escute, eu preciso falar com você...

— Você está — ele recordou.

— Não, pessoalmente, e agora mesmo — ela enfatizou — É sobre um ministro...

— Querida, nós não podemos casar hoje — ele zombou — Eu preciso escovar os dentes de Bob — ele acrescentou zombeteiro.

— Não esse ministro — ela explodiu — O ministro de Dolores!

Ele parou.

— Por quê?

— E se a vítima confessou alguma coisa a ele antes de dirigir até Jacobsville e ser assassinado? — ela exclamou.

Harley limpou a garganta.

— Você acha mesmo?

— Nós precisamos falar com ela novamente e perguntar o nome dele.

— Oh, isso pode ser difícil. Não temos uma festa.

Ela percebeu que ele estava certo. Eles não tinham desculpa para aparecer na casa do senador, que provavelmente era cercada por seguranças e guardas armados.

— Droga!

— Você pode ligar e perguntar por Dolores — ele disse racionalmente — Você não precisa dar o seu nome ou o motivo.

Ela riu suavemente.

— Sim, eu posso. Eu não sei por que incomodei você.

— Porque você quer casar comigo — ele disse zombeteiro — Mas eu estou escovando os dentes do cachorro hoje. Desculpe.

Ela observou o telefone.

— Desculpas, desculpas — ela murmurou — Estou ficando mais velha!

— Por que você não vem cavalgar comigo? — ele pensou alto — Você poderia conhecer o meu chefe, a esposa dele, os garotos e o cão de Puppy.

Ela ficou radiante.

— Que ótima idéia!

— Eu também acho. Pedirei ao meu chefe. Na próxima semana, talvez? Eu pedirei outra folga no sábado e levarei você para cavalgar na fazenda. Nós temos muitos cavalos — quando ela hesitou, ele suspirou — Não fale nada. Você não sabe cavalgar.

— Eu sei cavalgar — ela disse indignada — Eu cavalgo o tempo todo. Em parques de diversão. Eles levantam e balançam pra lá e pra cá, e a música toca.

— Não é a mesma coisa. Bem, eu ensino — ele disse — Afinal de contas, se nós nos casarmos, você terá que morar em um rancho. Eu não vou me enfiar em um apartamento minúsculo de San Antonio.

— Esse é o tipo de conversa que me agrada — ela suspirou.

Ele riu.

— Vista jeans e botas — ele instruiu — E meias finas.

— Sem blusa e sutiã? — ela exclamou com falsa indignação.

Ele franziu a testa.

— Bem, você não precisa vestir na minha presença — ele disse suavemente — Mas nós não queremos chocar o meu chefe.

Ela riu.

— Ok. Eu colocarei uma roupa decente. Sábado — ela hesitou — Onde é o rancho?

— Eu buscarei você — ele hesitou — Você ainda estará aqui no sábado, não é?

Ela imaginou como poderia esticar a investigação por mais uma semana ali. Então lembrou que o natal seria na quinta-feira e relaxou.

— Eu tenho folga no natal — ela disse. Então recordou que havia prometido trabalhar na véspera — Bem, eu tenho o dia de natal. Eu pedirei o resto da semana.

Direi a eles que o caso está evoluindo e tenho que entrevistar mais duas ou três semanas.

— Ótimo! Eu posso ajudar?

— Claro, você pode encontrar mais duas ou três pessoas para eu entrevistar — ela disse — Enquanto isso, eu ligarei para Dolores e pedirei o nome do ministro — ela fez uma careta — Só precisarei não dizer isso a quem atender o telefone. Nós dissemos a todos que tínhamos um recado do ministro para ela!

— Boa idéia. Diga-me o que você descobrir, certo?

— Pode deixar. Até logo — ela desligou.

Ela ligou para o serviço de informação para conseguir o número do senador e, graças a Deus, estava cadastrado. Ela discou os números no celular e esperou. Uma jovem atendeu.

— Posso falar com Dolores? — Alice pediu educadamente.

— Dolores?

— Sim.

Houve uma longa pausa. Alice trincou os dentes. Eles diriam à ela que os empregados não estavam autorizados a receberem ligações pessoais durante o dia, e ela já sabia disso. Mas a voz respondeu algo depois de um longo suspiro.

— Eu sinto muito — a mulher disse — Mas Dolores não está mais aqui.

Isso não foi uma grande surpresa, mas também não foi normal.

— Você sabe como eu posso entrar em contato com ela? Sou uma velha amiga — ela acrescentou improvisando.

O suspiro foi ainda mais longo.

— Bem, você não pode. Quero dizer, ela está morta.

Alice ofegou.

— Morta?! — ela exclamou.

— Sim. Suicídio. Ela deu um tiro no próprio coração — a mulher disse infeliz — Foi um choque tão grande. A mulher do senador a encontrou... Oh, querida, eu não posso falar mais, sinto muito.

— Só um minuto, só um minuto, você pode me dizer onde será o funeral? — ela perguntou rápido.

— Na igreja batista da rua Weston — veio a resposta, junto com um longo suspiro — Amanhã às duas horas da tarde. Eu preciso ir. Sinto muito por Dolores. Todos nós gostávamos dela.

O telefone ficou mudo.

Alice ficou nauseada. Suicídio! Será que a mulher fizera isso por causa das perguntas de Alice? Ou estava estava deprimida por causa do assassinado do namorado?

Estranho ela ter dado um tiro no próprio coração. A maioria das mulheres escolhia uma maneira menos violenta para morrer. A maioria usava drogas. Os homens geralmente se suicidavam com armas.

Ela ligou de volta para Harley.

— Alô? — ele disse.

— Harley, ela se matou — ela gaguejou.

— Quem? Dolores? Ela está morta? — ele exclamou.

— Sim. Atirou no coração. Suicídio.

Ele fez uma pausa.

— Isso não é incomum para uma mulher? Quero dizer, usar uma arma para se matar?

— É. Mas eu descobri onde está o pastor dela — ela acrescentou — Eu vou ao funeral amanhã. Nesse momento estou indo ao meu escritório em San Antonio.

— Por quê? — ele perguntou.

— Porque em todas as mortes violentas, mesmo as descritas como suicídio, uma autópsia é exigida. Eu não perderia essa por nada no mundo.

— Mantenha-se em contato.

— Pode apostar.

Alice desligou e voltou para o seu carro. Tinha um pressentimento de que uma mulher tão religiosa quanto Dolores não cometeria suicídio. A maioria das religiões condenava isso. Isso não impedia as pessoas, claro, mas Dolores não parecia o tipo suicida. Talvez a autópsia revelasse algo.

O escritório estava, assim como em todos os feriados, sobrecarregado. Ela encontrou um dos médicos assistentes anotando as descobertas em seu escritório.

Ele a encarou quando ela entrou.

— Jones! Será que você aceitaria fazer uma autópsia se eu lhe desse um aumento? Está cada vez mais difícil encontrar pessoas que não se importem em andar ao redor dos mortos.

Ela sorriu.

— Desculpe, Murphy — ela disse — Estou mais feliz com o meu trabalho de investigadora. Escute, você tem um suicídio por aqui? Primeiro nome Dolores, trabalhava para um senador...?

— Sim. Eu a examinei hoje — ele balançou a cabeça — Ela tinha mãos pequenas e a arma era uma Colt 45 — ele respondeu — Como ela conseguiu segurar a maldita arma, e ainda se matar com ela, é o maior mistério da minha vida. Além disso, ela tinha cicatrizes na mão direita. Já havia sido operada pelo menos uma vez. Enfraquece os músculos, você sabe. Nós já descobrimos que ela era destra porque haviam mais cicatrizes na mão direita — comum no lado dominante.

— Você tem certeza de que foi suicídio? — ela pressionou.

Ele encostou-se na cadeira, olhando-a através das lentes de correção.

— Havia um círculo de pólvora ao redor da ferida — ele disse referindo-se ao calor que os tiros a pouca distância provocavam — Mas o ângulo estava estranho.

Ela saltou.

— Estranho como?

— Diagonal — ele respondeu. Ele pegou a câmera digital, rodou os arquivos e escolheu um. Ele entregou a câmera à ela — Essa é a visão anterior da ferida. Vá para a próxima foto e veja por onde ela saiu, o posterior.

Ela ofegou.

— Puxa!

— Interessante, não é? A maioria das pessoas atira em si mesma com uma pistola automática na altura da cabeça ou abaixo do queixo. Este ângulo está estranho. E como eu disse antes, a mão dela era muito pequena para segurar esse tipo de arma. Algo está faltando.

— O quê? — ela perguntou sobressaltada.

— A arma foi encontrada na mão esquerda dela.

— E?

— Eu disse que ela era destra.

Ela inclinou a cabeça.

— Você irá descrever isso como um possível homicídio?

— Você está brincando, certo? Você sabe para quem ela trabalhava?

Ela suspirou.

— Sim. Senador Fowler.

— Você classificaria isso como um possível homicídio ou tentaria manter o seu emprego?

Era uma pergunta cruel.

— Mas se ela foi assassinada...

— O “se” é subjetivo. Esse não é um programa de televisão — ele recordou — Falta dois anos para eu me aposentar, e eu não vou me arriscar com uma possibilidade. Ela será classificada até que eu tenha provas que demonstrem o contrário.

Alice entendeu o que ele queria dizer.

— Você poderia pelo menos colocar “possível suicídio”, Murphy? — ela insistiu — Por mim?

Ele franziu a testa.

— Por quê? Alice, você sabe algo que eu precise saber?

Ela não se atreveu a contar as suas suspeitas. Não tinha provas. Esboçou um sorriso.

— Bom humor. Isso não resolverá nada, mas se algo sair da linha, você conservará o seu traseiro, certo?

Ele a encarou por um momento e sorriu calorosamente.

— Ok. Eu colocarei provável. Mas se você descobrir algo, conte a mim primeiro, certo?

Ela sorriu.

— Certo.

O próximo passo foi ir à igreja batista da rua Weston e falar com o ministro, mas ela precisou esperar até o funeral. Se ela visse o homem em particular, alguém poderia vê-la e sua vida correria risco. Já podia estar correndo. Não tinha certeza do que fazer.

Ela foi até a delegacia de polícia e encontrou o detetive Rick Marquez sentado em sua mesa. O escritório estava quase vazio, mas ele estava lá, metido nos arquivos.

Ela bateu na porta e entrou rápido.

— Alice! — ele ficou em pé — Bom ver você.

— Mesmo? Por quê? — ela perguntou suspeitando.

Ele olhou na direção dos arquivos e piscou.

— Qualquer motivo para fazer uma pausa é bom. Não que eu não goste de ver você — ele acrescentou.

— O que você está fazendo? — ela perguntou enquanto se sentava na frente da mesa.

— Relembrando antigos casos — ele disse sombriamente — Meu supervisor disse que eu podia fazer isso no meu tempo livre, contanto que eu não contasse a ninguém.

— Por que você está fazendo isso? — ela perguntou.

— O assassinato em Jacobsville me trouxe algumas lembranças — ele disse — Houve um caso parecido, também sem solução. Envolveu uma garota de quatorze anos que dirigia um carro roubado. Ela também estava irreconhecível, mas vários dentes ainda estavam no lugar. Eles a identificaram assim. Sem testemunhas, sem pistas.

— Isso foi há quanto tempo? — ela perguntou.

Ele deu de ombros.

— Há sete anos — ele disse — De fato, isso aconteceu antes do assassinato da família de Kilraven.

— Pode haver uma conexão? — ela pensou alto.

— Eu não sei. Não entendo como o assassinato de uma menina possa ter algo a ver com o assassinato da família de um tira — ele sorriu — Talvez seja somente uma coincidência — ele colocou os arquivos de lado — Por que você está aqui?

— Eu vim checar os resultados de uma autópsia — ela disse — A mulher que trabalhava para o senador Fowler supostamente se matou, mas o ângulo do tiro estava estranho, a mão dela era muito pequena para puxar o gatilho e a arma foi encontrada na mão errada.

Ele respirou fundo.

— Não foi um suicídio.

— É o que eu penso.

— Conte-me, Jones.

— Ela estava envolvida com o assassino, lembra? — ela perguntou — Ela não disse o nome dele, ela jurou que não sabia. Mas ela me deu o nome falso que ele usava — aquele que eu te disse — e ela disse que ele havia falado com o ministro da igreja. Ele disse que um acidente havia causado a morte de várias pessoas. Ele tinha a consciência culpada e queria dizer o que sabia.

Os olhos de Marquez pousaram nela.

— Isso não é interessante.

— Não é?

— Você falará com o ministro?

— Eu quero, mas tenho medo de ser vista — ela disse — A vida dele pode estar em perigo se ele souber de algo. O que quer que esteja acontecendo, é grande, e tem laços com gente poderosa.

— O senador, talvez? — ele pensou alto.

— Talvez.

— Quando você falou com ela?

— Houve uma arrecadação de fundos na casa do senador. Harley Fowler me levou... — ela não havia ligado os nomes antes. Agora sim. O nome do senador era Fowler. O nome de Harley era Fowler. O senador reconhecera Harley, se aproximara dele, falara com ele em um tom suave...

— Harley *Fowler*? — Marquez enfatizou, fazendo a mesma conexão que ela — A família de Harley?

— Eu não sei — ela disse — Ele não me disse nada. Mas o senador agiu estranho. Ele pareceu reconhecer Harley. E quando Harley me levou de volta ao meu apartamento, não esperou até que eu trancasse a porta. Isso não é normal. Ele estava distraído.

— Ele vem da riqueza e do poder, e está cuidando do gado para Cy Parks — Marquez murmurou — Isso não é curioso?

— É, e se for verdade, você não pode dizer nada a ninguém — Alice respondeu — É problema dele.

— Eu concordo. Eu guardarei segredo. Quem viu você conversar com a mulher na casa do senador?

— Todos, mas nós dissemos que tínhamos um recado do ministro para ela.

— Se ela ia à igreja todas as semanas, não seria suspeito você visitá-la para dar um recado do ministro?

Alice sorriu.

— Harley disse que ele havia pedido que nós a convidássemos para um picnic de última hora.

— Bem, Alice, o carro dela foi encontrado no rio Carmichael em Jacobsville...?

— Oh, bom Deus — ela gemeu — Bem, ninguém sabia que nós estávamos na festa.

— Sim. Mas talvez alguém tenha reconhecido você e percebido que você estava investigando o assassinato — ele devolveu.

Ela fez uma careta.

— E eu a matei — ela disse infeliz.

— Não.

— Se eu não tivesse ido falar com ela... — ela protestou.

— Quando chega a hora, Jones, chega a hora — ele respondeu pensativo — Isso não teria feito diferença. Uma batida de carro, um ataque do coração, uma queda de um lugar alto... podia ter sido qualquer coisa. As intenções são o que importam. Você não foi lá para causar problemas.

Ela esboçou um sorriso.

— Obrigada, Marquez.

— Mas se ela foi assassinada — ele continuou — Isso se encaixa no seu caso. Quer dizer que o assassino não quer dar chances para ninguém falar.

— O assassino...?

— A mulher disse que a vítima sabia algo sobre várias mortes. Quem mais estaria tão interessado em eliminar evidências?

— Nós ainda não sabemos quem é a vítima.

Os lábios sensuais de Marquez se contraíram enquanto ele considerava as possibilidades.

— Se o ministro sabe alguma coisa, ele já está encrencado. Ele pode estar encrencado mesmo sem saber de nada. O bandido não está deixando chances.

— O que nós podemos fazer para protegê-lo?

Marquez pegou o telefone.

— Eu arriscarei a minha carreira profissional e tentarei ajudá-lo.

Alice sentou-se e escutou enquanto ele falava. Cinco minutos depois, ele desligou o telefone.

— Tem certeza de que essa é a única maneira de protegê-lo? — ela perguntou preocupada.

— Foi a melhor que eu pude encontrar — ele disse solene — Eu não posso fazer isso sem motivo, sem mencionar que nosso orçamento está no vermelho e não podemos pagar por custódia protetora.

— Seu chefe não gostará disso. E eu espero que Jon Blackhawk apareça aqui amanhã soltando fogo pelas ventas.

— Muito apropriado.

Ela sorriu.

— Você é um príncipe!

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Você pode casar comigo — ele sugeriu.

Ela balançou a cabeça.

— Do jeito que as coisas andam, você poderia se tornar um sapo se eu lhe beijasse e você fosse mesmo um príncipe.

Ele hesitou, mas em seguida deu uma gargalhada.

Ela sorriu.

— Obrigada, Marquez. Se precisar de ajuda é só pedir.

— Eu preciso. Ligue para o meu chefe amanhã e diga a ele que você acha que eu estou sofrendo alucinações por causa de uma febre alta e que não sou responsável pelos meus atos.

— Eu farei isso. Pode deixar.

Na manhã seguinte, a mídia local reportou que o pastor de uma jovem mulher que havia cometido suicídio estava sendo questionado pela polícia para obter informações que resolvessem o caso. Alice achou aquilo um golpe de gênio. Apenas um idiota se arriscaria a matar o pastor agora que ele estava sob os holofotes. Era a melhor proteção que ele poderia ter.

O chefe de Marquez estava, como previsto, ensandecido. Mas Alice foi vê-lo e, à portas fechadas, disse o que sabia sobre o assassinato em Jacobsville. Ele se acalmou e concordou que havia sido uma boa idéia do detetive.

Então Alice foi visitar o reverendo Mike Colman, logo cedo, antes do funeral.

Ele não era o que ela esperava. Ele estava sentado no escritório vestindo tênis, um jeans velho e uma camiseta preta. Ele tinha cabelo escuro curto, usava óculos e tinha um sorriso tão caloroso quanto um dia de sol.

Ele ficou em pé e segurou a mão de Alice enquanto ela se apresentava.

— Eu sei que posso ser um candidato em potencial — ele brincou — O detetive Marquez achou que fazendo um circo poderia salvar a minha vida.

— Eu espero que ele esteja certo — ela disse solenemente — Duas pessoas morreram nas duas últimas semanas. Nós tivemos uma vítima em Jacobsville que nem ao menos podia ser identificada.

Ele fez uma careta.

— Eu fiquei muito triste ao saber de Dolores. Eu nunca achei que ela se suicidaria, e ainda não acho.

— É triste saber que ela fez tanto para ajudar um homem torturado pelo passado, e pagou por isso com a vida. Não existe um ditado que diz que “nenhum bem fica impune”? — ele acrescentou com sarcasmo.

— Algumas vezes sim, não é? — ele perguntou com um sorriso — Mas as decisões de Deus são um mistério. Nós não sabemos por que as coisas acontecem. Então como eu posso ajudá-la?

— Você acha que pode descrever o homem que Dolores enviou para falar com você? Se eu trazer um profissional aqui com o seu computador e os softwares, você pode ajudar na descrição do homem?

— Oh, eu posso fazer mais do que isso.

Ele pegou um lápis da sua gaveta, colocou um pedaço de papel na sua frente e começou a fazer um retrato-falado perfeito do homem.

— Isso é incrível! — Alice exclamou fascinada.

Ele deu um risinho enquanto entregava o desenho à ela.

— Obrigado. Eu nem sempre fui um ministro — ele explicou — Eu estava indo estudar arte em Paris quando Deus tocou no meu ombro e disse que precisava de mim — ele deu de ombros — Você não pode dizer não a ele — ele acrescentou com um sorriso gentil.

— Se não houver um voto de silêncio ou algo do tipo que você esteja quebrando, você pode me contar o que conversou com ele?

— Isso não é confidencial — ele respondeu — Mas ele não disse nada. Ele me perguntou se Deus perdoava qualquer pecado e eu disse que sim. Ele disse que era

um homem mau, mas ele estava apaixonado, e queria mudar. Ele disse que ia falar com alguém envolvido em um velho caso, e ele me diria quando voltasse — ele fez uma careta — Mas ele não voltou, certo?

— Não — Alice disse infeliz — Ele não voltou.

Capítulo 7

Alice levou o desenho embora. Ela ligou para o escritório de Marquez, planejando mostrar-lhe o desenho, mas ele já havia ido para casa. Ela o colocou na bolsa e dirigiu em direção ao próprio escritório. Era véspera de natal, e ela havia prometido trabalhar como um favor para a mulher que salvara seu encontro com Harley.

Ela entrou no escritório de exames médicos, acenando para os seguranças no caminho. O prédio, localizado no campus da universidade do Texas, estava quase deserto. Apenas alguns funcionários trabalhavam nos feriados. A maioria tinha família. Apenas Alice e uma outra funcionária ainda eram solteiras. Mas o escritório precisava ser acessível, então alguém sempre estava por lá.

Ela foi até a mesa da sua colega e fez uma careta ao ver os arquivos empilhados, esperando por ela. Seria uma noite longa.

Ela sentou na própria mesa e começou a analisar o primeiro caso. Sempre haviam mortes para investigar, mesmo quando não eram homicídios. Em cada uma, se houvesse uma questão como por exemplo a doença que causou a morte, era o trabalho dela determinar as causas da morte. Seu único consolo era que os detetives da polícia eram tão sobrecarregados quanto ela, uma perita médica, era. Ninguém se tornara investigador para ficar rico. Mas o emprego tinha suas recompensas, forçou-se a lembrar. Solucionar um crime e prender o assassino era uma maravilha. E nenhuma quantia em dinheiro substituíra o prazer de ver uma morte vingada. Legalmente, claro.

Ela abriu o primeiro arquivo e começou a trabalhar com as anotações no computador de um documento que já havia sido analisado pelo detetive do caso, assim como advogado da promotoria. Ela analisou fotos da cena do crime, medidas, depoimentos de testemunhas e outros depoimentos, mas o tempo todo ficou pensando na coincidência que era o último nome de Harley e do senador. O outro homem o reconheceu, o chamara de Harley. Eles obviamente se conheciam, e havia uma animosidade entre eles. Mas se o senador era um parente, por que Harley não mencionara isso quando ele e Alice chegaram na mansão?

Talvez ele não quisesse que aquilo fosse do conhecimento de Alice. Talvez ele não quisesse tornar aquilo do conhecimento de ninguém, especialmente alguém de Jacobsville. Talvez ele quisesse crescer sozinho, sem a riqueza e o poder de sua família por trás. Ele já havia dito que não se sentia confortável com as coisas que os seus pais queriam que ele fizesse. Se eles eram políticos e queriam que ele ajudasse nas arrecadações de fundos e com a nata da alta sociedade, ele podia ter se sentido desconfortável. Harley obviamente não desejava aquele tipo de vida. Ela ficou triste por ele. Mas se as coisas dessem certo, prometeu a si mesma que faria o possível para que ele fosse feliz. O primeiro passo naquela direção, decidiu, seria um presente de natal especial.

Ela acordou tarde na manhã de natal. Mas quando levantou, pegou o celular e fez uma busca virtual nas lojas da cidade, para descobrir quais ficavam abertas em um feriado. Ela encontrou uma, e a loja tinha o item que ela desejava. Ela parou lá no caminho para Jacobsville.

Boa idéia ter mantido o seu quarto no hotel local, pensou enquanto estacionava na garagem. O lugar estava cheio. Obviamente alguns moradores tinham famílias que moravam fora da cidade e não queriam se impor quando vinham nos feriados. Ela pegou a sua maleta e ligou para Harley.

— Alô — veio uma voz desapontada do outro lado da linha.

— Harley? — ela perguntou hesitante.

Ele fez uma pausa.

— Alice? É você?

Ela riu.

— Bem, parece que você não está muito bem.

— Eu estou — ela ouviu um barulho — Saia daqui, seu prato de comida ambulante! — ele gritou — Espere um segundo, Alice, eu preciso cortar o maldito... telefone!

Ela ouviu uma série de palavras, a maioria deles imprópria. Finalmente Harley voltou a falar.

— Eu odeio trabalhar com o gado — ele disse.

Ela fez uma careta. Talvez não devesse ter feito aquela compra.

— É mesmo? — ela perguntou — Por quê?

— A caminhonete quebrou no meio do pasto enquanto eu estava jogando o feno — ele murmurou — Eu desci da caminhonete para ver o que estava errado. Eu deixei a porta aberta. A mulher do chefe mandou eu parar em uma loja para comprar alguns nabos para ela. A maldita vaca enfiou a cabeça pela janela e comeu cada maldito nabo! Então nesse momento, eu estou com lama até os joelhos e a caminhonete está atolada, e quando eu conseguir rebocá-la, preciso voltar até a cidade para comprar os malditos nabos que a maldita vaca comeu... Por que você está rindo?

— Eu achei que você cuidasse de touro puro-sangue — ela disse.

— Você não pode criar um touro puro-sangue sem uma vaca puro-sangue — ele disse com exagerada paciência.

— Desculpe. Eu não pensei. Eu estou bem na frente de um mercado. Quer que eu leve alguns nabos para você?

Ele respirou fundo.

— Você faria isso? No dia de natal?

— Eu comprei algo para você — ela disse — Uma coisa pequena. Eu queria uma desculpa para ir até aí.

— Maldição, Alice, eu não comprei nada para você — ele disse envergonhado.

— Eu não esperava por nada — ela disse — Mas você me levou a uma bela festa e eu pensei... Bem, é só uma lembrança.

— Eu te levei a uma exibição social e nem menos lhe paguei o jantar — ele disse sentindo-se envergonhado.

— Foi uma boa festa — ela disse — Você quer os nabos ou não?

Ele riu.

— Eu quero. Você pode encontrar o rancho de Cy Parks?

— Me dê as coordenadas.

Ele deu, explicando o modo mais rápido.

— Eu chegarei aí em trinta minutos — ela disse — Ou pedirei mais informações.

— Ok. Muito obrigado, Alice.

— Sem problemas.

Ela colocou as suas roupas de trabalho, jeans, botas e um casaco, mas acrescentou um belo suéter branco com uma rosa bordada para o natal. Não se preocupou com maquiagem. Não ajudaria muito, pensou com um sorriso zombeteiro. Ela comprou os nabos e dirigiu até o rancho de criação de touro puro-sangue Santa Gertrudis de Cy Parks.

Harley estava esperando por ela a menos de meio quilômetro da estrada, na rotatória que levava ao rancho. Ele estava coberto por lama, até mesmo o belo chapéu marrom. Ele tinha uma mancha de lama no queixo, mas parecia muito sexy. Não conseguia pensar em um único homem com mais de trinta anos coberto por lama que parecesse tão bem. Harley parecia.

Ele tirou o chapéu e caminhou na direção da van, abrindo a porta para ela.

Ela pegou os nabos na sacola marrom e entregou a ele. Ela também pegou uma pequena caixa.

— Aqui — ela disse entregando a ele.

— Espere um Segundo — ele colocou os nabos na caminhonete e entregou uma nota de cinco dólares à ela — Não diga nada — ele disse quando ela tentou reclamar — Eu tenho dinheiro para pagar os nabos — ele deu um risinho.

Ela sorriu também.

— Ok — ela colocou a nota no bolso da calça e entregou a caixa a ele.

Ele a olhou de uma maneira estranha.

— O que é isso?

— Natal — ela disse.

Ele riu.

— Meu chefe me dá um bônus todo natal. Eu não consigo me lembrar da última vez que ganhei um presente de natal.

Ela corou.

— Não fique envergonhada — ele disse quando notou o rubor repentino — Eu só me sinto mal porque não lhe comprei nada.

— Eu disse a você que a festa...

— Porcaria de festa — ele murmurou. Ele virou a caixa curiosamente nas mãos. Ele tirou a fita que a fechava e a abriu. Os olhos claros brilharam quando ele viu o pequeno broche prateado em forma de laço.

— Ei, isso é uma beleza! Eu estou procurando por isso há tempos, mas eu nunca encontrei um do meu gosto!

Ela corou novamente.

— Você gostou?

— Claro! Eu o usarei no próximo encontro da Associação de Criadores de Gado — ele prometeu — Obrigado, Alice.

— Feliz natal.

— Agora é mesmo — ele concordou. Ele deslizou um braço pela cintura dela e a puxou para perto — Feliz natal, Alice — ele inclinou-se e a beijou com carinho.

Ela suspirou e colou-se a ele. O beijo era quente, duro e intoxicante. Ela era uma mulher adulta normal com desejos normais, mas já se passara muito tempo desde a última vez em que um beijo de um homem a deixou com vontade de derrubá-lo no chão.

Ela riu.

Ele afastou-se zangado.

— O que diabos...!

— Não, não foi... Eu não estou rindo de você! Estava me perguntando o que você pensaria se eu começasse a tirar as suas roupas...!

Ela havia passado de surpresa, para raiva, para indignação, e agora se acabava em risadas.

— Foi algo que eu disse? — ela perguntou alto.

Ele a puxou para seus braços e a apertou com força, beijando-a cada vez com mais fome. Ele estava coberto por lama, e agora ela também. Ela não se importava.

Ela deslizou os braços pelo pescoço dele. Colou-se a ele, adorando o calor da boca sob a chuva fina que começava a cair. Ela fechou os olhos. Respirou, e sentiu o cheiro dele, colônia, sabão e café...

Depois de alguns segundos, o beijo deixou de ser divertido e tornou-se sério. A boca dele se abriu. O braço dele colou os seios dela contra o peito largo. Ele separou os lábios dela e invadiu sua boca com deliberada sensualidade.

Ele mordiscou o lábio inferior dela enquanto a carregava até sua caminhonete. Colocou os nabos no banco do passageiro enquanto se sentava no do motorista com Alice no colo. Ele a beijou com mais força enquanto suas mãos deslizavam por baixo do suéter e chegavam às costas, abrindo o fecho do pequeno sutiã que ela usava.

As mãos dele estavam frias e ela deu um salto quando ele tocou-lhe os seios, e riu nervosa.

— Elas vão esquentar — ele sussurrou contra a boca dela.

Ela sentia ondas de prazer percorrendo seu corpo. Já havia passado muito tempo desde a última vez que fora beijada a abraçada, e mesmo o melhor não se comparava a isso. Ela gemeu suavemente quando as mãos dele deslizaram por seus seios e começaram a acariciá-los, com muita gentileza.

Ela respirou fundo. Esperou que ele não sugerisse uma relação íntima no banco do carro, porque aquilo não era muito confortável. Por outro lado, ela não protestou...

Quando ele se afastou, ela mal percebeu. Ela estava perdida no espaço, tão corada de prazer que obviamente não sentia mais nada.

Ele a encarava com curiosidade, as mãos ainda sob sua blusa, mas descansando em sua barriga agora, e não em seus seios.

Ela piscou, olhando para ele ofegante.

— Alguma coisa está errada? — ela perguntou com uma voz rouca de paixão.

— Alice, você já fez isso alguma vez? — ele perguntou em voz séria.

Ela mordeu o lábio inferior curiosa.

— Estou fazendo errado?

— Não existe maneira certa — ele corrigiu gentilmente — Você não sabe retribuir.

Ela apenas o encarou.

— Não é uma reclamação — ele disse quando percebeu que havia ferido os sentimentos dela. Ele inclinou-se e pousou a boca sobre as pálpebras dela — Para uma mulher crescida, você é incrivelmente inocente. Eu pensei que você estivesse brincando sobre ser virgem.

Ela ficou vermelha.

— Bem, não, eu não estava.

Ele riu suavemente.

— Eu percebi. Aqui. Sente-se.

Ela sentou, mas inclinou-se e pegou os nabos antes de esmagá-los.

— Puxa — ela exclamou — Eles sobreviveram.

Ele os pegou e colocou no porta-luvas.

Ela o olhou magoada.

— Você não quer me seduzir no banco traseiro? — ela perguntou esperançosa.
Ele arqueou as duas sobrancelhas.
— Alice, sua pervertida! — ele riu.
Ela fez uma careta.
— Desculpe.
— Eu estava brincando!
— Oh.
Ele a puxou para perto e lhe abraçou com doce afeição.
— Sim, eu adoraria seduzir você, mas não no dia de natal com meu chefe e os operários por perto.
— Eles estão por perto? — ela pensou alto.
Ele a soltou e apontou em direção à casa. Dois caubóis estavam montados em seus cavalos. Eles não olhavam para eles. Eles pareciam conversar.
— É natal — ela disse.
— Sim, e o gado também precisa ser cuidado nos feriados — ele a lembrou.
— Desculpe. Eu esqueci.
— Eu gostei muito do presente — ele disse — E obrigado por trazer os nabos — ele hesitou — Mas eu preciso voltar ao trabalho. Eu desisti da minha folga para que John ousasse visitar seus filhos — ele acrescentou com um sorriso.
Ela fez um beicinho.
— Eu desisti da minha véspera pelo mesmo motivo. Mas por causa da festa em que eu fui com você. Eu prometi trabalhar a noite passada.
— Nós somos boas pessoas — ele disse sorrindo.
Ela suspirou.
— Eu poderia chamar um ministro agora.
— Ele está ocupado — ele disse com um sorriso — É natal.
— Oh. Certo.
Ele saiu da caminhonete e a ajudou a fazer o mesmo.
— Obrigado por meu presente. Desculpe não ter dado um para você.
— Mas você deu — ela disse, em seguida riu e ficou vermelha.
Ele inclinou-se e a beijou suavemente.
— Eu também ganhei um extra — ele sussurrou — Nós ainda vamos cavalgar no sábado?
— Oh, sim — ela disse — Pelo menos, eu acho que sim. Eu preciso ir a San Antonio amanhã cedo para falar com Rick Marquez. O ministro da mulher assassinada conseguiu desenhar o homem com quem ela saía.
— Mesmo? — ele perguntou impressionado.
— Sim, e agora nós temos uma pista de verdade — ela franziu a testa pensativamente — Eu imagino se Kilraven conhece o homem. Ele trabalhava em San Antonio. Ele pode fazer uma cópia e mostrar para o seu irmão, também.
— Boa idéia — ele respirou fundo — Alice, tome cuidado — ele acrescentou — Se a mulher foi assassinada porque falou conosco, o ministro pode ser o próximo, e depois você — ele não disse, mas ambos sabiam que ele podia estar na linha de fogo também.
— O ministro está bem. Marquez ligou para um repórter conhecido e o colocou na mídia — ela deu um risinho — Eles seriam loucos se o machucassem agora, com toda a atenção da mídia.
— Provavelmente não, e bom golpe de Marquez. Mas você não está nos noticiários.

— Pois é. Eu tomarei cuidado. Tome cuidado, também — ela acrescentou um pouco preocupada.

— Eu trabalho para um mercenário — ele recordou seguramente — Alguém se daria mal se viesse atrás de mim com uma arma.

— Ok. Isso faz com que eu me sinta melhor — ela sorriu — Mas se o caso esquentar em San Antonio, eu posso voltar antes de sábado...

— Verdade? Se você não puder dirigir, eu vou até lá para nós assistirmos um filme comermos algo.

— Verdade? — ela exclamou surpresa.

Ele a encarou.

— Nós estamos saindo juntos. Você não percebeu?

— Não! Por que você não disse antes? — ela exigiu.

— Você não perguntou. Volte para o hotel e talvez nós possamos almoçar juntos amanhã. Eu ligarei para você.

Ela deu um risinho.

— Isso seria adorável.

— Enquanto isso, eu tenho mais gado para alimentar — ele disse com um suspiro — Foi um bom intervalo.

— Sim, foi mesmo.

Ele olhou para as manchas de lama na camiseta dela e piscou.

— Desculpe — ele disse.

Ela olhou para baixo e apenas sorriu.

— Eu lavarei — ela disse com um sorriso tímido.

Ele piscou. Adorava mulheres que não se importavam com um pouco de sujeira. Ele abriu a porta da van dela e ela subiu.

— Dirija com cuidado — ele disse.

Ela sorriu.

— Sempre.

— Até logo.

— Até logo.

Ela estava a meio caminho do hotel quando percebeu que não mencionara a conexão dele com o senador Fowler. Claro, isso seria bom, considerando que a vítima mais recente tinha laços com o senador, e a vítima original também, de uma maneira indireta.

No caminho para o escritório do xerife Hayes Carson, Alice ligou para a casa de Marquez — bem, era um feriado, então ela acreditou que ele pudesse estar com a mãe, Barbara. Ela descobriu que Marquez havia sido convocado de volta para San Antonio para resolver um caso. Ela fez uma careta. Nunca conseguiria entrar em contato com ele.

Ela entrou no escritório de Carson. Ele estava sentado em sua mesa. Arqueou as duas sobrancelhas quando a viu.

— É vinte e cinco de dezembro — ele apontou.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Ho, ho, ho? — ela disse.

Ele deu um risinho.

— Então eu não sou a única pessoa que trabalha nos feriados. Eu já estou surtando — ele indicou as mesas vazias em seu escritório no centro de detenção do distrito.

— Meu escritório estava assim na noite passada — ela confessou. Ela sentou em uma cadeira — Eu interroguei uma mulher que trabalhava para o senador Fowler, a respeito do homem que dirigiu o carro dela até aqui e foi assassinado perto do rio.

— Descobriu alguma coisa? — ele perguntou curioso.

— Que eu não devia ter sido tão óbvia. Ela morreu de um aparente suicídio, mas eu convenci o patologista a colocar “provável” antes de “suicídio” no atestado de óbito. Ela atirou no próprio coração com a mão errada e a bala estava em um ângulo estranho — ela esperou pela reação dele.

Ele encostou-se na cadeira.

— As dúvidas nunca cessarão.

— Eu fui falar com o ministro dela, que falou com o homem que foi encontrado no rio. O ministro era um estudante de artes. Ele desenhou isso — ela retirou um pedaço de papel do bolso e entregou a ele.

— Aleluia! — ele explodiu — Alice, você é uma maravilha! Você deveria ser promovida!

— Não, obrigada, eu gosto muito do meu trabalho — ela disse sorrindo — É bom, não é? Essa é a aparência da sua vítima — o sorriso sumiu — Eu só sinto pela morte da mulher que o estava ajudando a recomeçar a vida.

Ele a observou atenciosamente.

— Não é sua culpa. A vida é assim. Nós não controlamos o que acontece.

— Você é bom para a minha auto-estima. Eu ia mostrar isso para Rick Marquez, mas ele está meio sumido.

— Alguma coisa aconteceu em San Antonio. Eu não sei o que. Eles convocaram um monte de oficiais.

— Kilraven foi um deles, ou você não sabe? — ela perguntou.

— Não sei, mas posso descobrir — ele ligou para o serviço de informação, deu o número de identificação de Kilraven e perguntou se ele estava de plantão.

— Sim, ele está. Você quer que ele faça um vinte e um para você? — ela perguntou referindo-se a um tipo de ligação.

— Sim, obrigado, Winnie — ele disse com um sorriso na voz quando reconheceu a voz da telefonista, Winnie Sinclair.

— Sem problemas. Ele ainda tem cento e trinta horas.

Ele desligou.

— Ele ligará para mim — ele disse a Alice — O que o ministro disse sobre o homem assassinado? — ele perguntou enquanto eles esperavam.

— Não muito. O homem contou que havia feito coisas ruins, mas que queria mudar, que ia falar com alguém sobre um estranho caso e voltaria a falar com o ministro. É uma vergonha. Aparentemente ele descobriu que havia mais coisas na vida do que burlar a lei. Ele tinha uma boa amiga, ele estava começando a frequentar a igreja, agora ele está no necrotério — sem identificação.

— Não mais — Hayes disse indicando o desenho.

— Sim, mas pode ser qualquer um — ela respondeu.

— Se ele tinha uma ficha criminal, as suas digitais estão no arquivo. Eu tenho acesso a esses arquivos.

— Tem? Como? — ela perguntou fascinada.

— Tudo bem — ele disse inclinando-se para a frente — Eu lhe direi os meus métodos se você me contar como conseguiu aquele programa de computador que identifica corpos.

Ela prendeu a respiração.

— Puxa! Você é mesmo esperto! Isso é confidencial, nós nunca divulgamos.

— Minhas técnicas também não são divulgadas.

— Nós faremos um trato — ela prometeu — Agora diga-me...

O telefone tocou. Hayes o atendeu. Ele encarou Alice de uma maneira sarcástica.

— Sim, o escritório do xerife fica aberto no natal. Eu acabei de dispensar as renas e tirar a roupa vermelha... Sim, Alice Jones está aqui com o retrato falado do assassino... Alô? Alô? — ele desligou com um suspiro — Kilraven — ele disse respondendo a pergunta não pronunciada.

Alice suspirou.

— Eu também sofro com isso. Quero dizer, as pessoas desligando na minha cara. Eu aposto que ele está cometendo infrações ao tentar chegar aqui rápido.

— Eu não duvidaria — ele deu um risinho.

Como esperado, dois minutos depois, eles ouviram o barulho de pneus cantando no estacionamento. Um carro de polícia com as sirenes acesas parou na porta da frente e o motor parou. Segundos depois, Kilraven invadiu o escritório.

— Vamos ver — ele disse sem preâmbulos.

Hayes entregou o desenho a ele.

Kilraven o observou por um longo tempo, a testa franzida.

— Você o reconhece? — Alice perguntou.

Ele fez uma careta.

— Não — ele disse sombriamente — Droga! Eu pensei que pudesse ser alguém conhecido.

— Por quê? — Hayes perguntou.

— Eu trabalhei muito tempo em San Antonio — ele disse — Eu fui um patrulheiro, e depois um detective na força policial por muitos anos. Se o cara tinha uma ficha em San Antonio, eu podia já ter lidado com ele. Mas eu não reconheço esse homem.

Hayes pegou o desenho de volta.

— Se eu fizer uma cópia, você pode mostrá-la a Jon e ver se ele o conhece?

— Claro — ele encarou Alice — Como você conseguiu um retrato do homem? Artista reconstrutor?

— Não. A mulher com quem eu conversei sobre ele se matou...

— O inferno que ela se matou — Kilraven exclamou — Isso é muito óbvio!

— Foi o que eu pensei. Eu falei com o patologista que fez a autópsia — ela acrescentou — Ele disse que ela era destra, mas deu um tiro no coração com a mão esquerda. Um bom truque, porque ela tinha cicatrizes na mão devido a uma cirurgia, e a arma era uma Colt grande e pesada. Ele disse que ela nem ao menos conseguiria segurá-la.

— Ele classificou a morte como suicídio?

Ela balançou a cabeça.

— Ele está tentando não se envolver nos meios políticos. Ela trabalhava para um senador, você sabe, e ele não quer a mídia em cima de um possível homicídio em sua propriedade.

— O patologista não o classificou como suicídio? — ele insistiu.

— Eu o convenci a colocar “provável” no relatório.

— Bem, isso já é alguma coisa. Maldito azar o da mulher. Ela poderia nos contar mais coisas — ele sorriu para Alice — Estou feliz por você ter ido vê-la. O que nós temos é graças a você — ele franziu a testa — Mas como você conseguiu o desenho?

— O ministro da mulher — ela disse simplesmente — Falou com o homem que foi assassinado e antes de se tornar ministro, ele era artista. Ele não disse muito mais do que a mulher já havia dito. Ele disse que o cara tinha a consciência culpada e ia conversar com alguém sobre um antigo caso.

Kilraven franziu a testa novamente.

— Um antigo caso. Com quem ele iria conversar? Talvez membros da força policial?

— Muito possivelmente — Alice concordou — Eu não estou acusando. Mas eu preciso identificar esse homem. Eu pensei em ir até o hotel onde ele estava hospedado e entrevistar alguns residentes. É um começo.

— Não você — Kilraven disse rigorosamente — Você já se arriscou muito. Deixe isso comigo e com Jon. Nós somos pagos para sermos alvos de tiros. Você não.

— Meu herói — Alice suspirou piscando para ele e sorrindo — Se eu não quisesse casar com Harley Fowler, juro que estaria mandando flores e bombons para você.

— Eu odeio bombons e sou alérgico à flores — ele afirmou.

Ela torceu o nariz.

— Dá no mesmo, não é?

— Eu farei uma cópia para você — Hayes disse caminhando até a máquina de cópias — O nosso equipamento não é muito bom, então não espere algo tão bom quanto o desenho original.

— Por que você não compra algo melhor? — Alice perguntou.

Hayes fez uma careta.

— Eu preciso de uma ordem de compra da comissão do distrito, e eles ainda estão reclamando da última que eu pedi.

— Que foi para...? — Kilraven insistiu.

Hayes fez a cópia, a examinou e entregou a Kilraven.

— Um gato, um eletricista e um exterminador.

Alice e Kilraven o encararam.

Ele voltou até a sua mesa em silêncio e sentou-se.

— Eu comprei um gato barato — ele enfatizou — Só custou quinze dólares na loja de animais. Não era de raça ou algo do tipo.

— Por que você comprou um gato? — Alice perguntou.

Ele suspirou.

— Você se lembra do rato que morava na casa de Tira Hart antes de ela se tornar a mulher de Simon Hart?

— Bem, eu ouvi falar — Kilraven admitiu.

— Um dos meus oficiais comprou dois ratos e ia levá-los para casa para um projeto de ciências de seus filhos. Ele os colocou em uma caixa de madeira, e quando a abriu eles não estavam mais lá — Hayes suspirou — Eles conseguiram roer a caixa, roeram os rodapés e dois fios elétricos, e causaram quase trezentos dólares de dano ao patrimônio público. Eu chamei um eletricista para isso. Coloquei ratoeiras, mas elas não serviram, daí comprei um gato.

— O gato pegou os ratos? — Alice perguntou.

Hayes balançou a cabeça.

— Na verdade — ele respondeu — Os ratos ficaram esperando pelo gato, pularam nas suas duas patas ao mesmo tempo, e voltaram para o buraco na parede de onde saíram. Na última vez eu que eu vi o gato, ele estava saindo da cidade em direção

ao parque florestal. Mas os ratos ainda estão aqui — ele acrescentou pensativo — E foi por isso que eu precisei de autorização para chamar o exterminador. O presidente do conselho de administração da comissão distrital encontro um dos ratos na sua xícara — ele suspirou — Você acredita que ele me culpou por isso?

— Bem, isso explica porque o conselho ficou louco com você — Alice disse — Quero dizer em relação ao gato e ao eletricista.

— Não, não foi por isso que eles ficaram loucos.

— Não foi?

Ele ficou envergonhado.

— Foi por causa do motor para uma caminhonete Ford de 1996.

Alice o encarou.

— Ok, agora eu estou confusa.

— Eu precisei chamar o exterminador. Enquanto ele estava caçando os ratos, eles entraram no motor de sua caminhonete e fizeram algo — Deus sabe o quê, mas foi uma catástrofe. Quando ele ligou a caminhonete, o motor pegou fogo. Foi perda total.

— Como você sabe que foram os ratos? — Kilraven quis saber.

— Um dos meus oficiais — o mesmo que trouxe os malditos roedores para cá — os viu descendo pela roda pouco antes de o exterminador entrar e ligar o motor.

Alice riu. Ela ficou em pé.

— Hayes, se eu fosse você, eu descobriria quem comprou a cobra albina de Cag Hart e a pediria emprestada.

— Se esses ratos são iguais ao rato de Tira Hart, a cobra também não conseguirá nada.

Enquanto ele falava, as luzes começaram a piscar. Ele balançou a cabeça.

— Eles voltaram — ele disse com resignação.

— É melhor esconder as suas armas de fogo — Kilraven advertiu enquanto ele e Alice caminhavam até a porta.

— Com a minha sorte, eles atiram melhor do que eu — Hayes riu — Eu mostrarei o desenho pela cidade e verei se alguém o reconhece. Se algum de vocês descobrir algo sobre a vítima, por favor me avise.

— Pode deixar — Alice prometeu.

Capítulo 8

Alice seguiu Kilraven pela porta. Ele ficou parado nos degraus do centro de detenção, a expressão pensativa.

— Por que você achou que poderia conhecer a vítima? — Alice perguntou.

— Eu disse a você...

— Você mentiu.

Ele a encarou com as sobrancelhas arqueadas.

— Oh, eu sou sensível — ela disse simplesmente — Depois de assistir todos aqueles programas sobre FBI e assassinatos eu fiquei um pouco perturbada...

— Você não é sensível, Alice — ele disse impaciente.

— Você não tem senso de humor — ela zombou — Eu me pergunto como você consegue ficar sóbrio no trabalho! Ok, Ok — ela ergueu as duas mãos quando ele a encarou sério — Eu falarei. Foi a maneira como você correu até aqui para ver o desenho. Vamos, fale a verdade. Ninguém corre dessa maneira sem um motivo.

Ele apoiou a mão no coldre de sua pistola. Seus olhos ficaram sombrios como naquelas histórias de combate.

— Eu encorajei um detetive de San Antonio a fazer algumas investigações sobre o meu caso — ele disse baixo — E você não pode mencionar isso a Marquez. Ele já está com muitos problemas. Nós não diremos nada a ele.

Ela não se atreveu a mencionar que já sabia sobre o detetive que estava trabalhando no caso, assim como Marquez.

— Você tem uma pista? — ela perguntou.

— Eu achei que esse caso pudesse ser uma — ele disse baixo — Um cara de San Antonio vem até aqui e é assassinado. É sinistro, mas eu acho que ele veio até aqui procurando por mim. Estúpido, eu sei...

— Existem milhares de motivos para ele ter vindo até aqui — ela respondeu — E ele também podia estar de passagem. O bandido pode tê-lo seguido e o emboscado.

— Você está certa — ele esboçou um sorriso — Eu tenho esperanças de ter respostas um dia — o sorriso se transformou em puro aço — Eu quero saber quem foi. Eu quero fazê-lo pagar pelos sete anos mais miseráveis de minha vida.

Ela inclinou a cabeça, a expressão sombria.

— Nada vai mudar o passado — ela disse baixo — Você não pode vingar a morte de duas pessoas. Não existe punição na terra que possa acabar com a dor, ou com a perda. Você sabe disso.

— Conscientemente, sim — ele disse. Em seguida respirou fundo — Eu troquei de turno com alguém naquela noite, como um favor. Se eu não tivesse, estaria com eles...

— Pare com isso! — ela disse em um tom que o chocou — Vidas foram destruídas por causa daquela única e estúpida palavra. Se! Escute, Kilraven, você não tem poder sobre a vida e a morte. Você não pode controlar o mundo. Algumas pessoas morrem de maneiras horríveis. Não é certo, mas é assim que as coisas acontecem. Você precisa esquecer. Viver com arrependimentos é o mesmo que não viver.

Ele não parecia estar ofendido. Na verdade parecia ouvir com atenção.

— Eu ouço isso das famílias das vítimas o tempo todo — ela continuou — Eles sofrem, eles odeiam, eles querem vingança. Eles não podem ver a hora do caso chegar ao tribunal para que eles possam ver os culpados queimarem. Mas, veja só, juízes não condenam, ou bandidos fazem acordos, os algumas vezes os casos até são esquecidos por falta de evidências. E toda essa raiva não tem para onde ir, exceto em exposições nos noticiários das seis horas. Então as famílias vão para as suas casas e o ódio cresce, e eles acabam com vidas vazias cheias de nada. Nada mesmo. O ódio assume o lugar que a cura devia ocupar.

Ele a encarou por um longo momento.

— Eu acho que já passei por isso.

— Por sete anos — ela concordou — Você vai dedicar toda a sua vida ao ódio? Você ficará velho com nada a contar a não ser as lembranças amargas.

— Se a minha filha estivesse viva — ele disse em um tom rouco — Ela faria dez anos na próxima semana.

Ela não soube como responder. A angústia dele era visível em cada palavra.

— Ele morreu com a resposta, Jones — ele disse roucamente.

— Não, não morreu — ela respondeu — Alguém sabe o que aconteceu, e quem fez isso. Um dia, um telefone irá tocar no escritório de um detetive, e uma namorada ou namorado abandonado vai denunciar o bandido por vingança ou raiva.

Ele relaxou um pouco.

— Você acha?

— Eu já vi acontecer. Assim como você.

— Acho que sim.

— Tente parar de viver no passado — ela disse gentilmente — É uma perda de tempo.

Ele arqueou uma sobrancelha, e o humor negro pareceu desaparecer. Os olhos prateados brilharam.

— Flertando comigo?

— Nem pensar — ela avisou — Eu já vi muitas esposas sentadas no sofá esperando pelos maridos. Isso não é para mim. Eu vou me casar com um rancheiro e dormirei a noite.

Ele deu um risinho.

— Isso não é garantia de bom sono. Novilhos e vacas geralmente nascem nas primeiras horas da manhã.

— Você entende do assunto — ela concordou sorrindo — Você e Jon tem uma fazenda em Oklahoma, não tem?

Ele concordou.

— Mas infelizmente nenhum de nós quer ser babá de gado. Gostamos muito de nossas carreiras.

— Isso pode se tornar uma opção quando vocês envelhecerem.

— Pode — ele disse, mas não com entusiasmo — Nós ainda a temos porque a mãe de Jon gosta do lugar — ele fez uma careta — Ela tem uma nova pretendente para Jon.

— Eu soube — Alice deu um risinho — Eu soube que ele a acusou de assédio sexual em seu próprio escritório. E também soube que Joceline Perry ainda o está fazendo sofrer por isso.

— Foi um assédio sexual — Kilraven corrigiu — Aquela mulher é um perigo. Nós dois tentamos dizer a minha madrastra, mas a melhor amiga dela é mãe da mulher. Ela não acredita em nós. A mamãe continua tentando levá-la ao rancho, com a idéia de que Jon gostará mais dela se a vir de jeans.

— Difícil — Alice disse — Jon devia dizer a verdade a Joceline.

— Ele não vai submeter a sua dignidade a tanto. Ele disse que se ela quer acreditar que ele é um patife, ela pode acreditar. De qualquer maneira eles não ficarão juntos.

— Sem ofensa, mas a maioria das mulheres não entende o seu irmão — ela respondeu — Ele não gosta muito das mulheres.

Ele suspirou.

— Se a minha madrastra fosse a sua mãe, você também não gostaria — ele ergueu uma mão — Ela tem as suas qualidades. Mas ela também tem defeitos que são muito graves. Deus ajude a mulher que se apaixonar de verdade por Jon. Ela vai ter que passar pela mãe dele, e precisará de um tanque para isso.

Ela torceu os lábios.

— Eu soube que Joceline é forte como um tanque.

Ele deu um risinho.

— Tem mesmo. Mas ela odeia Jon — ele hesitou — Você me contará se encontrar novas provas, não é?

— É.

— Obrigado pelo conselho — ele acrescentou com os olhos brilhando — Você não é tão ruim.

— Eu sou demais — ela corrigiu — Espere para ver. Harley Fowler vai correr atrás de mim com um ministro logo.

— Pobre homem.

— Ei, pare com isso. Eu sou um achado. Eu tenho estrelas de cinema na fila para casar comigo... Aonde você vai?

— Voltar ao trabalho enquanto ainda há tempo — ele disse por sobre o ombro.

Antes que ela pudesse se defender, ele entrou em seu carro e saiu do estacionamento.

Alice ficou observando o carro se afastar.

— Você teria sorte se eu estivesse interessada em você — ela disse para ninguém em particular — O azar é seu! — ela disse para o carro em movimento.

Um oficial se aproximou sem que ela ouvisse.

— Falando sozinha de novo, Jones? — ele brincou.

Ela lançou-lhe um olhar magoado.

— É a única coisa que eu faço. Não estou tendo muita sorte tentando fazer as pessoas me ouvirem.

— Eu sei o que é isso — ele disse com um risinho.

Provavelmente sim, ela pensou enquanto caminhava até sua van. As pessoas que trabalhavam com a lei não tinham muita vida social. Eles tinham que ser diplomáticos, manter o controle mesmo sob provocação, dar conselhos e avisos, resolver problemas domésticos, trabalhar com suspeitos e até mesmo esquivar-se de balas.

Alice sabia que não nascera para aquele tipo de vida, mas adorava o seu trabalho. Pelo menos, pensou sorrindo, não precisava esquivar-se de balas.

Era sábado, e ela ainda estava em Jacobsville, esperando pela última evidência que vinha de um dos lados do carro que estava imerso no rio. Um pescador havia encontrado um estranho objeto próximo ao lugar e chamara a polícia. Hayes Carson dirigira até lá para dar uma olhada pessoalmente. Era uma garrafa térmica de metal que o homem encontrara no meio de alguns galhos. Ela parecia nova e ainda continha líquido. Ela podia ser de algum pedestre, Hayes afirmou, mas era bom manter as opções abertas. Hayes prometeu que Alice podia ficar com ela, mas ela havia prometido cavalgar com Harley. Então ela disse a Hayes que a pegaria mais tarde em seu escritório.

— E você acha que o xerife fica sentado em seu escritório esperando pelas pessoas em um sábado? — ele perguntou com simulado horror.

— Escute, Hayes, eu soube que você praticamente dorme no escritório algumas noites e até mesmo mantém um pente e uma escova de dentes aí — ela disse bem humorada — Então eu te vejo às sete.

Ele suspirou.

— Eu estarei aqui trabalhando em outra proposta de orçamento.

— Viu? — ela desligou.

Cy Parks não era o que ela esperava. Ele era alto, magro, tinha cabelo negro com algumas mechas cinzentas e olhos verdes. Sua mulher, Lisa, era mais baixa, loira, tinha olhos azuis e usava óculos. Eles tinham dois filhos, um era um garotinho e o outro recém-nascido. Lisa estava segurando um, Cy segurava o mais velho.

— Nós ouvimos muito sobre você — Cy brincou enquanto Alice estava parada ao lado de Harley. Eles estavam vestindo jeans, camisas de manga comprida e casacos. Era um dia frio.

— A maior parte provavelmente é verdade — Alice suspirou — Mas eu tenho dentes ótimos — ela os mostrou — e um bom comportamento.

Eles riram.

— Nós não ouvimos coisas ruins — Lisa assegurou, ajustando os óculos sobre o nariz.

— Sim, nós ouvimos — Cy deu um risinho — Mas não muito ruins. Harley disse que você o pede em casamento o tempo todo.

— Oh, é verdade — Alice disse sorrindo — E eu o estou convencendo. Eu só não consigo convencê-lo a me comprar um anel.

Cy torceu os lábios e olhou para Harley.

— Ei, se você conseguir fazê-lo vestir um terno, eu o levarei até o altar — ele prometeu.

Harley sorriu para ele.

— Eu lembrarei você disso — ele disse ao chefe.

Os olhos de Cy eram mais gentis do que zombeteiros.

— Pode lembrar.

Harley corou de prazer.

— Obrigado.

— Isso quer dizer sim? — Alice perguntou a Harley com os olhos arregalados.

Ele a olhou de maneira zombeteira.

— Quer dizer que eu estou pensando no assunto.

— Covarde — ela murmurou.

— Como anda a sua investigação? — Cy perguntou repentinamente.

— Você quer saber sobre o assassinato no rio? — ela perguntou — Lenta. Nós temos evidências. Nós só não conseguimos decifrar o que elas significam.

— Algumas pessoas importantes estão envolvidas, eu acho — Cy disse sombrio — Já vi pessoas mortas da mesma maneira que a sua vítima. Isso geralmente significa um problema, um rancor pessoal.

Alice concordou.

— Nós descobrimos que a maioria dos ataques próximos, quando não são cometidos ao acaso, são cometidos por pessoas rancorosas. Eu nunca deixo de ficar espantada com as coisas que o ser humano é capaz de fazer.

— Amém — Cy deslizou um braço ao redor de Lisa — É melhor nós levarmos os meninos para dentro de casa. Eles já ficaram muito tempo no frio — ele deu um risinho — Prazer em conhecê-la, Alice. Se você conseguir fisgá-lo — ele apontou Harley — para casar com você, eu já prometi a ele um pouco de terra e algumas cabeças do meu melhor gado.

— Isso é muito gentil — Alice disse com sinceridade.

Cy encarou Harley calorosamente.

— Eu gosto de tê-lo por perto — ele disse com um sorriso — Sentiria a sua falta.

Harley ficou orgulhoso.

— Eu não vou a lugar nenhum — ele zombou, mas não conseguiu esconder que estava lisonjeado.

— Volte novamente — Lisa disse à Alice — É difícil conversar com esses dois carinhas por perto — ela indicou as crianças — Mas nós daremos um jeito.

— Eu adoraria — Alice concordou.

Os Parks acenaram e entraram na casa.

— Eles são legais — Alice disse a Harley.

Ele concordou.

— O senhor Parks tem sido mais do que um pai para mim.

Alice quis comentar, perguntar sobre o senador. Mas o olhar no rosto de Harley a deteu. Era traumatizado.

— Eu não monto em um cavalo há dois anos — ela disse a ele — Eu precisei andar com alguns Texas Rangers para chegar a um lugar muito afastado, e era a única maneira de chegar até a cena do crime — ela gemeu — Seis horas sobre um cavalo, através de chão apedregado e debaixo de um sol escaldante! Minhas pernas ardiam mesmo debaixo do jeans e pareciam estar paralisadas quando eu finalmente voltei para casa.

— Eu já passei por isso também — ele riu — Mas nós não andaremos tanto, eu prometo.

Ele a levou até o celeiro, onde já tinha selado dois cavalos. O dela era uma fêmea, um pônei, do tamanho perfeito.

— Essa é Feijão — ele disse — A filha de Colby Lane cavalga com ela quando vem até aqui.

— Feijão? — ela perguntou enquanto montava.

— Ela é um pônei — ele disse secamente.

Ela riu.

— Oh!

Ele montou em um cavalo árabe negro e percorreu a trilha que ia até os fundos da propriedade.

Era um bom dia para cavalgar, ela pensou. Havia chovido na noite anterior, mas era um dia ensolarado, e frio. A trilha estava coberta por pequenas poças de lama, e apesar da grama morta e das árvores desfolhadas, era um bom dia para andar a cavalo.

Ela fechou os olhos e sentiu o cheiro de terra molhada.

— Se esse cheiro pudesse ser colocado em uma garrafa — ela comentou — As companhias que fabricam perfumes estariam ricas.

Ele deu um risinho.

— Com certeza. É delicioso, não é? As pessoas da cidade não tem ideia do que estão perdendo.

— Você já viveu na cidade, não viveu? — ela perguntou em um tom distraído.

Ele virou a cabeça para os dois lados. Os olhos azuis se estreitaram por baixo da aba do chapéu enquanto ele pensava na pergunta.

— Você andou fazendo ligações, Alice.

Ela corou um pouco.

— Não, não mesmo. Eu apenas notei algumas coincidências.

— Nos nomes — ele respondeu.

— Sim — ela confessou.

Ele respirou fundo e puxou as rédeas. Ela também. Ele aproximou-se dela em silêncio, os olhos perdidos no horizonte.

— O senador é seu pai — ela adivinhou.

Ele fez uma careta.

— Sim.

Ela abaixou os olhos. O chão estava enlameado e a vegetação estava marrom. As árvores estavam peladas. Era uma paisagem de inverno. Fria, assim como a expressão de Harley.

— Meus pais estavam sempre no meio de festas e reuniões. Durante toda a minha vida. Eu cresci ouvindo o som do gelo batendo nos copos. Políticos e pessoas ricas e famosas estavam sempre por perto. Eu sempre estava na cama na hora certa para que as pessoas pudessem ver como o político era um homem de família — ele riu friamente — Minha mãe era juíza da suprema corte — ele acrescentou surpreendentemente — Muito solene na bancada, muito rígida em casa. Minha irmã morreu, e de repente ela estava bebendo mais do que o meu pai naquelas festas. Ela desistiu do emprego para vir uma importadora — ele balançou a cabeça — Ele mudou também. Quando ele era mais jovem, jogava bola comigo, ou me levava ao cinema. Depois que a minha irmã morreu, tudo estava voltado à sua carreira, às suas campanhas, mesmo quando ele não concorria. Eu não posso explicar como isso me incomodava.

— Eu posso imaginar — ela disse gentilmente — Eu sinto muito.

Ele franziu a testa.

— Eu nunca conectei esses fatos. Você sabe, a morte da minha irmã com a mudança nos meus pais. Eu era só uma criança, e não conseguia pensar muito — ele voltou a observar a paisagem — Talvez eu estivesse errado.

— Talvez todos vocês estivessem errados — ela corrigiu — Seu pai pareceu muito infeliz quando viu você.

— Já se passaram quase oito anos — ele respondeu — Durante todo esse tempo, não recebi nem um cartão nem uma ligação telefônica. É difícil acreditar que eles possam estar arrependidos.

— Talvez eles não saibam como falar com você — ela disse — Já vi famílias que ficaram separadas durante anos, tudo porque não sabiam como fazer o primeiro contato, dar o primeiro passo para recuperar uma relação que havia dado errado.

Ele suspirou, tocando as rédeas.

— Eu acho que isso me descreve bem.

— É orgulho, não é? — ela perguntou.

Ele sorriu debilmente.

— Não é sempre? — ele perguntou alto — Eu achei que eu fosse o injustiçado. Não achei que pudesse caber a mim dar o primeiro passo. Então eu esperei.

— Talvez o seu pai tenha se sentido da mesma maneira — ela sugeriu.

— Meu pai não é um homem fácil para aproximações, mesmo nos seus melhores dias — ele disse — Ele não tem muita paciência.

— Você não estava cantando músicas no dia em que eu ligue, no dia em que a vaca comeu os nabos — ela respondeu afiada.

Ele riu.

— Eu acho que também não tenho muita calma.

— Eu também acho. Não é uma característica ruim. Apenas se você a levar aos extremos.

Ele observou as mãos cobertas pelas luvas.

— Acho que sim.

— Eles não são mais jovens, Harley — ela disse baixo — Se você esperar muito, pode não ter tempo de resolver as coisas.

Ele concordou.

— Eu estive pensando nisso.

Ela hesitou. Não queria forçar muito. Forçou o cavalo um pouco para a frente, até ficar ao lado dele.

— Você já pensou no tipo de anel que gostaria de ganhar?

Ele torceu os lábios e a encarou.

— Um para colocar no dedo, ou um para colocar no nariz?

Ela riu.

— Pare com isso.

— Estava brincando — ele olhou para cima — Está escurecendo. É melhor nós voltarmos, ou tomaremos um banho de chuva.

Ela sabia que aquele aviso foi a maneira que ele encontrou de terminar a conversa. Mas ela o fizera pensar. E aquilo era suficiente por enquanto.

— Então vamos logo.

Ele a levou de volta até a van, as mãos enfiadas nos bolsos, os pensamentos longe.

— Eu gostei de hoje — ela disse — Obrigada pela aula.

Ele parou na frente da porta do motorista e a encarou um pouco confuso.

— Você não força as coisas, não é? — ele acrescentou solene — É uma das coisas que eu gosto em você.

— Eu não gosto de ser forçada — ela confessou. Em seguida o encarou — Você é um bom homem.

Ele tirou a mão do bolso e deslizou pelo cabelo dela, e a pousou em sua bochecha. O couro da luva coçou.

— Você é uma boa mulher — ele respondeu — E eu digo a verdade.

Ela começou a falar.

Ele inclinou-se e cobriu a boca dela com a sua antes que ela pudesse dizer algo. Os lábios dele se entreabriram, frios e famintos sobre os lábios suaves. Ela abriu a boca com um suspiro e passou os braços ao redor dele, segurando com força. Ela adorava beijá-lo. Mas era mais do que afeição. Era o fogo da paixão que a fazia sentir dor desde a cabeça até os pés. Ela sentiu-se mole, quente, queimando, enquanto seus braços se contraíam.

— Oh, Deus — ele gemeu, estremecendo enquanto pousava a boca no pescoço dela — Alice, nós estamos indo muito rápido.

— Reclamações, reclamações — ela gemeu sobre o casaco dele.

Ele riu apesar da dor que o estava quase dobrando no meio.

— Não é uma reclamação. Bem, não exatamente — ele respirou tranquilamente e a afastou lentamente. Os olhos pousaram nos dela — Nós não podemos apressar as coisas — ele disse — É muito bom. Nós precisamos ir devagar.

Os olhos azuis o avaliaram languidamente. Ela ainda tremia de prazer.

— Devagar — ela concordou. Os olhos pousaram na boca dele.

— Você está me ouvindo?

Ela concordou. O olhar fixo nas linhas sensuais dos lábios dele.

— Ouvindo.

— Mulher...!

Ele a puxou para perto novamente, a boca colada na dela. Ele a encostou na porta da van e colou o corpo no dela com uma necessidade que ecoou em seu gemido áspero.

Por um longo tempo, eles ficaram grudados na juva fina, sem conseguirem se afastar. Quando a única maneira possível parecia ser subir na carroceria da van, ele

afastou a boca da dela e afastou-se. Sua mandíbula estava tão rígida, que sua boca parecia estar quebrando em pedacinhos. Os olhos azuis estavam brilhando de desejo frustrado.

A boca dela era suave e vermelha. Ela encostou-se na porta, lutando para respirar normalmente enquanto o encarava com inevitável adoração. Ele não era muito musculoso, mas com a proximidade, podia sentir cada contorno de seu corpo. Ele era delicioso. Como doce. Doce.

— Você precisa ir. Agora — ele disse em um tom contido.

— Ir — ela concordou novamente.

— Ir. Agora.

Ela concordou.

Agora.

— Alice — ele gemeu — Querida, temos quatro pares de olhos nos observando através da janela, e dois deles estão tendo uma maldita aula de educação sexual!

— Olhos — ela piscou — Olhos?

Ela virou-se. Lá, na janela da sala de estar, haviam quatro rostos. Os adultos estavam obviamente divertidos. Os pequenos estavam arregalados de curiosidade.

Alice corou.

— Oh, puxa.

— Você precisa ir. Agora mesmo — ele a moveu gentilmente para o lado e abriu a porta. Em seguida a ajudou a sentar no banco. Ele gemeu — Eu não vou jantar na casa grande hoje, prometo — ele acrescentou.

Ela começou a recobrar os sentidos e o senso de humor. Os olhos brilharam.

— Oh, entendo — ela murmurou — Eu comprometi você. Bem, não se preocupe, querido — ela zombou — Eu salvarei a sua reputação. Você pode casar comigo amanhã.

Ele riu.

— Não. Eu vou aparar a unha dos cavalos.

Ela o encarou.

— Existem ferradores que fazem isso.

— Nosso ferrador está de férias no natal — ele assegurou.

— Um dia — ela disse — Você não terá mais desculpas.

Ele a encarou e sorriu suavemente.

— Claro que sim — ele afastou-se — Mas não hoje. Eu ligo para você — ele fechou a porta.

Ela ligou o motor e colocou a cabeça na janela.

— Obrigada pela corrida.

Ele ainda estava sorrindo.

— Obrigado pelo conselho. Eu o seguirei.

— Feliz natal.

Ele inclinou a cabeça.

— O natal acabou.

— O ano novo está chegando.

— Isso me lembra que nós temos uma celebração de ano novo por aqui — ele disse — Eu posso convidar você.

— Eu já estarei em San Antonio — ela disse infeliz.

— Eu a trarei até aqui e depois a levarei de volta.

— Não. Eu ficarei no hotel — ela disse — Não quero você na estrada depois da meia-noite. Existem motoristas bêbados.

O coração dele saltou. Os olhos se aqueceram.

— Você é mesmo um doce.
Ela corriu.
— Continue pensando assim. Até logo.
Ele piscou para ela e deu um risinho quando ela corou.
— Até logo, garota bonita.
Ela colocou a van em movimento e dirigiu atordoada. Havia sido um dia memorável.

Capítulo 9

Alice voltou ao seu escritório na semana seguinte. Ela entregou a garrafa térmica encontrada no rio em Jacobsville à Longfellow logo pela manhã. Estava esperando resultados, analisando um arquivo, quando a porta se abriu e um homem alto, notavelmente um cavalheiro, de olhos azuis e vestindo um terno escuro entrou sem ser anunciado. Ele tinha cabelos escuros com algumas mechas brancas nas têmporas. Ela o reconheceu logo.

— Senador Fowler — ela disse baixo.
— Senhorita Jones — ele respondeu. Ele parou na frente da mesa dela com as mãos nos bolsos — Será que você tem alguns minutos para me atender?

— Claro — ela indicou a cadeira na frente de sua mesa.

Ele tirou as mãos dos bolsos e sentou-se, cruzando uma perna sobre a outra.

— Eu acredito que você conheça o meu filho.

Ela sorriu.

— Sim. Eu conheço Harley.

— Eu... Minha esposa e eu não o vemos há anos — ele começou — Nós cometemos erros terríveis. Agora, parece que nós nunca conseguiremos nos aproximar dele. Ele se tornou um homem muito bonito. Ele... tem um emprego?

Ela concordou.

— Um emprego muito bom. E amigos.

— Que bom. Muito bom — ele hesitou — Nós não sabíamos como lidar com isso. Ele era um jovem muito arrogante, certo de ter todas as respostas — ele olhou para baixo — Nós devíamos ter sido mais gentis.

— Vocês perderam a sua filha — Alice disse gentilmente.

Ele ergueu os olhos e eles brilharam de dor e sofrimento.

— Eu matei... a minha filha — ele gemeu — Dei a ré no carro para ir até uma campanha — ele fechou os olhos — Depois disso, eu fiquei louco.

— Assim como a sua mulher — Alice disse baixo.

Ele concordou. Ele secou os olhos e os abaixou.

— Ela era juíza da corte suprema. Ela começou a beber e deixou o emprego. Disse que não podia julgar outras pessoa quando os seus erros eram tão terríveis. Ela estava no telefone quando tudo aconteceu. Ela havia dito à nossa filha, Cecily, para não interrompê-la e sair dali. O tipo de comentário que os pais ocupados fazem. Isso não quer dizer que eles não amam seus filhos. De qualquer modo, Cecily abriu a porta e foi atrás do carro. Eu saí sem nem ao menos olhar se havia alguém atrás de mim. Eu estava atrasado para um encontro... Minha mulher nunca soube que Cecily estava fora de casa, até que eu comecei a gritar quando vi o que havia feito — ele inclinou-se para a frente — Nós nos culpamos. Tivemos brigas. Harley sofreu. Ele me culpou. Mas ele pareceu seguir com a sua vida depois disso.

— Eu acho que vocês não fizeram isso — Alice respondeu — Vocês não conseguiram lidar com isso.

Ele a encarou. Os olhos azuis se estreitaram.

— Como você sabe tanto?

— Eu lido com a morte todos os dias — ela disse simplesmente — Já vi famílias serem destruídas por causa de tragédias. Poucas pessoas admitem que precisam de ajuda, ou de conselhos. É horrível perder um filho. É traumático perder um da maneira que vocês perderam. Vocês deveriam ter feito terapia.

— Eu não era o tipo de pessoa que admitiria isso — ele disse simplesmente — Eu estava mais preocupado com a minha imagem. Era ano de eleição. Eu me joguei na campanha e pensei que aquilo me ajudaria a esquecer. Assim como a minha esposa — ele balançou a cabeça — Ela decidiu começar um negócio, para manter-se ocupada — ele esboçou um sorriso — Nós nunca nos vemos. Depois que Harley partiu, nós nos culpamos por isso também.

Ela observou o homem curiosamente.

— Você é um político. Você deve ter acesso a investigadores. Você poderia encontrar Harley quando desejasse.

Ele hesitou. Em seguida concordou.

— Mas isso serve para os dois lados, senhorita Jones. Ele podia ter nos encontrado também. Nós não nos mudamos.

— Harley disse que vocês queriam que ele fizesse parte de um círculo social que ele não gostava.

— E você acha que eu gosto? — ele perguntou repentinamente e deu uma risada amarga — Eu amo meu trabalho. Eu tenho poder. Eu posso fazer muitas coisas boas também. Mas socializações são parte do trabalho. Eu faço mais negócios nas minhas festas do que em meu escritório em Washington. Eu faço contatos, coloco contratos em andamento, pesquiso. Eu nunca paro — ele suspirou — Eu tentei explicar isso a Harley, mas ele pensou que eu o estava usando para ganhar eleitores — ele riu — É engraçado agora. Ele era tão jovem, tão imaturo. Ele pensava que tudo na minha vida eram negócios — ele a encarou — Eu espero que ele tenha aprendido que nem tudo é preto ou é branco.

— Ele aprendeu muito — ela respondeu — Mas ele está fugindo do passado há anos.

— Muitos anos. Eu não posso me aproximar diretamente dele. Ele fugiria — ele juntou as mãos no clo — Eu achei que você pudesse me ajudar. Apenas um pouco. Eu só quero falar com ele.

Ela estreitou os olhos.

— Isso não tem nada a ver com a mulher com quem nós conversamos na sua festa de arrecadação de fundos...?

Ele a encarou com olhos azuis um pouco mais claros que os de Harley.

— Você é rápida.

— Eu não comecei a trabalhar ontem — ela respondeu, e sorriu levemente.

Ele respirou fundo.

— Eu causei muitos problemas a Dolores. Ela era muito religiosa, mas me dava nos nervos. Um homem que abandonou a religião não gosta de sermões — ele acrescentou sorrindo amargamente — Mas ela era uma boa pessoa. Minha mulher teve um ataque do coração no começo do ano. Eu contratei uma enfermeira para ficar com ela, quando ela saiu do hospital e foi para casa. Mas a enfermeira drogou minha mulher e saiu para festar com o namorado. Dolores fez com que eu descobrisse. Então ela cuidou da minha mulher. Elas tinham muito sobre o que conversar. Depois que a

minha mulher melhorou, começou a fazer coisas boas. Eu acho que foi a influência de Dolores — ele inclinou a cabeça — Eu fui rude com Dolores na noite da festa. E me arrependi. Eu tinha um jovem protegido, nosso mais novo senador. Ele tem um irmão que me deixa muito nervoso — ele ergueu os olhos — Desculpe. Eu perdi a linha. Eu quero a sua ajuda para fazer as pazes com o meu filho. Mas não é por isso que eu estou aqui.

— Então por que você está aqui, senador? — ela perguntou.

Ele a olhou nos olhos.

— Dolores não cometeu suicídio.

O coração dela saltou, mas ela manteve o rosto sereno. Ela entrelaçou as mãos em cima de sua mesa e inclinou-se na direção dele.

— Por que você diz isso?

— Porque uma vez, quando eu não fui eleito, brinquei sobre bater com o carro em uma árvore. Ela era contra o suicídio. Ela achava que era o pior pecado de todos. Ela disse que era um insulto a Deus e que causa muito sofrimento para as pessoas que te amam — ele olhou para cima — Eu não sou um investigador, mas eu sei que ela era destra. Ela atirou do lado errado do corpo — ele balançou a cabeça — Ela não era o tipo de pessoa que faria isso. Ela odiava armas. Tenho certeza de que ela nunca teve uma. Isso não está certo.

— Eu não consegui forçar o médico legista a classificar a morte como homicídio. Ele está quase se aposentando, e foi a sua empregada que morreu. Ele tem medo de você, da sua influência. Ele sabe que você parou a investigação sobre o caso da família de Kilraven.

— Eu não parei — ele disse inesperadamente, e sua boca fez uma linha fina — Will Sanders é o recém-eleito senador do Texas — ele continuou — Ele é um cara legal, mas seu irmão é um criminoso com alguns contatos perigosos, envolvidos com gente perigosa. Ele está envolvido em negócios ilegais. Will não consegue detê-lo, mas ele o protege. Obviamente ele pensa que Hank sabe algo sobre o caso de Kilraven, e não quer que isso seja descoberto.

Os olhos azuis de Alice começaram a brilhar.

— Assassinato é um negócio perigoso — ela apontou — Você gostaria de saber o que foi feito com a mulher e a filha de três anos de Kilraven? — ela acrescentou — Ele viu tudo por acidente. Mas eu tenho as fotos da autópsia que nunca mostrei a ninguém, se você quiser vê-las.

O senador empalideceu.

— Eu não quero — ele respondeu. Ele olhou para o teto — Eu quero que Kilraven assuma o caso. A parceira de Rick Marquez foi enviada para trabalhar na patrulha do trânsito. Eu não queria que isso acontecesse. Will me convenceu a afastá-la do caso. Ela é um perigo quando está fazendo investigações sobre homicídios, e não para até solucionar o crime — ele a encarou — Will é muito persuasivo. E eu deixo ele me guiar às vezes. Mas eu não quero que nenhum de nós dois sejamos vistos como obstrutores de uma investigação, mesmo uma que já dure sete anos. Ele provavelmente tem medo de que o seu irmão, Hank, possa conhecer o bandido e Will está tentando protegê-lo. Ele fez isso durante toda a sua vida. Mas ele tem medo de que a mídia faria se descobrisse que ele algum dia encobriu um assassinato, especialmente um tão horrível quanto esse.

— Eu já vi o que acontece quando as pessoas escondem provas. Não é legal — Alice disse — Como você pode ajudar Kilraven?

— Para começar, eu posso aliviar o problema da parceira de Marquez. Eu falarei com o chefe de departamento policial quando sair daqui. Ele a colocará de volta nos

homicídios. Aqui — ele escreveu um número em um pedaço de papel e entregou à ela — Esse é o meu celular pessoal. Eu tenho dois telefones, mas poucas pessoas tem acesso a esse número. Diga para Kilraven me ligar. Ou você tem o número dele?

— Claro — ela pegou o próprio celular, apertou alguns botões e anotou o número de Kilraven em um pedaço de papel. Estranho como aquele número parecia familiar no papel. Ela o entregou ao senador — Aqui.

— Obrigado. Bem, se você quiser — ele acrescentou com um sorriso enquanto ficava em pé — Pode dividir o meu número particular com Harley. Ele pode me ligar a hora que quiser. Mesmo se eu estiver em um palanque fazendo um discurso. Eu não me incomodarei em ser interrompido.

Ela ficou em pé também, um sorriso no rosto.

— Eu vou até Jacobsville na quarta-feira, para a celebração de véspera de ano novo que acontece na cidade, com Harley. Eu entregarei a ele. Obrigada, senador Fowler.

Ele apertou a mão dela.

— Se eu puder, ficarei feliz em ajudar na investigação sobre a morte de Dolores — ele acrescentou.

— Pode deixar. Kilraven ficará agradecido pela ajuda, tenho certeza.

Ele sorriu, acenou e partiu.

Alice sentou-se. Algo não estava certo. Ela pegou as notas sobre o assassinato em Jacobsville e verificou a sequência de números que Longfellow transcrevera do pedaço de papel que estava na mão da vítima. Respirando fundo, ela procurou o número de Kilraven em seu próprio celular e os comparou. Os números decifrados combinavam a não ser pelo código de área, que estava faltando. Não era conclusivo, mas era quase certeza que a vítima queria falar com Kilraven. O que levava a pergunta de que a vítima talvez pudesse saber algo sobre o antigo assassinato.

Seu primeiro instinto foi pegar o telefone e ligar para Kilraven. Mas o seu segundo foi de precaução. Sem os números que estavam faltando, poderia ser uma coincidência. Era melhor deixar o senador entrar em contato com Kilraven e conseguir alguma ajuda — para a detetive amiga de Marquez — e ir até lá. Enquanto isso, Alice pressionaria Longfellow para conseguir os números indecifráveis que estavam no pedaço molhado de papel. O escritório do FBI tinha a tecnologia necessária para realizar o trabalho. Eles podiam descobrir um milagre para a investigação.

A garrafa térmica continha um pouco de café com uma droga narcótica, Longfellow disse à Alice.

— Está ligado ao seu caso — a investigadora disse — Isso pode explicar muito. Essa droga deixa a vítima menos capaz de se defender de um ataque.

— Digitais?

Longfellow balançou a cabeça.

— Estava limpa. Esfregada, aparentemente, e apenas arremessada. É como se — ela acrescentou franzindo a testa — o assassino estivesse tão confiante que deixou a garrafa deliberadamente, para mostrar superioridade.

Alice sorriu debilmente.

— Eu amo quando os bandidos fazem isso — ela disse — Quando nós os pegamos, e os levamos até o tribunal, essa insolência geralmente acaba. É muito legal.

— Com certeza — Longfellow concordou — Eu continuarei trabalhando — ela assegurou.

— Faça isso. Nós precisaremos de cada pedaço de evidência que for encontrada para esse caso. O assassino é bom. Muito bom — ela franziu a testa — Ele provavelmente já fez isso antes e não foi preso.

— Isso pode explicar a sua eficiência — a outra mulher concordou — Mas ele esqueceu o pedaço de papel na mão da vítima.

— Até mesmo os criminosos escorregam às vezes. Espero que essa seja a sua canção de despedida.

— Oh, sim.

Alice dirigiu até Jacobsville com seu próprio carro, um pequeno Honda com uma excelente contagem de milhas, e instalou-se no hotel. Ela havia reservado um quarto antes porque os visitantes sempre vinham para a celebração de Ano Novo. Quando ela já estava em seu quarto, ligou para Harley.

— Eu ia buscar você — ele protestou.

— Eu não quero que você dirija à noite, Harley — ela respondeu suavemente.

Ele suspirou.

— O que eu farei com você, Alice?

— Eu tenho várias sugestões — ela acrescentou feliz.

Ele riu.

— Você pode me dizer hoje à noite. A lanchonete da Barbara ficará aberta para as festividades. Posso lhe buscar às seis, e nós jantaremos. E depois nós vamos até o prédio da Associação de criadores de gado onde a festa vai acontecer.

— Isso parece ótimo.

— É formal — ele acrescentou hesitante.

— Não se preocupe. Eu trouxe o meu vestido preto de festa e meu elegante casaco de peles.

Ele deu um risinho.

— Espero que não seja nenhuma viva.

— Não.

— Vejo você mais tarde, então — ele disse em um tom lento e sensual.

— Estou esperando.

Ele desligou. Ela também. Em seguida checkou o relógio. Seria uma longa tarde.

Harley perdeu o fôlego quando ela abriu a porta. Ela usava um pequeno vestido de seda negra com alças finas e um decote suave que mostrava um pouco dos seios bonitos. O vestido colava-se ao quadril e caía sobre os joelhos como um emaranhado de seda. Ela usava meia-calça escura e sandálias de salto. Usava também a maquiagem suficiente para lhe dar um ar distinto. Seus lábios, cobertos por batom vermelho, estavam tentadores. Ela também carregava uma pequena bolsa preta e o delicado casaco de pele.

— Estou bem? — Alice perguntou inocente.

Harley não conseguiu falar. Ele a empurrou para dentro do quarto, fechou e trancou a porta, tirou o chapéu e a empurrou gentilmente sobre a cama.

— Desculpe — ele murmurou enquanto sua boca tocava a dela com fome.

Ela gemeu enquanto ele deslizava sobre ela, separando as pernas delicadas para que pudesse subir a saia e tocar a pele suave com as mãos exigentes.

Sua boca se tornou exigente. As mãos deslizavam pelo corpo dela, descobrindo curvas suaves e pele fresca. Com a boca ainda insistente sobre os lábios entreabertos, ele afastou as alças finas e abaixou o vestido até a cintura. Ele ergueu a cabeça para olhar os seios firmes.

— Lindo — ele sussurrou, e sua boca inclinou-se para tocá-la com delicadeza, com uma sucção que a fez arquear na cama em uma onda de prazer tão grande que ela parecia estar derretendo.

Ela puxou a cabeça dele para baixo, estremecendo quando a fome se tornou maior no silêncio do quarto. Tudo o que ela queria era que ele não parasse. E ela sussurrou, gemeu, gritou, enquanto as chamas se tornavam maiores e as mãos dele deslizavam pelo corpo dela, procurando o cócs da saia...

O telefone dela tocou com o tema do filme *Indiana Jones*. Os dois saltaram. Harley, a mente voltando ao normal, rapidamente retirou as mãos debaixo da saia de Alice com uma careta, e rolou para o lado. Ele lutou para recuperar o fôlego enquanto ela levantava da cama e pegava a bolsa no chão, onde ela havia sido deixada.

— Jones — ela disse em um tom áspero.

— Alice? — Hayes Carson perguntou porque não parecia a voz dela.

— Sim — ela disse forçando-se a respirar normalmente — Hayes?

— Sim. Eu queria saber se você descobriu algo sobre a garrafinha térmica — ele hesitou — Eu liguei em uma hora ruim?

Ela forçou uma risada.

— Nós conversaremos sobre isso mais tarde — ela disse — Na verdade a garrafa estava limpa. Sem digitais, mas o líquido tinha vestígios de um narcótico — ela respondeu — Mas Longfellow ainda está investigando. Nós temos anotações no escritório do FBI. Com um pouco de sorte eles conseguirão decifrar os números que estão faltando. Mas eles estão sobrecarregados e ainda tem o feriado. Não tenho esperanças de algo para essa semana.

— Eu estava com medo disso.

— Bem, nós vivemos com esperança — ela disse, e encarou Harley, que estava sentado e parecia sentir dor.

— Pois é. Você virá à celebração?

— Claro. Você irá?

— Eu nunca perco. Uh, Harley vai trazer você?

Ela riu.

— Sim. Vejo você lá;

— Claro — ele desligou.

Ela encarou Harley com um sorriso travesso.

— Bem, nós podemos pensar em Hayes como um controle de natalidade portátil, não é?

Ele deu uma risada apesar do desconforto. Ele tentou ficar em pé, ainda tentando respirar normalmente.

— Eu posso pensar em mais alguns adjetivos que caberiam a ele.

— Aposto que impublicáveis — ela caminhou até ele e colocou as mãos no peito largo. Ela ergueu os pés para beijá-lo suavemente — Foi em boa hora. Eu não teria parado.

— É. Eu também não — ele confessou corando um pouco — Foi uma longa espera — ele inclinou-se e pousou a boca sobre a dela — Mas nós já provamos que somos fisicamente compatíveis — ele murmurou.

— Definitivamente — ela torceu os lábios — Então o que acha de nos casarmos amanhã?

Ele deu um risinho.

— Não posso. Vou escovar os touros para uma apresentação regional.

— Escovar os touros? — ela pensou alto.

— Um rebanho puro-sangue. Eles precisam ser escovados, penteados e enfeitados. Quanto mais faixas nós ganharmos, mais alto nós podemos cobrar pelo seu, bem, pelas suas sementes.

Ele queria dizer sêmen, mas era muito gentil para dizê-lo.

— Eu sei o que são sementes, Harley — ela deu um risinho — Entendi o que você quis dizer.

— Então amanhã não será possível.

— Eu não perco a esperança — ela devolve. Ela foi até o espelho do banheiro para retocar a maquiagem que estava totalmente borrada — É melhor você se olhar também — ela chamou — Esse brilho labial será uma publicidade desonesta. Ele mancha.

Ele foi atrás dela. Sua camisa estava entreaberta. Ela se lembrava de ter feito aquilo, as mãos deslizando pela leve camada que cobria o peito, acariciando enquanto ele a beijava. Ela corou com a lembrança.

Ele checou o próprio rosto, limpou um pouco, e ergueu o olhar para as bochechas rosadas de Alice no espelho. Ele colocou as mãos nos ombros dela e apertou com delicadeza.

— Nós não podemos nos casar amanhã. Mas eu pensei que talvez possamos na semana que vem. Sexta, talvez — ele disse suavemente — Eu posso tirar alguns dias de folga. Nós poderíamos dirigir até Galveston. Até a praia. Mesmo no inverno é um lugar muito bonito.

Ela virou-se e o encarou com os olhos arregalados.

— É mesmo? Não foi você que disse que eu devia parar de perseguí-lo?

Ele inclinou-se e beijou a testa dela com ternura.

— Eu não sei como isso aconteceu exatamente — ele disse em um tom rouco e suave — Mas eu estou apaixonado por você.

Ela deslizou os braços ao redor do pescoço dele.

— Eu estou apaixonada por você também, Harley — ela disse em um tom duvidoso, buscando os olhos dele.

Ele a ergueu e a beijou de uma maneira nova, diferente. Com reverência, respeito e ternura.

— Eu caso quando você quiser — ela disse contra a boca dele.

Ele a beijou com mais força. A paixão voltou, fazendo com que eles se aproximassem, se colassem em uma onda de desejo que era muito formidável para que eles pudessem resistir.

Ele afastou-se, trincando os dentes de frustração, e a afastou dele.

— Nós precisamos parar com isso — ele disse — Pelo menos até o casamento. Eu sou muito antiquado sobre essas coisas.

— Nem me fale — ela disse roucamente — Eu venho de uma família de ministros Batistas. Preciso dizer mais?

Ele esboçou um sorriso.

— Não. Eu sei o que você quer dizer — ele respirou fundo e a olhou no espelho. Em seguida fez uma careta — Ok, agora eu acho que publicidade é uma carga muito pesada — ele disse à ela — Eu estou borrado também, e não é a minha cor normal.

— Definitivamente não — ela concordou. Ela molhou uma toalha de banho e começou a limpar os dois. Em seguida, enquanto ele colocava novamente o próprio casaco e penteava o cabelo, ela terminou a maquiagem. No momento em que ela terminou, ele apareceu na porta. Ele sorriu enquanto ela se aproximava.

— Você está muito bonita — ele disse gentilmente.

Ela passou o cachecol ao redor do pescoço e sorriu de orelha a orelha.

— Você está devastador — ela respondeu.

Ele esticou um braço. Ela passou o seu braço ao redor dele. Ele abriu a porta e saiu com ela.

Havia uma banda. Eles tocavam músicas regionais, e Harley dançou com Alice. Praticamente a cidade inteira estava no prédio da Associação de Criadores de Gado local, para celebrar o ano novo. Um par de chifres de gado, idéia de Calhoun Ballenger, o novo senador, esperavam para cair quando a meia-noite chegasse.

Hayes Carson estava usando o seu uniforme, e Alice brincou com ele sobre isso.

— Ei, eu estou de plantão — ele respondeu com um sorriso — E estou aqui com o meu celular.

— Eu não estou discutindo. É uma grande produção. É sempre assim?

— Sempre — Hayes respondeu. Ele começou a falar quando uma chamada veio de seu radio. Ele apertou o botão e disse à telefonista que ele estava a caminho — Viu o que eu disse? — ele acrescentou com um sorriso — Divirtam-se.

— Pode deixar — Harley respondeu deslizando um braço ao redor dela.

Hayes acenou enquanto saía pela porta.

— Ele é gentil com você? — Hayes perguntou com um pouco de ciúmes na voz.

Ela o puxou para perto.

— Todo mundo exceto Hayes sabe que ele gosta de Minette Raynor, mas ele nunca admitirá. Ele passou anos a culpando pela morte de seu irmão mais novo, que usava drogas. Ela não foi a responsável, e ele sabe quem foi porque a pessoa confessou.

— Isso é triste — Harley respondeu.

— É — Ela o encarou e sorriu — Mas não é nosso problema. Você disse que nós nos casaremos na sexta-feira. Eu terei que pedir folga.

Ele torceu os lábios.

— Eu também. Você quer se casar na igreja?

Ela hesitou.

— Nós poderíamos?

— Sim. Eu farei o que for necessário. Que tipo de flores você quer para o buquê?

— Rosas brancas e amarelas — ela disse — Mas, Harley, eu não tenho um vestido de noiva. Você não quer uma festa grande?

— Não muito grande, mas você precisa de um vestido de casamento — ele respondeu solenemente — Se nós tivermos uma filha, ela poderá usar em seu casamento. Ou pelo menos poderá ser uma herança.

— Uma filha. Crianças... — ela prendeu o fôlego — Eu não havia pensado nisso... Oh, sim, eu quero filhos! Eu quero muitos!

O corpo dele ficou rígido.

— Eu também.

— Eu comprarei um vestido de noiva quando chegar em casa — ela disse — Eu precisarei de uma dama de honra. Você precisará de um padrinho — ela acrescentou rápido.

— Eu convidarei o senhor Parks — ele disse.

Ela sorriu.

— Eu não tenho muitas amigas. Será que a senhora Parks gostaria de ser a minha dama de honra?

— Eu acho que ela ficaria honrada — Harley respondeu — Eu pedirei a eles.

— Puxa — ela disse suavemente — Está acontecendo tão rápido — ela franziu a testa — Não estamos indo muito rápido, não é?

— Não muito — ele assegurou — Nós somos muito parecidos, Alice. Nós encaixaremos como um quebra-cabeças. Eu prometo. Eu cuidarei de você por toda a minha vida.

— Eu cuidarei de você — ela respondeu solenemente — E quero manter meu emprego.

Ele sorriu.

— Claro que sim. Você pode fazer viagens diárias, não pode?

Ela sorriu.

— Claro. Eu tenho um Honda.

— Eu já vi. Um belo carrinho. Eu tenho uma caminhonete, então nós faremos viagens. O senhor Parks me dará alguma terra e um pouco de gado puro-sangue. Tem uma velha casa na terra. Não é o melhor lugar, mas o senhor Parks disse que no minuto em que eu fizesse o pedido ele a reformaria — ele hesitou — Eu disse a ele que ia lhe pedir em casamento no sábado.

Ela abriu a boca.

— Sábado?

Ele concordou.

— Foi quando eu percebi que não podia viver sem você, Alice.

Ela aproximou-se dele, sem se importar com os olhares ao redor.

— Eu senti isso também. Como se eu conhecesse você há anos.

Ele beijou a testa dela e a apertou com força.

— Sim. Então nós temos um lugar para morar. O chefe vai deixá-lo em boa forma para uma lua de mel — ele ergueu a cabeça — Você se importa de morar em um rancho?

— Você está brincando? Eu quero cuidar de galinhas e aprender a fazer minha própria manteiga.

Ele riu.

— Verdade?

— Verdade! Eu odeio morar na cidade. Não posso nem mesmo ter um gato no meu apartamento, muito menos coisas que crescem — ela sorriu — Eu vou adorar!

Ele sorriu também.

— Eu vou lhe trazer um dos meus catálogos de galinhas. Eu gosto das extravagantes, mas as normais também são boas.

— Catálogo de galinhas? Você gosta de galinhas?

— O chefe as cria — ele disse — Eu recolhia os ovos para o senhor Parks, há alguns anos. Eu gosto de galinhas. Eu pensava em um pequeno rancho e achava que galinhas combinariam com o gado.

Ela suspirou.

— Nós seremos muito felizes.

— Pode acreditar que sim.

Os Parks apareceram, junto com os Steele e os Scott. Harley e Alice anunciaram seus planos, e os Parks concordaram em fazer parte da cerimônia. Outros cidadãos locais se aproximaram para parabenizá-los.

A meia-noite chegou logo. Os chifres passaram pelas mãos e foram jogados ao chão. A banda tocou “Auld Lang Syne” e todos se beijaram, choraram e jogaram confetes.

— Feliz ano novo, Alice — Harley sussurrou e inclinou-se para beijá-la.

— Feliz ano novo — ela passou os braços ao redor dele e retribuiu o beijo.

Ele a deixou no hotel com relutância.

— Eu não vou entrar — ele disse sorrindo de maneira travessa — Nós já descobrimos que eu não tenho autocontrole.

— Nem eu — ela suspirou — Eu acho que nós somos muito estranhos. A maioria das pessoas que se casa já vive junto há anos. Nós somos o casal estranho, esperando até depois da cerimônia.

Ele ficou sério.

— Isso se refere aos velhos ideais, à nobreza do espírito humano — ele disse suavemente — Tradição é importante. E eu adoro a idéia de castidade. Eu sinto muito por não ter esperado por você, Alice. Mas, eu não sabia que você apareceria. Eu achava que nunca encontraria alguém com quem dividiria minha vida — ele sorriu — Que surpresa você foi.

Ela aproximou-se e o abraçou.

— Você é o melhor homem que eu já conheci. Não se importa com o meu meio de ganhar a vida?

Ele deu de ombros.

— É um trabalho. Eu trabalho com gado e fico até os joelhos de lama. Não é muito diferente do que você faz. Nós dois ficamos cobertos de substâncias desagradáveis para fazer o nosso trabalho.

— Eu nunca pensei assim.

Ele a abraçou com mais força.

— Nós nos daremos bem. E esperamos, mesmo que o mundo inteiro pense que nós estamos doidos.

— Eu sempre fui meio anormal.

— Eu também.

— Além disso — ela falou se afastando — Eu nunca fui Maria vai com as outras. Você me ligará?

— Todos os dias — ele disse roucamente — Uma semana a contar de sexta-feira.

Ela sorriu calorosamente.

— Uma semana a contar de sexta-feira. Feliz ano novo.

Ele a beijou.

— Feliz ano novo.

Ele voltou até o seu carro. Não foi embora até ela ficar segura em seu quarto.

Capítulo 10

Alice esquecera, com a excitação, de contar a Harley sobre o recado do senador. Mas no dia seguinte, quando ele ligou, não teve tempo de falar. Então ela esperou até sexta-feira, quando ele ligou e estava de bom humor.

— Eu tenho um recado para você — ela disse hesitante — De seu pai.

— Meu pai? — ele disse depois de um minuto, e a voz estava sombria.

— Ele disse que cometeu alguns erros imperdoáveis. Ele quer a oportunidade de se desculpar por eles. A morte de sua irmã trouxe problemas para os seus pais que eles nunca conseguiram encarar.

— Sim, e eu nunca percebi. Quando você falou com ele?

— Ele veio me ver na segunda-feira, no meu escritório. Eu gosto dele — ela disse baixo — Eu acho que ele foi sincero, sobre querer fazer as pazes com você. Ele me deu o número de seu telefone particular — ela hesitou — Você quer?

Ele hesitou também, mas apenas por um segundo.

— Sim.

Ela ditou os números a ele.

— Eu não estou dizendo que vou ligar — ele disse depois de um minuto — Mas pensarei no assunto.

— Esse é o meu garoto — ela respondeu e sentiu-se queimar com a idéia. Mas ela tinha algumas preocupações — Harley?

— Uhm?

— Você sabe que nós nos conhecemos há poucas semanas... — ela começou.

— E você está com medo de nós estarmos apressando as coisas?

Ela deu de ombros.

— Você não está?

Ele riu suavemente.

— Alice, nós podemos esperar por muitos meses ou muitos anos, mas no final, nós vamos nos casar. Nós temos tanto em comum que nem mesmo um jogador profissional apostaria contra a gente. Mas se você quer esperar, querida, nós esperamos — ele limpou a garganta — Mas eu acho que não terei muito autocontrole. Só não espere se casar com um vestido branco, certo?

Ela riu.

— Ok, eu estou convencida. Nós nos casaremos em uma semana a partir de sexta.

— Use um véu — ele disse sério — É antiquado, mas é muito bonito.

— Não diga mais nada. Eu comprarei um véu muito especial.

— É mesmo? — ele perguntou.

— Eu lhe mostrarei.

— Certo. Eu ligo à noite.

Ela corou de prazer.

— Ok.

— Adeus, querida — ele disse e desligou.

Alice continuou segurando o telephone, suspirando, até que Longfellow entrou e a olhou de maneira estranha.

Alice afastou o telefone do peito e o colocou cuidadosamente na mesa.

— Magnetismo, Longfellow — ela disse zombeteira — Veja bem, uma explosão de magnetismo jogou o telefone contra o meu peito. Eu estava tentando afastá-lo — ela esperou ansiosamente pela resposta.

Longfellow torceu os lábios.

— Você pode acreditar nessa história, mas eu tenho motivos para acreditar que você ficou noiva recentemente. Então eu aposto que o seu namorado acabou de desligar.

— Quem disse que eu estava noiva? — Alice perguntou.

— Longfellow começou a contar nos dedos.

— Rick Marquez, Jon Blackhawk, Kilraven, Hayes Carson...

— Como você conhece Kilraven? — Alice quis saber.

— Ele continua me infernizando por causa do número de telefone — ela suspirou — Como se o laboratório do FBI não tivesse outras evidências para processar. Dá um tempo! — ela revirou os olhos.

— Se eles te ligarem, entre em contato comigo antes de falar algo a Kilraven, certo? — ela pediu — Eu quero ter certeza de que ele não vai fazer nenhuma burrada.

— Pode deixar — Longfellow prometeu. Ela encarou Alice — Se você quiser comprar um vestido de noiva, eu conheço o lugar ideal. E eu serei a sua consultora de moda.

Alice a olhou com dúvida.

— Espere um Segundo — Longfellow disse — Eu tenho fotos do meu próprio casamento, três anos atrás — ela as procurou no telefone e mostrou à Alice — Esse é o meu vestido.

Alice prendeu o fôlego.

— Onde diabos você conseguiu esse vestido?

— Em uma pequena boutique no centro, acredita? Eles bordaram a mão, embora no seu caso, ele provavelmente tenha que ser feito com máquina — e eles tem uma mercadoria muito boa para uma loja tão pequena.

— Nós podemos ir depois do expediente? — Alice perguntou entusiasmada.

Longfellow riu.

— Pode apostar.

— Obrigada.

— Sem problemas.

Alice escolheu um vestido dos sonhos, de cetim, com delicados bordados em amarelo, azul e rosa. Havia um longo véu que combinava, com pequenos bordados nas mesmas cores. Não era nem mesmo caro.

— Por que vocês não estão nos jornais? — Alice perguntou à dona, uma pequena morena — Eu nunca vi vestidos tão bonitos!

— Nós não agradamos a todos — veio a resposta — Mas para os poucos, nós estamos aqui.

— Eu espalharei a notícia — Alice prometeu.

— Eu já espalhei — Longfellow deu um risinho.

Do lado de fora da loja, com as compras seguramente colocadas no porta-malas do carro, Alice impulsivamente abraçou Longfellow.

— Muito obrigada.

— O prazer foi meu — Longfellow respondeu — Onde você morará?

— Ele tem um pequeno rancho — ela disse orgulhosa — Nós criaremos gado puro-sangue Santa Gertrudes. Mas até fazermos o nosso primeiro milhão com isso, ele continuará trabalhando como capataz, e eu ficarei com meu emprego aqui. Viajarei todos os dias.

— Você sempre quis viver no campo — Longfellow recordou.

Alice sorriu.

— Sim. E com o homem certo. Eu definitivamente o encontrei — ela suspirou — Eu sei que parece tolo. Nós nos conhecemos há pouco tempo...

— Minha irmã conheceu o seu marido e casou em cinco dias — Longfellow disse — Eles acabaram de celebrar os seus trinta e sete anos de casamento.

— *Trinta e sete anos?* — Alice exclamou.

— Bem, ele gostava de "*Jornada Nas Estrelas*" — Longfellow explicou — Ela disse que a partir disso soube tudo a respeito dele — que ele era inteligente, tolerante, inquisitivo, otimista sobre o futuro, sem preconceitos e um pouco estranho — ela deu de ombros e riu — Nada mal para uma leitura rápida dos personagens, não é?

— Não mesmo. Bom para ela!

— Faça o mesmo — Longfellow aconselhou — Eu não quero ver você se divorciando um mês depois de fazer os votos.

— Eu acho que posso dizer seguramente que isso não acontecerá — Alice disse, e sentiu-se confiante. Ela franziu a testa — Eu fico me perguntando se ele gosta de "*Jornada Nas Estrelas*" — ela pensou alto.

De fato, perguntou isso a ele naquela mesma noite.

— Eu gosto — ele respondeu — Todas as séries, todos os filmes, e especialmente o novo, sobre Kirk, Spock e McCoy como cadetes — ele fez uma pausa — E você?

— Eu adoro também — ela riu e em seguida explicou o por quê da pergunta.

Ele ficou sério.

— É um longo tempo — ele comentou sobre o casamento da irmã de Longfellow — Nós faremos igual, não é, Alice?

Ela sorriu.

— Sim, nós faremos.

Houve uma longa pausa.

— Você está se perguntando se eu liguei para aquele número que você me deu — Harley disse.

Ela riu com surpresa.

— Você lê mentes! Isso é ótimo! Se nós algum dia tivermos uma briga, você saberá porque eu fiquei zangada e saberá o que fazer!

— Eu só leio mentes de vez em quando — ele disse — Então não teremos brigas. Mas eu liguei para o meu pai. Tivemos uma longa conversa. Eu acho que nós podemos nos entender um dia com a minha mãe, e tentar resolver as coisas.

— Isso é maravilhoso — ela disse suavemente.

— Não vai ser fácil esquecer o passado, mas pelo menos nós tentaremos. Eu contei sobre o casamento a ele.

— E?

— Ele disse que nós seríamos um prato cheio para a mídia se ele aparecesse. Eu tive que concordar — ele disse — Eu não quero isso. Nem você. Mas nós fomos convidados para jantar na casa dele no dia em que voltarmos da nossa lua de mel.

— Eu adoraria.

— Eu também.

— Eu comprei um vestido de casamento. Com um véu. É lindo.

— Qualquer vestido ficaria lindo em você. Você é deliciosa, Alice.

Ela riu suavemente.

— Isso é a coisa certa a dizer.

— É mesmo.
— Eu sei.
— Quer assistir um filme amanhã à noite? — ele perguntou — Lançaram um sobre o natal.
— Seria divertido. Sim.
— Eu busco você às seis e nós jantamos primeiro.
— É um encontro.
— Uh, e nada de parar no seu apartamento depois. Eu vou para casa.
— Sim, Harley. Você vai para casa.
Houve uma breve pausa e os dois gargalharam.

Ele foi para casa, mas somente depois de uma calorosa sessão no sofá dela que acabou com ele se afastando e correndo para a porta. Ele acenou enquanto a fechava, deixando uma descabelada Alice deitada no sofá.

Estava chovendo no dia do casamento. Alice segurava uma sombrinha e Lisa Parks segurava o vestido enquanto elas corriam até a igreja debaixo de trovões. Cy Parks esperava no altar com Harley, que estava devastador em um smoking preto convencional, com camisa branca e gravata borboleta preta. Harley não conseguia afastar os olhos de Alice.

Lisa caminhou até o seu lugar. A igreja ficou em silêncio. Alice sorriu quando a marcha nupcial começou a tocar e ajustou o véu enquanto pegava o buquê que havia comprado. O véu escondia a umidade em seus olhos quando desejou de todo o coração que seus pais estivessem lá para vê-la.

Ela caminhou lentamente pelo corredor, ciente dos olhos curiosos e amigáveis que admiravam seu vestido. Leo Hart e sua mulher, Janie, estavam sentados em um banco. Alice não sabia, mas Janie havia namorado com Harley antes de se casar com Leo. Não era sério. De fato, Harley havia namorado várias mulheres do lugar, inclusive uma que o jogara fora como um sapato velho e ferira seu orgulho. Muitas pessoas achavam que Harley sempre seria o ombro amigo. Mas ali estava ele com uma mulher muito bonita e profissional, e ela tinha uma boa reputação como investigadora. Muitas pessoas de Jacobsville assistiam os programas de investigação de crimes. Eles sorriam ao pensar como seria legal ter um morador local que pudesse responder todas as perguntas que eles queriam fazer sobre investigação de homicídios.

Alice parou no altar, olhou para Harley e sentiu um momento de pânico. Eles mal se conheciam. Eram quase estranhos. Isso era insano...!

Mas, como se soubesse o que ela estava sentindo, a mão de Harley segurou a sua e a apertou, muito gentilmente. Ela o olhou nos olhos. Ele estava sorrindo, com amor, orgulho e confiança. Ela relaxou e sorriu de volta.

O ministro limpou a garganta.

— Desculpe — Alice gemeu e voltou a atenção a ele.

O ministro, que tinha uma filha da idade de Alice, sorriu para ela e começou o serviço.

Foi breve, mas emocionante. No final, Harley levantou o belo véu e beijou a noiva. Alice lutou contra as lágrimas e correspondeu ao beijo.

Eles saíram da igreja sob uma chuva de arroz e felicitações.

— Que bom que vocês não fizeram uma recepção — Cash Grier disse enquanto eles esperavam pela limosine que Cy Parks contratara para levá-los ao aeroporto, um dos vários presentes de casamento.

— Uma recepção? — Alice perguntou curiosa — Por quê?

— Nosso advogado local, Blake Kemp, fez uma — Cash explicou — Ele e sua mulher saíram para se arrumar para o lua de mel. Enquanto eles estavam fora, houve uma confusão. Um dos meus oficiais salvou o ponche, outro salvou o bolo e a maioria dos convidados foi para a cadeia — ele deu um risinho — Os casamentos em Jacobsville são interessantes.

Eles riram e concordaram.

Cy Parks se aproximou com Lisa quando a limosine apareceu e o motorista saiu para abrir a porta do passageiro.

Cy apertou a mão de Harley.

— Sua casa estará pronta quando você voltar — ele disse — Você fez o melhor.

Harley sorriu.

— Você nunca saberá o quanto isso significou para mim, o que você e Lisa fizeram para nós. Obrigado.

Cy ficou sombrio.

— Você é um bom homem, Harley. Eu espero que os meus filhos sejam como você.

Harley precisou manter a calma.

— Obrigado — ele gaguejou.

— Tenham uma boa lua de mel — Cy disse ao casal, e em seguida sorriu — Eu não deixarei os meninos Hart se aproximarem da sua casa.

— Os meninos Hart? — Alice perguntou.

Leo Hart inclinou-se sobre o ombro dela.

— Nós temos uma reputação por tornar os casamentos interessantes — ele disse sorrindo.

— Não ultimamente — Janie sorriu do lado dele.

Um homem alto e de olhos prateados, vestindo um uniforme, caminhou até eles. Kilraven. Sorrindo.

— Eu oferecerei um serviço de escolta policial até o aeroporto — ele disse a eles.

— Isso é muito gentil — Alice afirmou.

Ele suspirou.

— É o mínimo, já que não haverá recepção. Os casamentos estão ficando muito sérios por aqui.

— Por que você não se casa e faz uma recepção? — Cash Grier sugeriu.

Kilraven o encarou.

— E fazer com que as mulheres se joguem de prédios porque eu saí de circulação? Nos seus sonhos, Grier!

Todos riram.

Corpus Christi era uma bonita cidadezinha no Golfo do México. Tinha uma praia onde a areia era branca como açúcar, conchas e uma grande quantidade de lojinhas com lembranças e coisas bonitas para se comprar. Harley e Alice nem perceberam.

Eles planejavam se instalar no hotel e observar a praia da janela. Mas então um olhou para o outro.

As roupas caíram. Os botões saltaram. Roupas íntimas estavam em todos os lugares. Alice afastou as cobertas e caiu na cama poucos segundos depois do seu mais novo marido. Em um emaranhado de braços e pernas, eles devoraram um ao outro em uma onda crescente de paixão pelo que pareceu durar horas.

— O que você está esperando? — Alice gemeu — Volte aqui!

— Eu só estava... tentando tornar mais fácil... — ele começou.

— Mais fácil, o inferno! — ela arqueou-se, fazendo uma careta, porque aquilo realmente doía. Mas apenas por alguns segundos. Ela estremeceu, mas a febre logo boltou, e ela o arrebatou com um beijo que fez com que cada único pensamento desaparecesse de sua cabeça.

— Oh, puxa — ela disse quando o quarto parou de girar ao redor deles. Ela estava deitada embaixo de Harley, suando mesmo no quarto frio, estremeendo de prazer — Essa foi uma primeira vez memorável! — ela disse animada.

Ele riu.

— Eu estava tentando não machucá-la — ele afirmou.

Ela rolou sobre ele.

— E eu apreciei cada simples esforço, mas não foi necessário — ela murmurou enquanto o beijava — Eu estava morrendo por você!

— Eu percebi.

Ela ergueu-se e o olhou de maneira travessa.

— Eu estava morrendo por você também — ele respondeu diplomaticamente e deu um risinho — Você foi incrível.

— Assim como você — ela suspirou e pousou a bochecha no peito largo e cabeludo — Agora sei porque as pessoas não esperam mais pela noite do casamento.

— Algumas esperam.

— Ainda não é noite — ela recordou.

Ele riu suavemente.

— Acho que não.

Ela beijou o peito dele.

— Será que nós devemos ir comer no restaurante?

— O senhor Parks nos deu uma lua de mel de uma semana com serviço de quarto. Eu acho que nós não devemos insultá-lo por não usar — ele respondeu.

— Oh, eu concordo. Eu odiaria insultar o senhor Parks. Além disso — ela murmurou estremeendo — Eu acabei de pensar em uma coisa que nós podemos fazer para passar o tempo até a hora do jantar!

— Mesmo? — ele rolou radiante sobre ela — Mostre-me!

Ela mostrou.

Eles voltaram para casa com olheiras devido à falta de sono e com apenas algumas fotos e presentes de onde estavam. Na verdade, eles mal viram outra coisa a não ser o teto do quarto de hotel.

A casa do rancho era térrea. Era velha, mas bem cuidada, e tinha novos degraus e um balanço na varanda. Também estava coberta por uma nova camada de tinta branca.

— É simplesmente linda — Alice entusiasmou-se — Harley, parece a casa que eu morei quando era criança, crescendo em Floresville!

— Você cresceu em Floresville? — ele perguntou enquanto destrancava a porta e a abria.

Ela o encarou.

— Nós não sabemos muito sobre o outro, não é? Nós precisaremos de um pouco de tempo para acalmar um pouco as coisas.

Ele sorriu e a pegou no colo, para carregá-la até dentro da casa.

— Não prenda o fôlego esperando isso acontecer — ele avisou.

Ela sorriu e o beijou.

Ele a colocou no chão da sala de estar. Ela suspirou.

— Oh, meu Deus — ela disse suavemente.

Havia rosas em todos os lugares, vasos cheios delas, de todas as cores. Havia cachecóis coloridos e dois suéters (dele e dela), uma televisão grande, um DVD, um aparelho Xbox 360 e vários jogos, e uma cesta de frutas. Na mesa da sala de jantar, havia potes com pães e um recado colado no refrigerador. Estava cheio de comida aquecida. Além de um bolo para sobremesa.

— Bom Deus — Harley gaguejou. Ele pegou o recado e o leu — Felicidade e os melhores votos dos Scott, Parks, Steele, todos os Hart e os Pendleton — ele a encarou — Os Pendleton! Jason Pendleton é um multimilionário. Eu achei que ele fosse me matar em San Antonio... — ele hesitou em contar à sua nova esposa que ele já tentara namorar a meia-irmã de Jason, Gracie, que agora era a senhora Pendleton. Ele deu um risinho — Bem, eu acho que ele me perdoou. A mãe dele tem uma loja e ela costura. Aposto que ela fez os cachecóis para nós.

Alice tocou os delicados bordados.

— Eu ainda estarei escrevendo notas de agradecimento quando os nossos filhos estiverem na pré-escola — ela afirmou — Harley, você tem tantos amigos. Eu nunca notei — ela virou-se e sorriu para ele — Nós seremos muito felizes aqui.

Ele deu um risinho. Em seguida abriu os braços e Alice correu até ele, para ser abraçada e apertada.

— Você está com fome? — ele perguntou.

Ela o encarou e sorriu.

— Nós não tomamos café-da-manhã.

— E de quem foi a culpa, senhora Fowler? — ele brincou.

— Eu disse que estava com fome, e não de comida. Bem, não naquela hora. Eu poderia comer — ela acrescentou observando o bolo sobre a mesa.

— Eu também, e vi que tem frango frito na geladeira. É o meu preferido.

— O meu também — ela concordou — Eu não cozinho muito durante os dias de semana porque sempre estou trabalhando — ela o encarou preocupada.

— Eu posso cozinhar, Alice — ele assegurou sorrindo — E eu o farei quando precisar.

— Você é o melhor marido — ela suspirou.

— Que bom que você pensa assim — ele deu um risinho — Vamos procurar os pratos.

Eles assistiram televisão enquanto comiam os mais deliciosos pratos. Era uma sorte os dois gostarem dos mesmos tipos de programas. Mas eles não assistiram por muito tempo. A viagem de volta havia sido cansativa, e de muitas maneiras, havia sido uma longa semana. Eles dormiram rapidamente.

No dia seguinte, Alice precisou viajar até o seu escritório para checar os progressos na investigação enquanto Harley voltou ao trabalho no rancho. Ele tinha coisas a fazer, sem mencionar a sua própria manada de gado que precisava ser

alimentado e tratado antes que ele fosse até a casa do senhor Parks para fazer o seu trabalho.

Longfellow a recebeu na porta com um abraço.

— Vocês fizeram uma boa viagem?

— Adorável — Alice assegurou — Mas é bom voltar para casa. Nós tínhamos tantas comidas e presentes esperando por nós que não conseguimos acreditar. O senhor Parks reformou a casa de Harley e também nos deu um pequeno rebanho de gado puro-sangue como presente de casamento — sem mencionar a viagem de lua de mel. Que chefe!

Longfellow sorriu.

— É surpreendente como ele é generoso. Considerando o seu antigo trabalho, é um milagre ele ter sobrevivido, casado e feito uma família.

— Sim, eu sei o que você quer dizer — Alice respondeu — Alguma novidade sobre o pedaço de papel que nós mandamos para o FBI?

Ela balançou a cabeça.

— Tivemos os feriados, você sabe, e não somos o topo de linha para resultados rápidos — ela torceu os lábios — Você já não subornou pessoas para conseguir resultados mais rápidos? — ela brincou.

Alice riu.

— Já, mas não sei se o meu novo marido apreciaria esse tipo de coisa.

— Provavelmente não.

— Alguma novidade sobre a mulher que morreu na casa do senador Fowler? — Alice acrescentou.

Longfellow franziu a testa.

— Na verdade, o senador passou por aqui e lhe deixou uma mensagem. Eu acho que coloquei na sua mesa. Ele disse que você seria uma nora magnífica... Oops, eu não devia saber isso, não é?

Alice arregalou os olhos. Não havia pensado que agora era a nora do senador do Texas. Ela sentou na cadeira.

— Meu Deus do céu — ela disse ofegante — Eu não havia pensado nisso.

— Você terá influência, se algum dia precisar — a outra mulher disse travessa — Você pode ameaçar pessoas com isso!

Alice riu.

— Idiota.

— Eu ameaçaria as pessoas — veio a resposta. Em seguida ela franziu a testa — Especialmente Jon Blackhawk — ela acrescentou.

— O que Jon fez para você?

— Ele ligou para a minha casa, à meia-noite, para saber se o laboratório tinha resultados sobre aquela garrafa térmica que o xerife Hayes entregou a você.

— Por que ele queria saber isso?

Longfellow revirou os olhos.

— A investigadora que estava trabalhando com Marquez no caso Kilraven recordou-se de ter visto uma igual.

— Onde? Quando?

— Na casa de seu ex-marido — ela disse — Lembra-se daquele desenho em espiral? Era muito estranho alguém ter pintado aquilo com tinta acrílica.

— Nós podemos descobrir quem era o ex-marido dela? — Alice perguntou ansiosamente.

— Já descobri. Ele morreu há algumas semanas. A mulher com quem ele estava morando não soube dizer nada sobre os seus amigos ou visitantes, ou até mesmo

sobre a garrafa. A investigadora me disse que a mulher estava tão dopada de cocaína que mal podia saber onde ela estava.

— Pena — Alice disse infeliz.

— Sim, e aparentemente o ex-marido tinha problemas com drogas também. Pobre mulher — ela acrescentou suavemente — Ela estava tentando subir de cargo na divisão de homicídios, mas perdeu sua promoção quando ajudou Marquez a reabrir o inquérito sobre o caso Kilraven.

Alice não prestava muita atenção. Lembrou do recado que o senador havia deixado, pegou, abriu e leu. Ele havia falado com o chefe do departamento policial, estava escrito, que prometera a reintegração da investigadora no caso Kilraven. Ele também falara com o seu colega, o senador júnior, e o informara de que eles não tentariam esconder mais informações sobre qualquer investigação de assassinato, qualquer que fosse a pessoa. Ele também falara com o médico-legista, e a autópsia sobre a empregada do senador havia sido classificada como homicídio. Ele esperava que isso pudesse ajudar. Ele também falava que ela e Harley deviam ligar para avisar quando eles viriam jantar. Eles tinham um presente de casamento.

Alice riu suavemente.

— Ele esteve ocupado — ela disse à Longfellow sobre os resultados da mediação do senador — Que homem bom.

— Você é sortuda por ser relacionada a ele — a outra mulher deu um risinho — Eu disse a você que... Espere um segundo.

O telefone dela estava tocando. Ela o pegou, arqueou as sobrancelhas para Alice e puxou um papel e uma caneta em sua direção.

— Isso é muito bom! Nós não esperávamos por notícias tão rápido. Sim, eu estou pronta. Sim — ela estava escrevendo. Em seguida concordou com a cabeça — Eu peguei. Sim. Sim, é o suficiente. Obrigada! — ela desligou — O laboratório do FBI! — ela exclamou — Eles decifraram o resto dos números naquele pedaço de papel que você encontrou na mão da vítima em Jacobsville!

— Verdade? Deixe-me ver!

Alice pegou o papel e leu os números com um sentimento de vazio no estômago. Agora não havia dúvida, nenhuma, de quem a vítima pretendia ver em Jacobsville. O número era o do celular de Kilraven.

Capítulo 11

Kilraven esperava por Alice no Departamento de Polícia de Jacobsville. Alice dirigira até lá no meio do dia. Ela não queria que ele precisasse esperar pelas novidades, mas também não queria contar pelo telefone.

Ele ficou em pé quando ela entrou e logo após fechou a porta.

— Bem? — ele perguntou.

— O número no pedaço de papel que estava na mão da vítima — ela disse — Era o do seu celular.

Ele respirou fundo. Os olhos ficaram tristes e amargos.

— Ele sabia algo sobre o assassinato. Ele veio me dizer. Alguém soube ou suspeitou, e eles o mataram.

— Então eles souberam que Dolores, que trabalhava para o senador Fowler, podia ter ouvido alguma coisa do homem, e eles a mataram também. Esse é um negócio sujo.

— Muito — Kilraven respondeu — Mas esse caso vai quebrar o antigo — ele acrescentou — Tenho certeza disso. Obrigado, Alice — ele acrescentou em voz baixa — Eu lhe devo uma.

— Eu lembrarei — ela disse sorrindo — Mantenha-me informada, certo? Oh, tem outra coisa que eu quase esqueci. Aquela garrafinha que o xerife Hayes encontrou, a que estava sem impressões digitais? Sua investigadora em San Antonio a reconheceu! Pertencia ao seu ex-marido!

— Oh, caramba — ele disse sombriamente — Isso vai causar dor para alguém.

— Vai? Por quê?

— O ex-marido dela é tio de Winnie Sinclair.

— Winnie sabe disso? — Alice perguntou estarrecida.

— Não. E você não pode dizer à ela — os olhos dele tinham uma aparência dolorida — Eu encontrarei uma maneira de contar.

— Ele era o tipo de pessoa que se envolveria em um assassinato?

— Eu não sei. Mas ele está morto. O que ele sabia morreu com ele. Obrigado novamente, Alice. Eu a mantereí informada — ele prometeu.

Ela concordou e ele se afastou. Ela sentia a sua dor. Sua própria vida estava uma bagunça. Kilraven era um perito em angústia. Talvez ele pudesse pelo menos solucionar esse caso. E talvez a pequena Winnie Sinclair tivesse um futuro mais feliz do que o esperado. Obviamente, Kilraven parecia preocupado com os sentimentos dela.

Alice e Harley foram jantar com o senador e sua esposa. Eles estavam hesitantes no começo, com Harley, mas enquanto a noite passava, eles conversaram. Velhas feridas foram reabertas, mas também apagadas. Na hora em que os jovens Fowler partiram, Harley estava mais animado.

— Foi melhor do que eu esperava — Harley disse — Eu acho que nós três não tínhamos boas expectativas.

Ela sorriu.

— Eles ficaram orgulhosos quando souberam o que você fez com a sua vida. Você viu.

Ele sorriu.

— Eu cresci. Eu era um desmiolado quando fui trabalhar para Cy Parks — ele deu um risinho — Mas eu cresci rápido. E aprendi muito. Ainda estou aprendendo — ele a encarou quando dirigia — Que belo presente eles nos deram. Mas um pouco inesperados.

— Sim. Um telescópio — ela olhou através da janela traseira da caminhonete, observando-o em sua caixa, deitada no chão da caminhonete — Um Schmidt-Cassegrain de oito milímetros — ela brincou.

Ela sorriu.

— Você sabe o que é? — ele brincou.

— Oh, sim, eu fiz um curso de astronomia. Eu tenho volumes no meu escritório sobre... — ela parou. O senador estivera no escritório. Ela riu — Meu Deus, ele é observador.

— Meu presente também não é ruim.

Eles haviam dado a Harley uma nova sela, uma muito ornada que ele podia usar quando cavalgasse em desfiles.

— Alguém deve ter dito a ele o que você faz enquanto nós estávamos na lua de mel — ela adivinhou.

— Meu pai é um curioso — ele riu — Ele deve ter feito perguntas.

— Nós precisamos passar mais tempo com eles — ela disse — A família é importante. Especialmente quando não se tem mais nenhuma.

— Você tem tios — ele recordou.

— Sim, mas todos moram longe e nós nunca fomos próximos. Eu adoraria ter filhos. E eles precisarão de uma avó e de um avô, não é?

Ele deslizou a mão pelo banco e prendeu a dela.

— Sim — ele apertou os dedos delicados — Nós seremos felizes, Alice.

Ela encostou a cabeça no banco e o olhou com prazer.

— Nós seremos muito felizes, Harley — ela respondeu. Em seguida, fechou os olhos com um suspiro e sorriu — Muito felizes.

*****Fim*****



ISBN: 978-1-4268-4457-7

O REBELDE

Copyright © 2009 by Diana Palmer

Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora e usados ficticialmente, e qualquer ligação com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de trabalho, eventou ou locais é mera coincidência.